

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós Graduação em Urbanismo - PROURB

Orientanda: Teresa Hersen
Orientadora: Professora Doutora Andréa de Lacerda Pessoa Borde

Na Trilha Do Salgueiro: da Rua General Roca ao Parque Nacional da Tijuca.

Dissertação de mestrado

Rio de Janeiro
2014

Ficha Catalográfica

M772t Monteiro, Teresa Cristina Hersen
Na Trilha do Salgueiro: da Rua General Roca à
Floresta da Tijuca / Teresa Cristina Hersen
Monteiro. -- Rio de Janeiro, 2014.
137 f.

Orientadora: Andréa de Lacerda Pêsoa Borde.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo,
2014.

1. Favela. 2. Floresta. 3. Trilhas. 4.
Barreiras e Conexões. 5. Rizomas. I. Borde,
Andréa de Lacerda Pêsoa, orient. II. Título.

Dedico à minha família, que viveu
intensamente meu mestrado.
E, especialmente, à meu marido,
Bruno Milhomem.

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas participaram de alguma maneira dessa pesquisa que peço desculpas se, eventualmente, minha memória falhar.

Agradeço a meu primeiro orientador, Cristóvão Duarte, grande pesquisador de favelas, que deu o direcionamento inicial e fundamental para este trabalho. Além de encorajar meus desejos de pesquisa, que foram duramente criticados muitas vezes.

Meu querido tio Leonardo Hersen, por me apresentar o local, o Morro do Salgueiro, que viria a se tornar o recorte espacial de minha futura pesquisa, e por me ajudar no que fosse necessário.

Minha mãe Ludmila Hersen, por ser a incrível mãe desde que nasci, e está ao meu lado sempre que preciso, por me acolher em sua casa, quando ainda morava em Brasília e resolvi ingressar no mestrado no Rio de Janeiro, por estar com minha filha Isabel nos momentos que me ausentei, por abdicar de sua própria vida para estar conosco. E por me mostrar a cada dia que o amor vale a pena.

Meu pai, Arnaldo Monteiro, por ter me mostrado a importância dos livros, por ter se esforçado para proporcionar, com grande maestria, uma boa educação aos seus filhos até hoje. E por ser um homem corajoso e forte, que me ensina todos os dias que a vida não é fácil, mas vale a pena. Por nos encher de orgulho, a mim e ao meu amado irmão Diogo, em cada batalha vencida.

Meu irmão, Diogo Hersen, que com sua tranquilidade aparente sofreu e foi feliz junto comigo durante toda nossa vida. Por ser esse irmão inteligente, que com calma vence suas batalhas, e por ser aquele que estará eternamente ao meu lado.

Minhas avós, Nilde e Melita, que são graduadas, e exerceram a profissão. Por serem ativas e informadas, por serem grandes exemplos de mulheres.

Minhas filhas Isabel e Lina, que mesmo sem entender o que estava acontecendo viveram e sentiram meu estresse e foram a razão para que eu continuasse.

Meus amigos mestres, Leonardo Oliveira que me ajudou com revisões em meu trabalho, mesmo com o tempo tomado de trabalhos e família. E Luciana Freire que esteve ao meu lado até o final, revisando e organizando minhas ideias, não posso expressar tamanha gratidão pelas visitas sagradas de toda quarta-feira, agradeço toda amizade e a paciência de estar no meio do caos buscando a concentração. Nossas trocas intelectuais, sejam elas verdadeiramente sérias ou não, sempre me acrescentam muito. E

ainda, amigos mestres, por me incentivarem quando eu já não acreditava mais, por sanarem dúvidas e por aturarem minhas lamúrias.

À minhas amigas: Helena Schmidt e Fabiana Freire, que de alguma maneira viveram ao meu lado esse momento e se dispuseram a ajudar se fosse possível. Agradeço por serem minhas amigas de tantos anos e por terem se mantido presente neste intenso período.

À família do meu marido, Valquíria, Camila e Gabriel Milhomem, por todas as vezes que cuidaram das minhas meninas para que eu pudesse passar por mais alguma etapa deste mestrado. E que por afinidade, proximidade e carinho também são minha família.

Meus mais novos amigos Salgueirenses, especialmente, Denise Santos e Emerson Menezes, que me acolheram em seu espaço e sempre estiveram à disposição para me ajudar no desenvolvimento da pesquisa.

Aos que trabalham na favela do Salgueiro, principalmente, Nadia Bonfim, que se dispôs a conversar e compartilhar muitos materiais fundamentais para o entendimento do local, e por ser tão amável e competente no que faz.

Aos professores que estiveram presentes nessa jornada direcionando a pesquisa e estando sempre disponíveis e abertos a ajudar. Agradeço especialmente à Julieta Nunes, que com suas aulas me deixou mais encantada com a vida acadêmica.

A todos meus amigos que de alguma maneira torceram por mim e sentiram minha ausência. E a todos àqueles que participaram das minhas entrevistas e relatos da área.

À minha amiga jornalista Monique, que tive o prazer de reencontrar depois de anos, e, mesmo com seus estudos e filha para criar se dispôs a revisar minha pesquisa.

À Andréa Borde, minha querida orientadora, que topou assumir minha orientação aos 37 minutos do segundo tempo. Uma grande amiga que a vida me deu, a professora que norteou minhas pesquisas e minhas formações, palavras me faltariam para agradecer tamanha dedicação. Meu agradecimento e principalmente minha admiração pela simplicidade de uma pessoa cheia de conhecimentos que, com prazer, os compartilha.

Agradeço a CAPES que tornou possível a realização dessa pesquisa e aos funcionários do PROURB, sempre muito atenciosos e dispostos a resolver nossas questões enquanto mestrandos, em especial a Keila.

E, principalmente, ao meu amado companheiro, Bruno Milhomem, que em cada etapa da minha vida me mostra que estamos aqui e juntos. Agradeço por compreender minha ausência, por mais dolorida e estressante que ela fosse. Por ter me apoiado nesses anos de mestrado, me ajudado no que fosse preciso, por suportar a ausência de nossa filha no primeiro ano do estudo, por me socorrer em cada pedido de ajuda, por aturar minhas reclamações, meu mau humor, meu desânimo, minhas lágrimas. Por estar aqui comigo hoje, longe da sua cidade. Por ter me dado o que há de mais importante em nossas vidas: nossas filhas. Por construirmos juntos essa história. Pela linda família que temos e que me orgulho de fazer parte. Sem você não poderia concluir esse mestrado. A você meu amor, o meu mais profundo agradecimento!

Alvorada

Lá no morro, que beleza

Ninguém chora, não há tristeza

Ninguém sente dissabor

O sol colorindo

É tão lindo, é tão lindo

E a natureza sorrindo

Tingindo, tingindo.

(Alvorada - Cartola, Carlos Cachça e Hermínio Bello de Carvalho, 1968).

Na trilha do Salgueiro: da Rua General Roca ao Parque Nacional da Tijuca.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as possibilidades de conexão que existem na estrutura urbana da Favela do Salgueiro, na Tijuca, cujas fronteiras se definem, de um lado, com o bairro formal e, do outro, com o Parque Nacional da Tijuca. Em contraposição às conexões físicas que interligam bairro – favela – floresta, observamos que para muitos moradores e frequentadores da área essas conexões são percebidas como barreiras, induzindo-os, frequentemente, a usarem, apenas, setores do bairro.

O principal elemento conector estudado nesta pesquisa é a *trilha*. Esta via estreita, estruturada em redes, passaram por transformações formais e funcionais ao longo do processo de ocupação do Morro do Salgueiro e definiram morfologias características distintas de articulação morro/bairro formal. Pudemos constatar, contudo, que elas não têm sido plenamente aproveitadas pelos programas e projetos, sejam eles de caráter urbanístico ou não, implantados no local.

Analisou-se o ambiente natural e urbano no qual estas trilhas se inserem a partir de visitas técnicas e diálogos com a sociedade civil organizada local. A ausência de um traçado claramente delimitado conferiu a elaboração de bases cartográficas e iconográficas para melhor compreensão: das trilhas como elemento conector, da via de acesso à favela como elemento *limite* e ao mesmo tempo de expansão do bairro até a floresta. O que nos permitiu uma nova leitura da morfologia da Favela em relação ao traçado da cidade.

Tais trilhas, aqui definidas como rizomáticas, conectam a favela à outros pontos da cidade de forma imprevisível e não arborescente. Elas proporcionam uma vivência quase sempre diferenciada do espaço àqueles que fazem o percurso pela primeira vez, aos que são estranhos ao local ou àqueles que rapidamente se distraem e acabam por fazer um trajeto diferente do seu usual.

Por meio das recordações dos moradores da área, tanto da favela como do bairro *formal* nota-se que, apesar da recente permeabilidade do espaço favelado, promovido pelas políticas e projetos públicos, a favela continua sendo percebida como barreira para os moradores do bairro, dificultando a percepção da mesma como elemento de ligação.

Palavras-chave: trilhas, favela, Salgueiro, floresta, conexões e rupturas.

ABSTRACT

This research investigates the connection possibilities that exist in the urban structure of Favela do Salgueiro in Tijuca, whose boundaries are defined on the one hand, with the formal neighborhood and on the other, with the Tijuca National Park. Nevertheless, the study found out that for many locals and regulars of the area these physical connections, which link neighborhood - favela - forest, are perceived as barriers, making the community around the area use only official sectors of the neighborhood.

The main element studied in this research is the trail. This kind of narrow via structured in networks passed throughout formal and functional process during the occupation of the Morro do Salgueiro. Some transformations occurred and were defined morphologies and distinct characteristics of hill / formal neighborhood joint. The research points out, however, that they have not been fully utilized by the programs and projects, be they urban character or not deployed on site.

The natural and urban environment in which these trails are included were analyzed for this research from technical visits and dialogue with local civil society. The absence of a clearly defined route gave the elaboration of cartographic and iconographic foundation for better understanding: tracks as connector element; the access road to the slum as boundary element while expanding the district to the forest. This allowed us a new interpretation of the morphology of the favela in relation to the layout of the city.

These tracks, here defined as rhizomatic, connect the slum to other parts of the city and not unpredictably arborescent. They almost always provide a different experience of space to those who make the journey for the first time, also to those who are strangers to the place, or those who quickly get distracted and end up making a path different from usual.

Through the residents' memories, the study signalizes that, despite the recent slum permeability of space, promoted by public policies, the favela continues to be perceived as a barrier to neighborhood residents. As a result of that no acknowledgment has been given to these trails as an important element link.

Keywords: trails, slum, Salgueiro, connection, breaks.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: Contextualizando o Salgueiro	10
1.1 A Favela do Salgueiro	10
1.2 – Contexto Natural	13
1.3 – Contexto Urbano	17
1.4 – Da Rua às Trilhas	25
Capítulo 2: Aspectos Teórico- Metodológicos	29
Capítulo 3: Favela entre cidade e floresta.....	32
3.1-Floresta na Favela e Favela na Floresta	32
3.2 – Dentro da Favela	35
3.3 – Programas Urbanos para Favelas sem Entorno	36
3.3.1 – Favela Bairro.....	37
3.3.2 – A Pacificação e os Programas Pós Pacificação	41
3.3.2.2 – UPP Social (Rio+Social)	43
3.3.2.3 – Cimento Social.....	45
3.3.2.4 – Territórios da Paz	46
3.3.2.5 – Grupo de Turismo Intercomunitário Tijucano.....	48
Capítulo 4 – Caminhos além da Favela	53
4.1 – A imagem da Tijuca na área de entorno do Salgueiro	53
4.2 – Barreiras e Conexões.....	66
Considerações Finais	76
Apêndice A: Tabela Cronológica das Favelas	78
Apêndice B: Relatório de Visitas	79
ANEXO 01 – Plantas de Projetos Urbanos.....	91
ANEXO 02 – Percepção dos moradores e frequentadores da área de estudo	96
ANEXO 03: Matérias de Jornal	113
Bibliografia	124

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DE FIGURA E FUNDO, ANALISANDO A DENSIDADE DA ÁREA E AS DIFERENÇAS DE TIPOLOGIA. FONTE: HERSEN, 2014-----	1
FIGURA 2: MODELO DE RIZOMA SE OPONDO AO MODELO ARBORESCENTE. FONTE: HTTP://DANILOJOSEVIANADASILVA.BLOGSPOT.COM.BR/2012/03/PODER-CONSTITUINTE-E-RIZOMA.HTML E HTTP://WWW.CONSCIENCIA.ORG/MIL-PLATOS-CAPITALISMO-E-ESQUIZOFRENIA-DELEUZE-E-GUATTARI .-----	2
FIGURA 3: FAVELA DO SALGUEIRO DA PARTE ALTA AVISTA-SE PARTE DA TIJUCA. FOTO: HERSEN, 2012.-	3
FIGURA 4: MAPA MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO COM SUAS FAVELAS MARCADAS NA COR MAGENTA E UM DETALHE MAIS PRÓXIMO DA ÁREA DE ESTUDO, COM AS DATAS DE EVOLUÇÃO DO SURGIMENTO DE NOVAS FAVELAS, CONFORME LEGENDA. FONTE: RIOATLAS, IPP-RJ.-----	4
FIGURA 5: CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO MORADORA DE FAVELAS. FONTE: VEJARIO. 10/03/2010, ED. 2156.-----	6
FIGURA 6: A FAVELA É DELIMITADA DE UM LADO PELA FLORESTA E DO OUTRO PELO TRAÇADO DA CIDADE TRADICIONAL. FONTE: GOOGLEEARTH.-----	7
FIGURA 7: SALGUEIRO AO ANOITECER. FONTE: 12/07/2014 AS 09:35. HTTP://WWW.GUIADASFAVELAS.COM/ -----	10
FIGURA 8: PANORAMA DO BAIRRO DA TIJUCA NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO ENTORNO DO MORRO DO SALGUEIRO. FONTE: CARDOSO (1984).-----	11
FIGURA 9: VISTA DAS MONTANHAS DA TIJUCA, DESDE O RIO TRAPICHEIRO, ONDE SERIA IMPLANTADA MAIS TARDE A AV. HEITOR BELTRÃO. FONTE: CARDOSO, 1984.-----	12
FIGURA 10: MAPA DA ABRANGÊNCIA DA MATA ATLÂNTICA NO BRASIL, DESTACANDO-SE O ESTADO DO RIO DE JANEIRO.-----	14
FIGURA 11: RESERVA DE BIOMA DA MATA ATLÂNTICA EM 2008. FONTE: RBMA.ORG.BR 29/09/2014, 14:53.-----	15
FIGURA 12: OS QUATRO SETORES DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA, COM FAVELA DO SALGUEIRO DESTACADA EM VERMELHO. FONTE: PARQUEDATIJUCA.COM-----	16
FIGURA 14: SETOR SERRA DA CARIOCA, FAVELAS DO SALGUEIRO E ADJACÊNCIAS E ESTRADA DO SUMARÉ (EM VERMELHO). FONTE: GOOGLEMAPS.-----	17
FIGURA 14: MIRANTE NATURAL EM UMA DAS TRILHAS DA FAVELA DO SALGUEIRO. FOTO: HERSEN, 2014.-----	26
FIGURA 15: TRILHAS DO PNT: ESPAÇO DOS TURISTAS, ESPAÇO DO BANDIDO? FONTE: O GLOBO,2004.-	27
FIGURA 16: MAPA DA ÁREA DE ESTUDO. FONTE: GOOGLEEARTH.-----	18
FIGURA 17: AJARDINAMENTO DO LARGO DA FÁBRICA DE CHITAS. EM 1910, ENTRE DESEMBARGADOR ISIDRO E CONDE DE BONFIM, ONDE É ATUALMENTE A PRAÇA SAENS PEÑA OS TRILHOS NO CANTO DIREITO DESTINAVAM-SE ÀS LOCOMOTIVAS QUE FUNCIONARAM ATÉ 1866. FONTE: HTTP://WWW.SKYSCRAPERCITY.COM/SHOWTHREAD.PHP?P=88679104 EM 01/08/2014 – 15:10.18	18
FIGURA 18: PRAÇA SAENS PEÑA (1926/1984). DESENHOS FEITOS A PARTIR DE PESQUISA ICONOGRÁFICA DE UM ÂNGULO DA PRAÇA AO LONGO DO TEMPO. FONTE: CARDOSO, 1984.-----	20
FIGURA 19: MAPA COM BAIRRO QUE COMPÕE AS ÁREAS DE PLANEJAMENTO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. TIJUCA ESTÁ INSERIDA NA AP 2.2 FONTE: CENSO, 2000.-----	21
FIGURA 20: DECRÉSCIMO POPULACIONAL ENTRE 1991 E 2000, SEGUNDO CENSO. FONTE: IPP, 2014.---	21
FIGURA 21: A DIMINUIÇÃO DA CRIMINALIDADE NO BAIRRO DIVULGADA PELO SÍTIO DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, EM 2011. FONTE: HTTP://WWW.RJ.GOV.BR/WEB/IMPRESA/EXIBECONTEUDO?ARTICLE-ID=609787 , 23/10/2014, 14:00.-----	22
FIGURA 22: PARQUINHO REVITALIZADO NA PRAÇA SAENS PEÑA. FOTO: LEONARDO HERSEN, 2012. ---	22
FIGURA 23: DELIMITAÇÃO ÁREA DE ATUAÇÃO DA UPP. FONTE: SITE UPP RJ.-----	23

FIGURA 24: FAVELAS DO ENTORNO DO SALGUEIRO, NO MACIÇO DA TIJUCA. GOOGLE EARTH. -----	24
FIGURA 25: MAPA ESQUEMÁTICO COM ELEMENTOS DA "PRIMEIRA" IMAGEM DO BAIRRO, SEGUINDO METODOLOGIA DE LYNCH. FONTE: HERSEN, 2014. -----	30
FIGURA 26: MAPAS PRODUZIDOS POR USUÁRIOS -----	31
FIGURA 27: FAVELA DO SALGUEIRO INSERIDA NA CIDADE E NA FLORESTA, COM SEUS CAMINHOS EXTRAPOLANDO OS LIMITES E PENETRANDO NO MATO. DESENHO: HERSEN, 2014. FONTE: GOOGLEMAPS. -----	32
FIGURA 28: VISTA DA FAVELA DO TURANO DE DENTRO DE UMA TRILHA, JUNTO COM A VEGETAÇÃO E NATUREZA QUE AS FAVELAS DO MACIÇO SE ENCONTRAM. FOTO: HERSEN, 2014. -----	33
FIGURA 29: JORNAL O GLOBO, 1985. VER REPORTAGEM COMPLETA NO ANEXO 2. -----	34
FIGURA 30: CANAL DOIS DIAS DEPOIS DE UM MUTIRÃO PARA RETIRAR O LIXO DO LOCAL. FOTO: HERSEN, 2012. -----	35
FIGURA 31: BAR CALÇA LARGA ONDE ACONTECEM SAMBAS TRADICIONAIS. FOTO: HERSEN, 2012.-----	35
FIGURA 32: HORTA COMUNITÁRIA, ESPAÇO CUIDADO E CRIADO PELOS MORADORES. FOTO: HERSEN, 2012. -----	36
FIGURA 33: OBRA PARA A ABERTURA DE VIA DO PROGRAMA FAVELA-BAIRRO. FONTE: LIVRO COISAS DO MORRO, GILBERTO MAGALHÃES. -----	38
FIGURA 34: ANTES E DEPOIS PROGRAMA FAVELA BAIRRO NA FAVELA DO SALGUEIRO. FONTE: WWW.JAUREGUI.ARQ.BR -----	39
FIGURA 35: MOBILIÁRIO URBANO DETERIORADO NA FAVELA DO SALGUEIRO. FOTO: HERSEN, 2012. ---	39
FIGURA 36: PLANTA GERAL DO FAVELA-BAIRRO, PELA EMPRESA AMBIENTAL, QUE TINHA O CONSÓRCIO DA OBRA, MOSTRANDO A INTENÇÃO DE SE CONSTRUIR UM MURO LIMÍTROFE EM UMA PARTE DOS LIMITES OFICIAIS DA FAVELA. -----	40
FIGURA 37: CROQUI MOSTRANDO BARREIRAS FÍSICAS EXISTENTES E AS QUE SE PRETENDE CRIAR. FONTE: HERSEN, 2014. -----	40
FIGURA 38: DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ATUAÇÃO DA UPP E A AREA DAS DUAS FAVELAS (SALGUEIRO E CORÉA) QUE A UPP SALGUEIRO ABRANGE. FONTE: SABREN/IPP, 2011, ISP, 2011. -----	43
FIGURA 39: SETORES EXISTENTES, QUE SERVIRAM PARA ENTENDER MELHOR O PERFIL DOS MORADORES DO SALGUEIRO. FONTE: RIOMASOCIAL.ORG.BR -----	44
FIGURA 40: CASAS CONSTRUÍDAS PELO PROGRAMA CIMENTO SOCIAL. FONTE: SITE MARCELO CRYVELLA. 20/10/2013, 08:45. -----	45
FIGURA 41: DIVULGAÇÃO DA TRILHA GUIADA POR UM MORADOR DO TURANO. FONTE: FACEBOOK, 09/02/2014. -----	48
FIGURA 42: MANCHETE DO JORNAL MEIA HORA EM REPORTAGEM SOBRE CAMINHADA DA PAZ. VER REPORTAGEM COMPLETA NO ANEXO 03. -----	49
FIGURA 43: REPORTAGEM DO JORNAL O GLOBO DE 23/07/2014. -----	50
FIGURA 44: ESTAÇÕES DE MONOTRILHO E ELEVADOR DENTRO DA FAVELA DO SALGUEIRO, SEGUINDO PROJETO DO PAC 2. -----	50
FIGURA 45: DIMINUIÇÃO DA ÁREA DE FAVELA COM ÁREAS DE REFLORESTAMENTO E HORTA COMUNITÁRIA. SEGUINDO PROJETO DO PAC 2. -----	51
FIGURA 46: CHAMADAS DA PLANTA DO PROJETO DO PAC 2 SINALIZANDO AS INTEGRAÇÕES DO BAIRRO FORMAL COM A FAVELA. -----	52
FIGURA 47: ÁREA DE ESTUDO. FONTE: HERSEN, 2014. -----	53
FIGURA 48: DELIMITAÇÃO DA ÁREA A SER ANALISADA. FONTE: GOOGLEEARTH EM 02/10/2014. -----	54
FIGURA 49: MAPA ESQUEMÁTICO DA ÁREA DESTACANDO AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DO BAIRRO. FONTE: HERSEN, 2014. -----	55
FIGURA 50: MAPA DE ESQUEMÁTICO DESTACANDO EDIFÍCIO DE COMÉRCIO E SERVIÇO DA ÁREA DE ESTUDO. FONTE: HERSEN, 2014. -----	56
FIGURA 51: MAPA ESQUEMÁTICO DA ÁREA DE ESTUDO, SÓ COM VIAS E FLUXOS DO EIXO DETERMINADO. FONTE: HERSEN, 2014. -----	57

FIGURA 52: A FORMA VISUAL DA VISITA DE CAMPO. FONTE: HERSEN, 2014. -----	59
FIGURA 53: VIAS DO BAIRRO SE PROLONGANDO PELA FAVELA, QUE POR SUA VEZ SE ERRADIA PELA FLORESTA OU O CONTRÁRIO. FONTE: GOOGLEMAPS, 2014. -----	60
FIGURA 54: MAPA DAS RECORDAÇÕES DA RUA GENERAL ROCA. ESTE É TRATADO PELA INTENSIDADE DO FLUXO NA ORDEM: VERMELHO (INTENSO), VERDE (MODERADO) E AZUL (FRACO). SENDO O TRACEJADO UM CAMINHO USUAL (A PÉ) DESTA USUÁRIO E POR ALGUNS MARCOS. SENDO O PRINCIPAL PONTO NODAL O ENCONTRO COM A RUA DESEMBARGADOR IZIDRO. PARTICIPANTE 15, 2014. -----	61
FIGURA 55: MAPA DAS MEMÓRIAS DO BAIRRO PELO PARTICIPANTE 16, 2014. -----	61
FIGURA 56: CAMINHOS DA CULTURA DO MORRO DO SALGUEIRO, INTERCÂMBIO JUVENTUDEARTE. DEZEMBRO, 2011. -----	63
FIGURA 57: ANÁLISE DAS ALTERAÇÕES PRODUZIDAS POR PROGRAMAS URBANOS NO ENTORNO DA QUADRA DE ESPORTES EM PLANTA BAIXA. FONTE: HERSEN, 2013.-----	64
FIGURA 58: MAPA MOSTRANDO VIAS, FLUXOS, PONTOS NODAIS, MARCOS E CURVAS DE NÍVEL DO BAIRRO. FONTE: OPENSTREETMAP, NOV. 2014.-----	66
FIGURA 59: CROQUI MOSTRANDO A EXPANSÃO DO BAIRRO E DA FAVELA. NOV., 2014. -----	67
FIGURA 60: COMPARATIVO DOS TECIDOS URBANOS DA TIJUCA, PRÓXIMO AO SALGUEIRO. O PRIMEIRO MAPA DE 1929 E O SEGUNDO DE 2009. NO CANTO INFERIOR ESQUERDO APARECE A FAVELA DO SALGUEIRO, EXPANDINDO O TECIDO DO BAIRRO. FONTE: HTTP://WWW.SKYSCRAPERCITY.COM/SHOWTHREAD.PHP?P=104777002. 06/10/2014, 14:00.----	68
FIGURA 61: MAPA GOOGLEMAPS COM PONTOS EM DESTAQUE. FONTE: GOOGLE, 2014. -----	69
FIGURA 62: MAPA SEPARANDO POR CORES AS FASES DE CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA. FONTE: HERSEN, 2014. -----	70
FIGURA 63: MURO DE PEDRAS ENTRE SALGUEIRO E TURANO. FONTE: HERSEN, 2012. -----	71
FIGURA 64: GRÁFICO ESQUEMÁTICO DOS USOS CRONOLÓGICO DAS TRILHAS. FONTE: HERSEN, 2014. -----	72
FIGURA 65: EM DESTAQUE A ESTRADA DO SUMARÉ. FONTE: GOOGLE, 2014. -----	72
FIGURA 66: MAPA ESQUEMÁTICO MOSTRANDO A BARREIRA QUE A ESTRADA DO SUMARÉ (ENTRE OS SETORES AMARELO E AZUL) FAZ DENTRO DO PNT, SENDO EM VERMELHO A FAVELA DO SALGUEIRO. -----	73
FIGURA 67: CASA DO PADRE. FONTE: HTTP://EXTRA.GLOBO.COM/NOTICIAS/RIO/CASA-EM-QUE-PAPA-VAI-FICAR-NO-RIO-TERA-APOSENTO-SIMPLES-PARA-PONTIFICE-9043158.HTML (01/07/2014 - 20:45)-----	73
FIGURA 68: TRILHA REALIZADA COM GRUPO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO SAINDO DA FAVELA DO SALGUEIRO. FOTO: LEONARDO HERSEN. MARÇO/2012. -----	74
FIGURA 69: MAPEAMENTO POR GPS DE TRILHA INICIADA E FINALIZADA DENTRO DA FAVELA DO SALGUEIRO. FONTE: LEONARDO HERSEN, 2012. -----	74
FIGURA 70: MAPEAMENTO DE UM PERCURSO POR GPS, SENDO ESTA INICIADA E FINALIZADA NA PRAÇA SAENS PEÑA. FONTE: LEONARDO HERSEN, 2012. -----	75
FIGURA 71: MESMO MAPEAMENTO DA FIGURA 62, MAS AGORA SINCRONIZADO COM OUTRO PROGRAMA ONLINE, QUE PERMITE DESCREVER KMS PERCORRIDOS. -----	75
FIGURA 74: TERRENO CHEIO DE LIXO. FOTO: HERSEN, 2012. -----	80
FIGURA 75: TRILHA PERCORRIDA EM 2012. FOTO: HERSEN, 2012. -----	80
FIGURA 76: OBRAS DE DEMOLIÇÃO PARA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA CIMENTO SOCIAL. FOTO: HERSEN, 2012.83	83
FIGURA 77: OBRAS DE DEMOLIÇÃO PARA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA CIMENTO SOCIAL. FOTO: HERSEN, 2012.83	83
FIGURA 78: ESCADARIA CONSTRUÍDA NO PROGRAMA FAVELA BAIRRO E BASTANTE DETERIORADA ALGUNS ANOS APÓS A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA. FOTO: HERSEN, 2012. -----	83
FIGURA 79: VISITANTES POUCO ANTES DA LARGADA DO EVENTO TRILHA CARIOCA, FOTO: HERSEN, 2012. -----	86
FIGURA 80: POLICIAIS DE MOTO, INICIANDO A CAMINHADA NA FRENTE DOS TRILHEIROS. FOTO: HERSEN, 2012. -----	86

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta os resultados do estudo morfológico realizado sobre a conexão orgânica que se estabelece no tecido urbano da Tijuca, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, a Favela do Salgueiro, seu entorno imediato e o Parque Nacional da Tijuca. Analisou-se, mais especificamente, o prolongamento da Rua General Roca até o PNT através das trilhas que atravessam o Salgueiro. Neste recorte, a investigação sobre o papel das trilhas no processo de formação, transformação e consolidação da área (bairro e favela) ganhou destaque, ao se configurarem como um contexto urbano particular, e as relações deste com o contexto natural limítrofe.

Após os primeiros séculos do processo de formação do espaço urbano carioca, caracterizados pelo adensamento concentrado em torno do núcleo urbano original e pelo desenvolvimento de pequenos núcleos fragilmente conectados entre si no território, no início do século XIX as novas condições políticas, administrativas, econômicas, sociais e culturais da cidade contribuem para promover a expansão da malha urbana, estabelecendo conexões mais sólidas entre os diversos núcleos. Novos espaços são ocupados, redesenhando a malha urbana carioca. Processos quase concomitantes de consolidação de algumas áreas, expansão e, até mesmo, supressão de outras, contribuem para imprimir uma característica rizomática ao processo de formação do espaço urbano carioca nos dois últimos séculos. Uma conexão orgânica entre os dois modelos e o contexto natural do PNT, na qual a ligação entre a Rua General Roca, as trilhas do Salgueiro e o Parque Nacional da Tijuca acontece como linhas arborescentes e rizomáticas. (Figura 01)



Figura 1: Mapa de Figura e Fundo, analisando a densidade da área e as diferenças de tipologia. Fonte: Hersen, 2014

O modelo rizomático, baseado na multiplicidade (Figura 02), se opõe ao modelo arborescente e unitário construindo-se, portanto em um novo sistema, em que a metáfora vegetal do rizoma é transformada em conceito filosófico. (JACQUES, 2007)

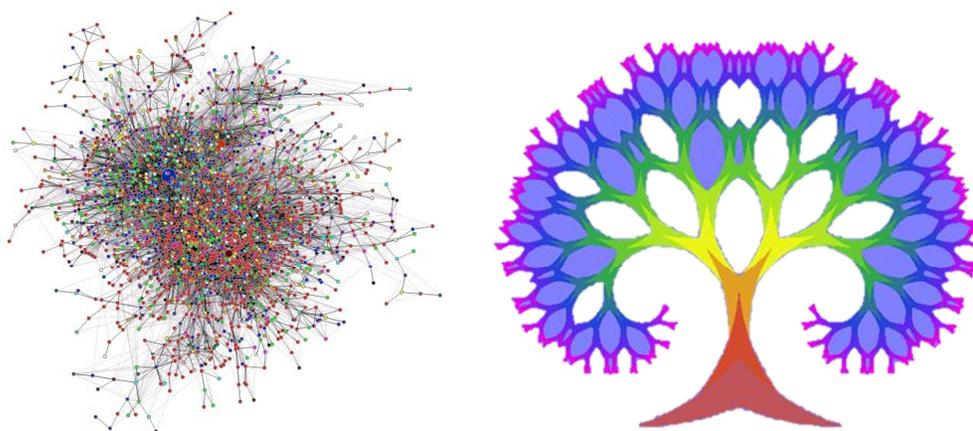


Figura 2: Modelo de Rizoma se opondo ao Modelo Arborescente. Fonte: <http://danilojosevianadasilva.blogspot.com.br/2012/03/poder-constituente-e-rizoma.html> e <http://www.consciencia.org/mil-platos-capitalismo-e-esquizofrenia-deleuze-e-guattari>.

Uma das expressões da lenta substituição deste modelo arborescente e hierarquizado, por um modelo rizomático é o processo de ocupação dos morros cariocas da área central inicialmente, mas em seguida, das áreas consolidadas e, mais recentemente, das áreas de expansão (neste caso, principalmente, das áreas planas) por favelas desde o final do século XIX.

Os diversos fatores que contribuíram para o surgimento destes assentamentos como estratégia para sobrevivência dos segmentos socioeconômicos de mais baixa renda foram muito bem organizados no clássico estudo de Valladares (2008) e de Silva (2005) este mais especificamente sobre três décadas entre a Revolução de 1930 e o Golpe de 1964. Neles nos referenciaremos para localizar a formação da Favela do Salgueiro na área de estudo. No entanto, praticamente desde que os primeiros morros cariocas foram ocupados por favelas existem projetos para intervir nestes assentamentos seja privilegiando a remoção (início do século XX, anos 1960), combinada, ou não, com reassentamento (anos 1960, 2000). A realização de obras via mutirão remunerado ou ainda projetos sociais (desde 1990).

Nesta brevíssima introdução ao tema, não podemos deixar de mencionar:

- A) O descompasso e a descontinuidade entre estes projetos e as políticas de provisão de moradia, historicamente insuficientes para atender à demanda da população;
- B) O crescimento em número e área destes assentamentos ao longo dos anos;
- C) A transformação de áreas verdes dos morros em contexto urbano;
- D) A entrada de facções criminosas controlando o tráfico de drogas (Zaluar, 1998).



Figura 3: Favela do Salgueiro da parte alta avista-se parte da Tijuca. Foto: Hersen, 2012.

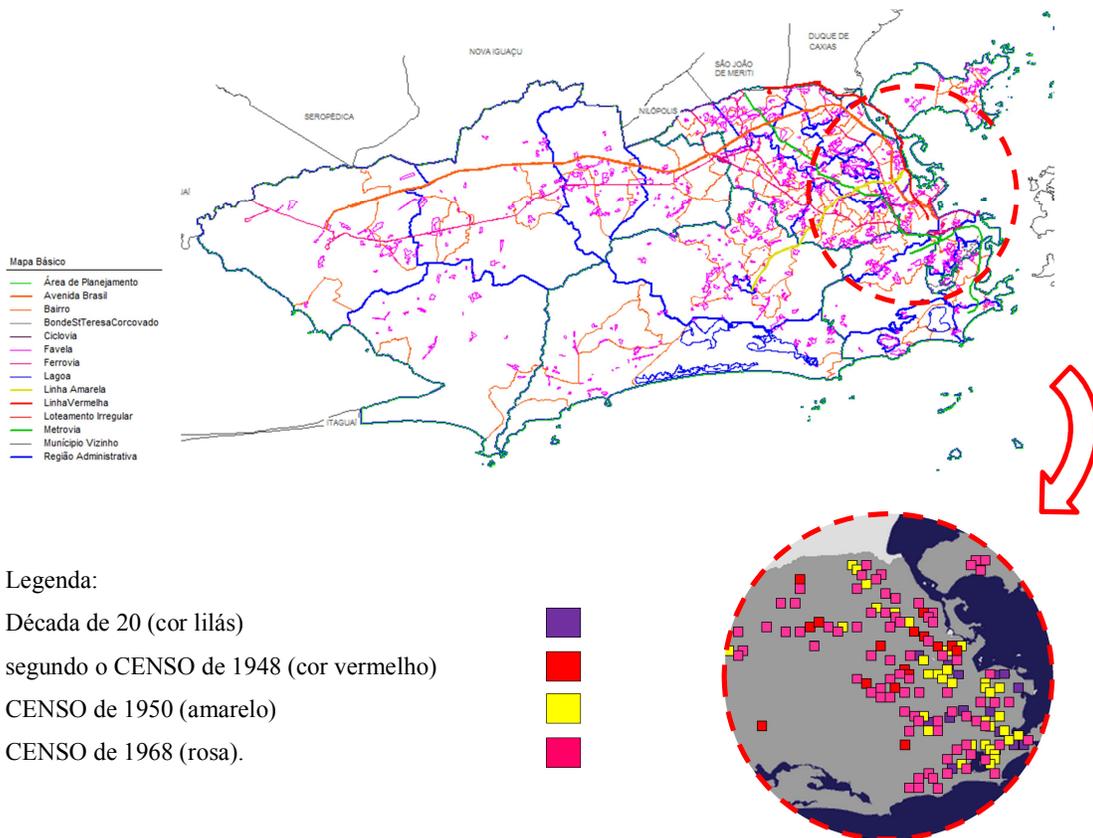


Figura 4: Mapa município do Rio de Janeiro com suas Favelas marcadas na cor magenta e um detalhe mais próximo da área de estudo, com as datas de evolução do surgimento de novas favelas, conforme legenda. Fonte: RioAtlas, IPP-RJ.

Analisar a articulação entre o contexto urbano dos tecidos do bairro e da favela e o contexto natural do Parque Nacional da Tijuca é sublinhar a convivência que se estabelece na cidade do Rio de Janeiro desde o século XIX com um processo rizomático de formação e expansão das favelas sendo este inclusive um dos elementos característicos da morfologia urbana carioca (Figura 4). Este processo ocorreu quase que, indissociavelmente, dos diversos planos e projetos propostos e /ou implementados nestas áreas caracterizadas pela autoprovisão de moradia como estratégia de sobrevivência de uma população insuficientemente abastecida pelos poucos e descontínuos programas habitacionais, a fim de reestruturar sua relação com a cidade com diferentes propósitos: remoção, reassentamento, urbanização.

Do ponto de vista da morfologia urbana, muitas favelas localizadas em morros e inseridas no tecido consolidado da malha urbana carioca se caracterizam por terem começado a se formar predominantemente autônomas em relação à malha urbana da área de entorno com a qual se conecta por tênues conexões, as trilhas.

Com o tempo os dois traçados foram, muitas vezes se expandindo na direção um do outro. Este tecido híbrido, no entanto, nem sempre se destacou pela permeabilidade e conectividade, mas, em muitos casos, justamente ao contrário, por se construírem em barreiras físicas, visuais e simbólicas a resguardarem a privacidade dos distintos ambientes urbanos.

A atuação do Estado que oficialmente havia começado a se tornar, no final do século XIX¹ (Borde, 2001), em favelas se inicia sob a forma de remoção. Acreditava-se, portanto, que estes assentamentos eram ambientes insalubres e perigosos. Incompatíveis, com a cidade cosmopolita almejada no alvorecer do século XX para a Capital Federal. Os reassentamentos não extinguiram todas as favelas.

¹ No Morro da Favela, na área central do Rio.

em 1891 se torna Distrito Federal

1930	1935	1937	1940
<p>Agache diz que a favela é uma escolha, dando outras opções habitacionais elas naturalmente se extinguirão. O governo deve coibir novas ocupações</p>		<p>Proibe a construção de novos casebres</p>	
<p>Plano Agache: considerado primeiro Plano Diretor para a cidade do Rio de Janeiro, propõe várias tipologias para habitação popular</p>	<p>CENSO Predial: listava casebres por logradouros, apresentava plantas em 1:5000</p>	<p>Código de Obras: Reconhece a existência de favelas, proibe a construção de novas favelas e dispõe-se a administrar e controlar o crescimento</p>	<p>Relatório Moura: informações concretas sobre as favelas, base da política dos Parques Proletários, mapa dos terrenos mostrando a diversidade das ocupações</p>
	<p>Publicação do Romance Salgueiro, de Lúcio Cardoso</p>		
<p>1932 primeiro desfile oficial de escolas de samba</p>	<p>Publicação do Romance Salgueiro, de Lúcio Cardoso</p>		

1941	1946	1948	1954
Remoções de inúmeras favelas para os parques proletários, com intuito de resolver não só a questão habitacional, mas colaborar para a formação de um novo homem	Fundação Leão XIII: assistência material e moral as populações por ações voltadas a educação e a saúde, e da criação de centros de ação social em diferentes favelas.		Criação da União dos Trabalhadores Favelados - UTF : alianças de grupos de diferentes favelas em busca de interesses comuns, reorganização de movimentação política dos favelados
Demolição do Morro de Santo Antônio , abertura de um novo espaço no centro da cidade, Parque Proletário da Gávea (n 01, outros 2 foram construídos até 1943)	Criação de uma comissão federal para a supressão das favelas, Fundação Leão XIII	Primeiro CENSO das Favelas do Rio de Janeiro: registra 139 mil pessoas vivendo em favelas, cerca de 7 % da população	Cruzada São Sebastião 1955 : produção de moradias novas e equipamentos de infraestrutura, construindo e colocando gestão coletiva.
	Fundação Leão XIII	CENSO considera a Favela do Salgueiro	Salgueiro participou junto com outras 7 favelas da reunião de oficialização, Acadêmicos do Salgueiro é fundada.
		Anesca do Salgueiro compõe seu primeiro samba "Maravilhas do Brasil"	Em 5 de março de 1953 é fundada a Acadêmicos do Salgueiro, fruto da união das 3 escolas de samba da Favela do Salgueiro
	Após um longo período de abandono a manutenção sistemática é retomada em 1944, com auxílio de Burlle Marx, que molda a atual feição do parque.		

1960 - 1975 Estado da Guanabara, quando a capital é transferida para Bras			
1958	1966	1967	1968
	Plano Doxiades faz levantamento aerofotogramétrico específico das favelas. (1964)		
Relatório SAGMACS: Aspectos Humanos das Favelas Cariocas, análise sócio-econômica, por um jornal de São Paulo; SERFHA: aplicação do relatório da SAGMACS; política flexível; atuou apenas apoiando a Cruzada São Sebastião e a Fundação Leão XIII	Criação do BNH (banco, produção habitacional e implantação de infraestrutura) e SERFHAU (elaboração de planos, programas e projetos visando ao desenvolvimento municipal e micro-regional)	CODESCO: suporte técnico, empréstimos para materiais de construção, participação dos moradores. SERFHAU deixa de ser um órgão de apoio ao sistema de habitação e para um instrumento de apoio ao planejamento urbano e local.	Criação da CHISAM: órgão federal encarregado da remoção dos favelados, removeu 100 mil pessoas de 1968 até 1975, realocando-os em conjuntos habitacionais muitas vezes distantes do local de origem e com custos elevados para o morador.
Em 1960 Acadêmicos do Salgueiro é a escola de samba campeã, com o enredo "Quilombo dos Palmares", composto por Anescar do Salgueiro e Noel Rosa de Oliveira	Hélio Oiticica cria vínculos com a Favela da Mangueira e o samba da Mangueira, iniciando esse encontro em 1964.	Oiticica expoe um Penetrável inspirado no Morro da Mangueira, clímax da sua obra Tropicália, pela primeira vez no MAM - exposição Nova Objetividade	
1961 é criado o parque nacional do Rio de Janeiro.	É tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	E em 1967 passa a se chamar Parque Nacional da Tijuca, único parque do Brasil localizado em área urbana, e um dos maiores do mundo. Antes conhecido como Parque Nacional do Rio de Janeiro	

Iniciam-se, então, alguns programas de melhoramentos, antes do Estado, a Igreja Católica se une aos favelados, reivindicando por direitos. Já em 1979, o Programa *Promorar* admite reassentamento *ou* urbanização de núcleos favelas, sendo o primeiro a pensar na possibilidade de urbanizar.

Do *Promorar* até os dias de hoje muitas outras tentativas de remoção, reassentamento e urbanização aconteceram, melhorias foram, de fato, implantadas, mas nenhuma conseguiu acabar com a segregação destes espaços e a violência da cidade pareceu aumentar no decorrer desses anos, vinculando esta questão quase sempre a existência das favelas. Assim, inspirado em outros programas de segurança cidadã, principalmente no caso da Colômbia², se iniciam as chamadas políticas de pacificação na cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que no Rio de Janeiro a população moradora em favelas cresce mais do que a população da cidade como um todo (Figura 5). O que torna especialmente relevante novos estudos sobre as favelas e suas articulações com os contextos urbano e natural.

As intervenções mais recentes promovidas pelo Estado em áreas de favela têm sido justificadas pela Segurança. Em 2008, começam a ser implantadas pelo Governo do Estado as Unidades de Polícia Pacificadora³ (UPP), com o objetivo de acabar “*a presença ostensiva de armas e do tráfico de drogas dentro das favelas*”⁴. No entanto, um dos aspectos importantes que não foi considerado neste programa, foi o mapeamento do uso do espaço tal como praticado pelos seus habitantes, uma vez que eles se deslocam para além dos limites da favela.

² Na Colômbia, foi implantado o Plano Colômbia, um programa elaborado em 1999 pelo Governo Americano com intuito de aumentar sua presença no território colombiano, com uma ajuda financiada. Foi implantado principalmente em Medellín e Bogotá, onde obras de caráter social precediam a expulsão de traficantes e paramilitares. Vale ressaltar que a questão colombiana se inicia em 1964 com a formação do grupo de guerrilheiros FARC, os quais lutavam, inicialmente, por uma Reforma Agrária. Com sua atuação violenta surgem os paramilitares (ou milicianos) que cobram ilegalmente para proteger os proprietários de terra. Estes dois grupos posteriormente se tornam responsáveis também por outros problemas, como o do tráfico de entorpecentes.

³ As UPPs foram implantadas recentemente e ainda não apresentam muitas pesquisas que evidenciem sua atuação em todos os locais já aplicados, alguns se mostram a favor e outros contra, porém esta questão não será debatido neste estudo, apesar de estar intimamente ligada as alterações espaciais que acontecem atualmente no local analisado.

⁴ <http://www.upprj.com/>



Figura 5: Crescimento da população moradora de favelas. Fonte: VejaRio. 10/03/2010, ed. 2156.

Os programas habitacionais não solucionam a questão habitacional fazendo com que a favela ainda se mantenha como uma estratégia de sobrevivência àqueles que não têm outra opção de moradia. Da mesma forma, a recente “política de pacificação” adotada pelo governo estadual desde 2008 das UPPs também não equacionou. É importante que se enfoque nas especificidades das favelas e em políticas públicas complementares às UPPs, como afirma Janot (2014) ao analisar as perspectivas apontadas para as políticas públicas para atuação em favelas após a implantação das UPPs pelo Secretario de Segurança Pública, José Beltrame.

O arquiteto menciona especificamente o impacto causado pela abertura de vias largas em áreas íngremes das favelas, ou seja, sublinha o não reconhecimento das trilhas como elemento integrante da estrutura urbana da favela.

A Floresta da Tijuca é muito utilizada pelos cariocas, como local de recreação e lazer e um grande atrativo para estrangeiros. Para Malta (2009) a vontade das pessoas de se aproximarem do meio natural em uma grande cidade faz com que elas pratiquem cada vez mais o ecoturismo em áreas de preservação. Neste contexto, trilhas existentes passam a ser utilizadas para a nova função.

Analisando as principais intervenções pela implantação dos programas oficiais na Favela do Salgueiro (Figura 5), sejam estas de caráter social ou de intervenção urbana – Favela-Bairro, UPP, Territórios da Paz e outros - é possível perceber que a favela é analisada dentro dos seus limites oficiais, enquanto esta não se limita às suas contenções, tal como seus usos não se restringem a delimitação estrita dos mapas.



Figura 6: A favela é delimitada de um lado pela Floresta e do outro pelo traçado da cidade tradicional.
Fonte: GoogleEarth.

Mesmo com o significativo investimento em programas de urbanização e de segurança na Favela do Salgueiro a fim de integra-la ao bairro, os moradores e frequentadores da Tijuca continuam percebendo o trecho inicial do Salgueiro como uma *barreira*, fazendo da favela um *enclave* entre o bairro e a floresta. Esse trecho sinaliza uma mudança brusca de tecidos e de percepções, evidenciando os diferentes momentos de consolidação de malha urbana (Panerai, 1999).

O estudo tem como **objetivos** promover a releitura das trilhas rizomáticas que se iniciam na Favela do Salgueiro e se irradiam pela Floresta da Tijuca a fim de investigar morfologicamente a conexão orgânica favela – floresta na percepção dos usuários que percorrem o caminho que começa na rua General Roca, passa pela Favela do Salgueiro e chega no PNT, área de estudo desta pesquisa (Figura 06). O **objeto** de estudo são, portanto, as trilhas como elementos indutores de ocupação e de conexão de diferentes tecidos urbanos. Parte-se da hipótese que estes se estruturariam de forma rizomática no interior da favela, territorializando e desterritorializando o morro em seus percursos imprevisíveis.

Estas trilhas se organizam organicamente, seguindo um modelo rizomático, (Deleuze e Guatarri, 1960). Ou seja, um modelo em constante movimento, tanto quanto às pessoas, como às de funções e de entendimentos de um mesmo local. No desenho espontâneo das trilhas os limites da favela se estendem como rizomas e estabelecem novas conexões com a cidade.

Nesta pesquisa, apoiando-se no campo de conhecimento da morfologia urbana (Lynch, 1960 e Panerai, 1999), optou-se por uma abordagem que privilegia múltiplos aspectos envolvidos nas conexões que as trilhas da Favela do Salgueiro fazem com a cidade, a saber: visitas ao local, avaliação morfológica do espaço delimitado, levantamento de dados e mapas, projetos urbanos e intervenções e a UPP e seus novos atores.

Neste sentido, é necessário considerar nesta introdução à pesquisa conceitos centrais à mesma como favela, bairro e território. O termo *favela*, nasce como um substantivo, relativo às favas características que dominavam o morro ocupado pelos seguidores de Antonio Conselheiro no sertão baiano na última década do século XIX. Ao voltarem de Canudos para a Capital Federal os soldados cariocas ficam sem moradia, ocupam a parte alta do Morro da Providência, a fim de se manterem próximos ao Quartel General e viva sua demanda batizam este trecho como Morro da Favela (Borde, 2001).

O crescimento rizomático destes assentamentos nas décadas seguintes logo fariam com que o topônimo se tornasse novamente um substantivo. Desta vez não mais designando uma fava que se espraia no contexto natural, mas estes assentamentos que se dispersam pelo tecido urbano e o contexto natural da área de entorno. O substantivo favela passa a ser usado, por volta de 1937, para designar assentamentos promovidos por autoconstrução pelos segmentos sociais de mais baixa renda em terra de outrem (Valladares, 2014).

Atualmente, estes assentamentos são também designados como assentamentos subnormais (IBGE), bairro informal, comunidade, entre outros. Nesta pesquisa optou-se pelo termo favela.

E para a definição de território foi entendido como uma área delimitada sob domínio de determinado grupo, sendo este um local de disputa, dividida entre o poder público e os grupos organizacionais, segundo Valverde (2004).

“[...] a cidade [...] não é independente dos grupos sociais que a produzem, que nela vivem e que a transformam. Partindo de uma leitura morfológica, iremos frequentemente lembrar as práticas dos habitantes e a materialização dessas práticas no espaço construído, uma vez que as disposições materiais que constituem o contexto, o suporte ou o estímulo para a ação dos habitantes são também produto dessas práticas.” PANERAI, 2004, P.14

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O **primeiro capítulo** apresenta os diferentes contextos no qual se insere a Favela do Salgueiro e a área de estudo, no **Capítulo 02** apresentamos um breve entendimento dos aspectos teórico-metodológico que estruturam a presente pesquisa. O **terceiro capítulo** é dedicado à análise morfológica da área de estudo, enquanto o **Capítulo 04** enfatiza as conexões e as barreiras reais e imaginárias identificadas nas entrevistas com os moradores e frequentadores da área de estudo, tecendo considerações sobre a hipótese formulada na introdução de que as trilhas rizomáticas seriam a conexão entre os diferentes contextos físicos (cidade e natureza) no tempo. Constituindo-se assim em elementos morfológicos importantes dos projetos e programas concebidos para o local.

CAPÍTULO 1: Contextualizando o Salgueiro

Neste primeiro capítulo busca-se compreender a Favela do Salgueiro de acordo com os contextos: do processo de formação da comunidade; o contexto urbano da Tijuca na área de entorno da Praça Saens Peña e do Morro dos Trapicheiros especialmente; e o natural, da Mata Atlântica e do Parque Nacional da Tijuca. Conclui-se com uma análise da Rua General Roca às trilhas do Salgueiro que levam ao Parque Nacional da Tijuca como elementos de interligação destes diferentes contextos.

1.1 A Favela do Salgueiro



Figura 7: Salgueiro ao anoitecer. Fonte: 12/07/2014 as 09:35. <http://www.guiadasfavelas.com/>

A Favela do Salgueiro está localizada no sopé do Morro do Trapicheiro, na Serra da Carioca, no PNT. Próximo à Praça Saens Peña, importante centro comercial da Tijuca, seu principal acesso é a Rua General Roca, que cruza o bairro desde a Rua Barçao de Mesquita até a Rua Francisco da Graça que contorna as franjas do morro. A Favela do Salgueiro possui 3.149 moradores com 908 domicílios, de acordo com o CENSO 2010, configurando, desde 23/06/1999, uma Área Especial de Interesse Social⁵. De acordo com os dados da UPP Social⁶, esta favela tem abastecimento de água (99,4%

⁵ AEIS é um instrumento de política urbana que permite que o Poder Público dê tratamento diferenciado a uma determinada área, em geral, ocupado por favela, loteamento irregular ou conjunto habitacional. (Lei Complementar nº 111, de 11 de fevereiro de 2011, Cap. III, Art. 37, Parágrafo III, Inciso a).

⁶ Hoje conhecido como Rio+Social é um programa multidisciplinar coordenado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) em parceria com o ONU-Habitat – o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos, para promover a melhora na qualidade de vida de populações que moram em territórios pacificados. Fonte: <http://www.riomaisocial.org/programa/>

dos domicílios) e esgoto (95,7% da população) adequados; a coleta de lixo atinge 99,8% com pontos de lixeira instalados em alguns locais da favela; 93% da população é proprietária de suas casas; e apenas 5,7% da população maior de 15 anos são analfabetas.

A Favela do Salgueiro possui duas vias carroçáveis, Rua Francisco da Graça e Rua dos Junquinhos, apenas a primeira liga a parte baixa à parte alta da favela, possibilitando o acesso de carro até uma das quadras de esportes, local destinado ao POUISO⁷. A morfologia característica de ocupação de encosta está presente nas escadas, escadarias, vielas, becos e pelas trilhas que penetram a floresta.

Até o final do século XIX a área da favela era ocupada por plantações de café. A partir de então, estas encostas passam a ser ocupadas por ex-escravos, migrantes mineiros e capixabas. Nos anos 1920 esta área foi denominada com o nome de Salgueiro, cidadão que se dizia dono do morro, por ter construído inúmeros barracos, que alugava para as famílias que chegavam.

Salgueiro era dono de uma fábrica de conservas. Ele iniciou a construção dos barracos por volta de 1906, de acordo com uma prática de “loteamento informal” que não foi reprimido pelo Estado. O morro, conhecido nesta época como Morro dos Trapicheiros (Figura 8), pertencia ao Conde Modesto Leal e ao Barão de Itacurussá, que comprou do governo por 40 réis o metro quadrado (Magalhaes, 2011).

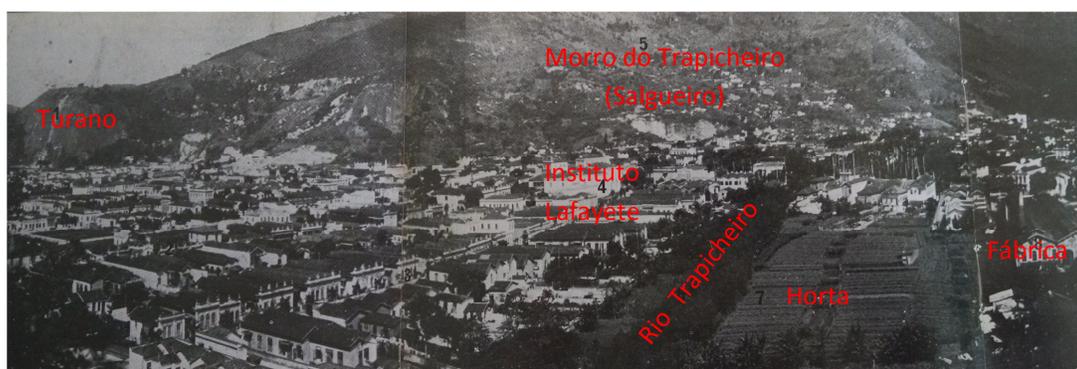


Figura 8: Panorama do bairro da Tijuca no início do século XX no entorno do Morro do Salgueiro. Fonte: Cardoso (1984).

⁷ Posto de Orientação Urbanística e Social (POUISO) – postos descentralizados concebidos em 1996 pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH) para prestar apoio técnico no local, garantir a segurança e introduzir regulamentos na construção nas favelas. Foram introduzidos nas favelas que receberam o programa Favela-Bairro, sendo vinculado a secretaria Municipal de Urbanismo, conforme sítio da Prefeitura do Rio de Janeiro em 27/01/2013.

Trapicheiros é o nome do rio represado que abastecia parte da Tijuca (Figura 9), cuja nascente está localizada na Mata Atlântica, na Floresta da Tijuca. As diretrizes, caminhos e contadores da Represa ainda têm seus dizeres fixados em um portão no bairro na Rua Saboia Lima.

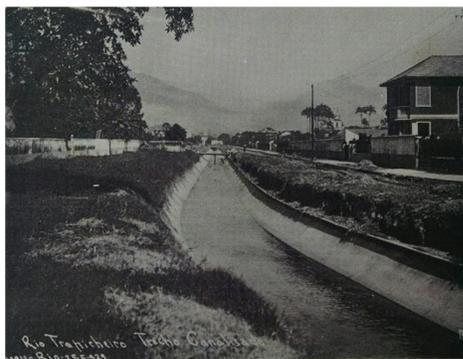


Figura 9: Vista das montanhas da Tijuca, desde o Rio Trapicheiro, onde seria implantada mais tarde a Av. Heitor Beltrão. Fonte: Cardoso, 1984.

A passagem deste rio pelas terras do Barão de Itacurussá foi determinada para denominar a chácara situada próxima a Praça Saens Peña como Chácara do Trapicheiro. A casa desta chácara pode ser visitada hoje nos terrenos do Colégio Batista. Já o rio foi canalizado e passa atrás deste colégio e da Praça Saens Peña.

O comerciante Domingos Salgueiro começa a construir barracos para aluguel no Morro dos Trapicheiros em um movimento histórico em que a Tijuca, considerada desde 1870⁸ como área urbana passa a receber melhores condições de transporte, água encanada, esgoto e iluminação. A chegada da primeira linha férrea à Tijuca, em 1898, é o reconhecimento de uma demanda formulada pela população e pelos trabalhadores das fábricas do bairro, vindo a se constituir como um vetor de expansão urbana do bairro.

As diversas fábricas lá existentes no final do século XIX contribuíram para que os donos iniciassem a produção de habitação para seus empregados. Inicialmente foram construídas vilas operárias, sendo as casas cedidas aos trabalhadores. Posteriormente, os donos se desobrigaram desta atribuição. Muitos trabalhadores começaram, então, a construir em espaços improvisados e próximos ao trabalho afim de diminuir os custos e o tempo de deslocamento casa/trabalho. O que pode ter sido um dos possíveis inícios das favelas no bairro.

⁸ A Tijuca já foi também sesmaria de Jesuítas, em 1862 recebeu transporte movido a vapor. (Cardoso, 1984)

No início do século XX, as encostas dos morros da Tijuca começaram a ser ocupadas por esses assentamentos. A Favela do Salgueiro foi a primeira do bairro, logo depois surgiram as favelas do Borel e da Formiga.

[...] Embora não haja uma informação precisa de quando começaram a ser povoados esses morros, sabe-se que algumas favelas da Tijuca estão entre as mais antigas da cidade. Há informações que indicam uma certa ocupação no morro do Salgueiro ainda nos primórdios do século XX. Um temporal que ocorreu em março de 1901 atingindo o Salgueiro, arrastou barracos morro abaixo, causando uma das primeiras tragédias desse tipo na cidade. [...] (Cardoso, 1984, p. 106)

1.2 – Contexto Natural

O Salgueiro ocupa um dos limites da Floresta da Tijuca, nas franjas da Serra da Carioca. Nele se localizam mananciais de água e cachoeiras com trilhas que penetram a mata. Estas trilhas interconectam também outras favelas que compartilham a área de entorno da mesma cadeia montanhosa do Maciço da Tijuca.

O Maciço da Tijuca é uma cadeia montanhosa de 95 Km², que divide a Zona Norte da Zona Sul da cidade. Até 1967 denominava-se Parque Nacional do Rio de Janeiro. Entretanto, considerando que seu ponto culminante era o Pico da Tijuca, com 1022m de altura, alterou-se o nome para a denominação atual. Nele se localiza a maior floresta urbana do mundo, o Parque Nacional da Tijuca (PNT). Conhecido pelos moradores da cidade como Floresta da Tijuca,

Foi no bioma⁹ da Mata Atlântica que se iniciou a história do Brasil. Esta floresta tropical uma faixa significativa do Brasil, mas foi amplamente devastada, restando apenas 3% no Brasil, dos quais 14% encontram-se no Rio de Janeiro, no Parque Nacional da Tijuca¹⁰ (ICMBio). É uma das florestas mais importantes do continente sul-americano, segundo informações do Ministério do Meio Ambiente, a Mata Atlântica é um conjunto de

⁹ Bioma é o conjunto formado pelo clima, vegetação, hidrografia e relevo de uma determinada região, segundo definição do site Dicionário Informal, visitado em 29/09/2014, 17:14.

¹⁰ O PNT é, este nome refere-se oficialmente a um dos setores do Parque, mas algumas vezes falaremos de maneira ampla Floresta da Tijuca, nos referindo a mata do entorno da floresta, assim como fazem os moradores.

formações florestais¹¹ e de ecossistemas associados¹². Na área por ela ocupada vivem, atualmente, cerca de 120 milhões de pessoas (Figura 10). Nela teve início o primeiro ciclo econômico do período colonial com a extração do pau-brasil. Seguidos por outros ciclos econômicos, como cana-de-açúcar, algodão e café. No entanto, como a colonização se concentrou na faixa costeira, este ecossistema foi o mais destruído do país. Como conseguem ver a vegetação nativa está reduzida a cerca de 20% de sua cobertura original e apenas 7% estão bem conservados em fragmentos acima de 100 hectares. Ainda assim, estima-se que nela existam cerca de 20 mil espécies vegetais. Este valor ultrapassa a quantidade de espécies de continentes inteiros, motivo pelo qual é considerada prioritária para a conservação da biodiversidade mundial.

[...] abrangia uma área equivalente a 1.315.460 km² e estendia-se originalmente ao longo de 17 Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí). (Fundação SOS Mata Atlântica)¹³



Figura 10: Mapa da abrangência da Mata Atlântica no Brasil, destacando-se o Estado do Rio de Janeiro.

Este bioma tem importância vital para milhões de brasileiros que vivem em seu domínio, Nele são gerados cerca de 70% do PIB brasileiro, prestando importantes serviços ambientais, sendo

¹¹ Florestas: Ombrófila Densa, Ombrófila Mista, Estacional Semidecidual, Estacional Decidual e Ombrófila Aberta

¹² Ecossistema Associado são ecossistemas que favorecem ao Bioma da Mata Atlântica, um exemplo são as restingas e manguezais, estes desempenham importante função na proteção da costa contra a erosão e as ressacas do mar, na reprodução de peixes e crustáceos e na alimentação das aves.

¹³ <http://www.sosma.org.br/>, visitado em 19/11/2014, 17:39.

[...] uma das áreas mais ricas em biodiversidade e mais ameaçadas do planeta e também decretada Reserva da Biosfera pela Unesco e Patrimônio Nacional, na Constituição Federal de 1988¹⁴.

O Estado do Rio de Janeiro, está integralmente na Mata Atlântica em uma das áreas de maior diversidade do Bioma. Uma cobertura vegetal que, estima-se chegava a 97% do seu território no século XVI (Figura 11).

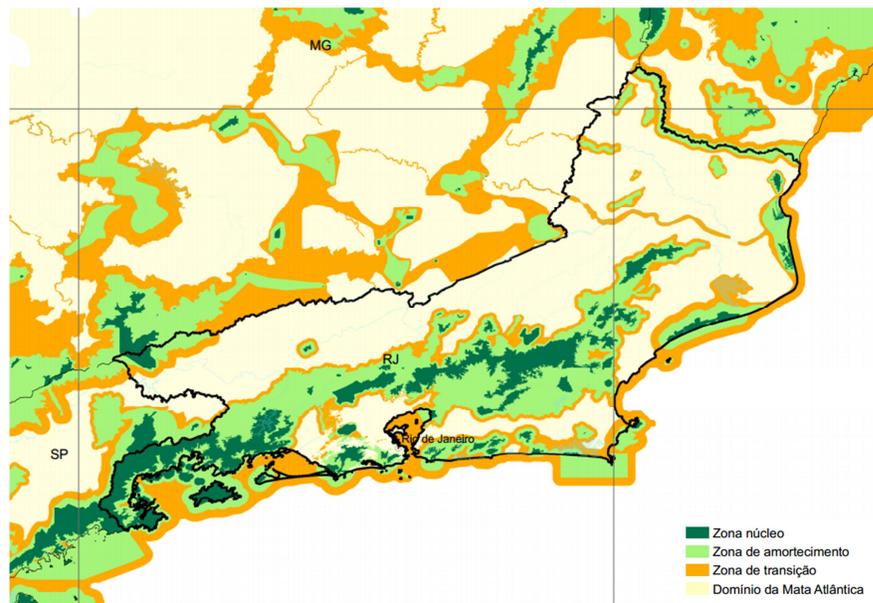


Figura 11: Reserva de Bioma da Mata Atlântica em 2008. Fonte: rbma.org.br 29/09/2014, 14:53.

O Parque Nacional da Tijuca, criado em 1961 é parte integrante da Reserva da Biosfera no Rio de Janeiro e representa 3,5% da área do município, com seus 3.953ha de área. É atualmente o parque nacional mais visitado do Brasil, recebendo mais de 2 milhões de visitantes por ano (ICMBio, MMA).

A área delimitada como o Parque Nacional da Tijuca sofreu com processo de devastação. Ao longo dos séculos XVII e XVIII relacionado, principalmente, à extração de madeiras e às onoculturas, sobretudo a cafeeira. Ao observar os sérios problemas que estas práticas geravam na cidade D. Pedro II, em uma iniciativa pioneira de conservação, ordena, em 1861, a desapropriação territorial e o reflorestamento da área.

¹⁴ <http://www.madeinfores.com/?ong/home/oid/348> 12/07/2014,09:15)

Tal atitude propiciou a regeneração natural da vegetação, e resultando na floresta atual, que exerce um importante papel na conservação de muitas espécies da flora e da fauna.

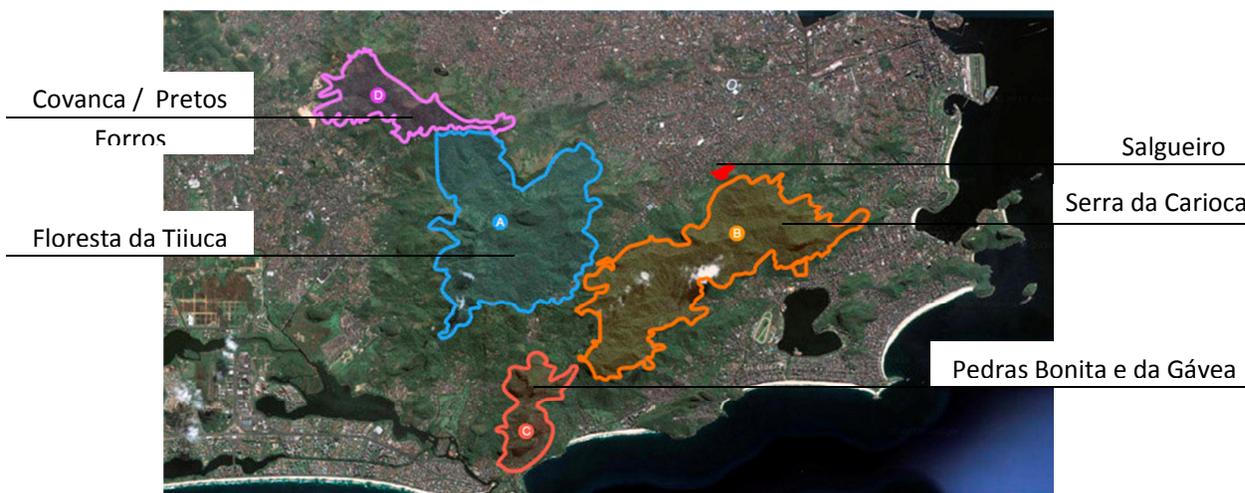


Figura 12: Os quatro setores do Parque Nacional da Tijuca, com Favela do Salgueiro destacada em vermelho. Fonte: parquedatijuca.com

O PNT é uma Unidade de Conservação¹⁵ estruturada em quatro setores: Floresta da Tijuca, Serra da Carioca, Pedra Bonita/ Pedra da Gávea e Pretos Forros/Covanca (Figura 12). O Parque apresenta flora e fauna bastante diversificadas; belezas naturais, como grutas e cachoeiras; além de obras arquitetônicas de grande valor histórico e artístico, como o Cristo Redentor, considerado uma das sete maravilhas do mundo moderno.¹⁶

O Parque Nacional da Tijuca pertence à categoria de “Unidades de Conservação Integral” do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), cujo objetivo básico é “preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais”, sendo assim o processo de lazer e recreação são controlados.

A Favela do Salgueiro, como as da Formiga, Coreia e Turano que se conectam pela Floresta (Figura 13) localizam-se no bairro da Tijuca no setor Serra da Carioca, sendo este setor o mais visitado do Parque Nacional da Tijuca. Nele estão localizados

¹⁵ O governo brasileiro protege as áreas naturais por meio de Unidades de Conservação (UC) – estratégia extremamente eficaz para a manutenção dos recursos naturais em longo prazo. Para atingir esse objetivo de forma efetiva e eficiente foi instituído o Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC) com a promulgação da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. A Lei do SNUC representou grandes avanços à criação e gestão das UC nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal), pois ele possibilita uma visão de conjunto das áreas naturais a serem preservadas. Além disso, estabeleceu mecanismos que regulamentam a participação da sociedade na gestão das UC, potencializando a relação entre o Estado, os cidadãos e o meio ambiente. (<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao>)

¹⁶ Cristo é uma das Setes Maravilhas do Mundo Moderno, Fonte: Globo.com em 07/07/07

importantes pontos turísticos na cidade, como o Cristo Redentor. Apesar da proximidade com esta área de grande visitação do parque, as trilhas que interligam a Favela do Salgueiro à Tijuca e ao Parque não se conectam as trilhas, próximas ao Cristo Redentor, que recebem o maior número de turistas. Há uma barreira física, a Estrada do Sumaré, que, se por um lado interconecta pontos importantes do PNT e da cidade, por outro desconecta este setor.



Figura 13: Setor Serra da Carioca, Favelas do Salgueiro e adjacências e Estrada do Sumaré (em vermelho). Fonte: GoogleMaps.

1.3 – Contexto Urbano

O Salgueiro está localizado na Tijuca em um bairro da Zona Norte carioca na qual se observa a presença de três setores facilmente identificáveis e intimamente relacionados entre si: bairro, favela e floresta. No imaginário urbano carioca os três se interligam para construir a imagem associada a *Tijuca*. Este tradicional bairro da cidade, habitado por *tijucanos* que frequentam a *Praça* (Saens Peña); as escolas tradicionais; e a Floresta¹⁷; que moram nas muitas favelas do bairro; e desfilam e torcem por suas escolas de samba; ocupa uma área de 5,5Km² e se limita a sul e a oeste pelo Maciço da Tijuca.

A Tijuca foi ao longo de sua história urbana estruturando setores que funcionam como pequenas centralidades em torno das quais os moradores e frequentadores do bairro constroem suas práticas cotidianas. Nesta pesquisa enfocamos mais

¹⁷ Algumas vezes falaremos de maneira ampla Floresta da Tijuca, nos referindo a mata do entorno da floresta, assim como fazem os moradores.

especificamente o contexto histórico e morfológico da Praça Saens Peña, importante centro comercial do bairro localizado na área de estudo.



Figura 14: Mapa da área de estudo. Fonte: GoogleEarth.



Figura 15: Ajardinamento do Largo da Fábrica de Chitas. Em 1910, entre Desembargador Isidro e Conde de Bonfim, onde é atualmente a Praça Saens Peña os trilhos no canto direito destinavam-se às locomotivas que funcionaram até 1866. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=88679104> em 01/08/2014 – 15:10.

Em 1911 “o velho e feio Largo da Fábrica de Chitas” se transforma na bela e elegante Praça Saens Peña. A *Praça*, como os moradores se referem a este ponto do ponto do bairro é um marco importante do bairro (Figura 18). Nela localizava-se, no século XIX, o Largo da antiga Fábrica de Chitas (Figura 17). Razão pelo qual a região

ficou sendo chamada, por muito tempo, como Fábrica, embora nela apenas se estampasse os tecidos, que vinham de outras localidades.

A partir dos anos 1920 até meados dos anos 1970/1980 que antecedem a chegada do sistema metropolitano ao local (Figura 18) a Praça era conhecida como *Cinelândia tijuicana*. Filas de espectadores dobravam a Rua Conde de Bonfim para assistir aos lançamentos no Metro Tijuca, Cine Olinda, Carioquinha, Cine América, Tijuquinha e outros. Os trilhos subterrâneos chegaram deixando para trás as salas de cinema.

Neste interim, a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro é fundada na Praça Saens Peña, em 05 de março de 1953, passando a se construir como um ponto importante da vida cultural da cidade.



Praça Saens Peña (1926/1928): Entroncamento da Estrada do Andaraí Pequeno (Conde de Bonfim à direita) com caminho que levará a Fábrica das Chitas (Desembargador Izidro à esquerda).
Cardoso, 1984.



A casa do Desembargador Izidro. Cardoso, 1984.



Primeiro traçado da Praça Saens Peña. Cardoso, 1984.



Praça Saens Peña depois da segunda inauguração. Cardoso, 1984.



Praça Saens Peña, início dos anos 1980, canteiro de obras do metro. Cardoso, 1984.



Praça Saens Peña por volta de 1984. Cardoso, 1984.

Figura 16: Praça Saens Peña (1926/1984). Desenhos feitos a partir de pesquisa iconográfica de um ângulo da Praça ao longo do tempo. Fonte: Cardoso, 1984.

O bairro da Tijuca está inserido na Área de Planejamento 2.2 (figura 19), que é dividida em duas Regiões Administrativas, Tijuca e Vila Isabel. Com 56.980 domicílios (CENSO, 2000) integra a VIII Região Administrativa do Rio de Janeiro, junto com os bairros da Praça da Bandeira e Alto da Boa Vista. É a sede da Subprefeitura da Grande Tijuca que, além dos bairros da VIII RA, abrange os do Maracanã, Grajaú, Vila Isabel e Andaraí. Os morros da Tijuca são imensamente ocupados por favelas. Tendo, desde os anos 1990 se tornado um dos pólos de criminalidade do Rio de Janeiro, e associado à “guerra do tráfico” tendo registrado o maior decréscimo populacional da cidade entre 1991 e 2000 (Figura 20).

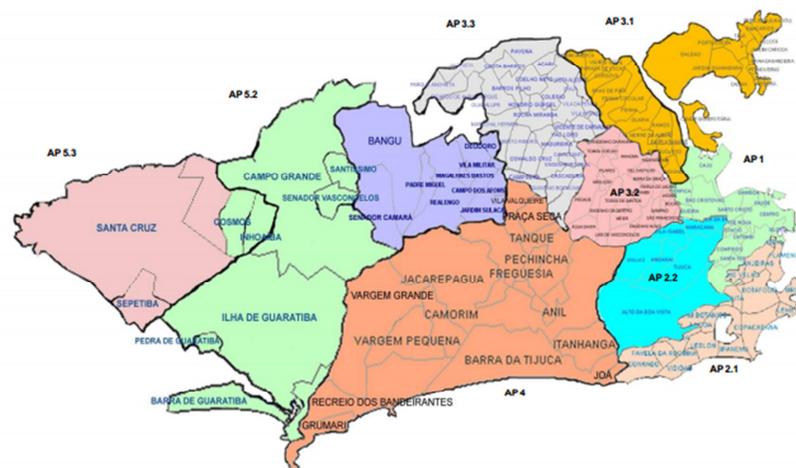


Figura 17: Mapa com bairro que compõe as Áreas de Planejamento do Município do Rio de Janeiro. Tijuca está inserida na AP 2.2 Fonte: CENSO, 2000.

População residente no Município do Rio de Janeiro segundo tipo de setor censitário (normal x subnormal) por Área de Planejamento e Região Administrativa, 1991 / 1996 / 2000

Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas (1)	1991			1996			2000		
	Total	Subnormal	Normal	Total	Subnormal	Normal	Total	Subnormal	Normal
Total	5 480 778	882 483	4 598 295	5 551 538	952 429	4 599 109	5 851 914	1 092 783	4 759 131
Área de Planejamento 1	303 695	85 588	218 107	282 544	83 685	198 859	268 942	77 245	191 697
I RA Portuária	44 085	17 028	27 057	40 727	16 971	23 756	39 955	17 400	22 555
II RA Centro	49 095	0	49 095	42 239	-	42 239	39 116	0	39 116
III RA Rio Comprido	82 344	23 229	59 115	81 095	25 484	55 611	73 628	22 876	50 752
VII RA São Cristóvão	80 360	36 423	43 937	72 354	33 148	39 206	71 680	28 631	43 049
XXI RA Paquetá	3 257	0	3 257	2 723	-	2 723	3 421	0	3 421
XXIII RA Santa Teresa	44 554	8 908	35 646	43 406	8 082	35 324	41 142	8 338	32 804
Área de Planejamento 2	1 034 612	127 561	907 051	1 004 785	137 902	866 883	996 131	146 380	849 751
IV RA Botafogo	251 668	13 341	238 327	250 220	17 491	232 729	238 673	14 430	224 243
V RA Copacabana	169 680	8 621	161 059	168 836	13 773	155 063	160 834	10 568	150 266
VI RA Lagoa	177 072	14 208	162 864	174 115	14 904	159 211	173 744	18 076	155 668
VIII RA Tijuca	194 483	26 440	168 043	180 520	24 365	156 155	180 817	26 210	154 607
IX RA Vila Isabel	198 817	22 059	176 758	185 509	21 784	163 725	185 750	20 783	164 967
XXVII RA Rocinha	42 892	42 892	0	45 585	45 585	0	56 313	56 313	0
Área de Planejamento 3	2 323 990	479 661	1 844 329	2 297 712	505 092	1 792 620	2 352 582	545 011	1 807 571
X RA Ramos	147 497	45 441	102 056	144 961	46 517	98 444	150 352	40 743	109 609
XI RA Penha	314 981	49 126	265 855	304 200	51 357	252 843	318 649	75 770	242 879
XII RA Inhaúma	137 539	15 413	122 126	127 509	13 920	113 589	130 156	13 588	116 568
XIII RA Méier	423 013	38 184	384 829	398 591	43 345	355 246	398 251	38 020	360 231

Figura 18: Decréscimo populacional entre 1991 e 2000, segundo CENSO. Fonte: IPP, 2014.

Nas primeiras décadas do século XIX, o bairro passa por um processo de revitalização movido a novos empreendimentos imobiliários; grande queda nas estatísticas relacionadas à violência (Figura 21); e em investimentos realizados em áreas notáveis de importância para a população, como a Praça Saens Peña que recebeu projeto paisagístico (Figura 23). Este conjunto de ações promoveram melhoria que contribuíram

para um movimento de retorno dos moradores do bairro ao relacionarem-nas também à implantação das UPPs e à pacificação das favelas do bairro¹⁸.



Figura 19: A diminuição da criminalidade no bairro divulgada pelo sítio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 2011. Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=609787>, 23/10/2014, 14:00.

“P9: Eu já subi ali / Mas não lembro mesmo / “Ta” pacificado / Pode subir / Meu pai mora ali do lado / “Ta” ótimo

P8: Agora “né”?

P9: Tem logo uma curva / eu não lembro / Tem prédios / Oficinas.”



Figura 20: Parquinho revitalizado na Praça Saens Peña. Foto: Leonardo Hersen, 2012.

O Salgueiro também passou por um forte domínio do tráfico de drogas controlado pelo “Comando Vermelho”. Em 2010, as UPPs chegaram às favelas da Tijuca sem que houvesse notícias de confronto entre a polícia e os moradores em nenhuma delas. Nas entrevistas realizadas foi possível perceber que a sensação de segurança aumentou bastante com o início do processo de pacificação.

¹⁸ A UPP é um programa recente, com análises polêmicas e controversas que fogem ao alcance do presente trabalho.

A Unidade de Polícia Pacificadora foi implantada em 16 de setembro de 2010 com posto localizado na Rua General Rocca, nº 43, fora dos limites oficiais do Salgueiro abrangendo além desta favela a Favela da Coréia também, (Figura 23). É a UPP com menor população.

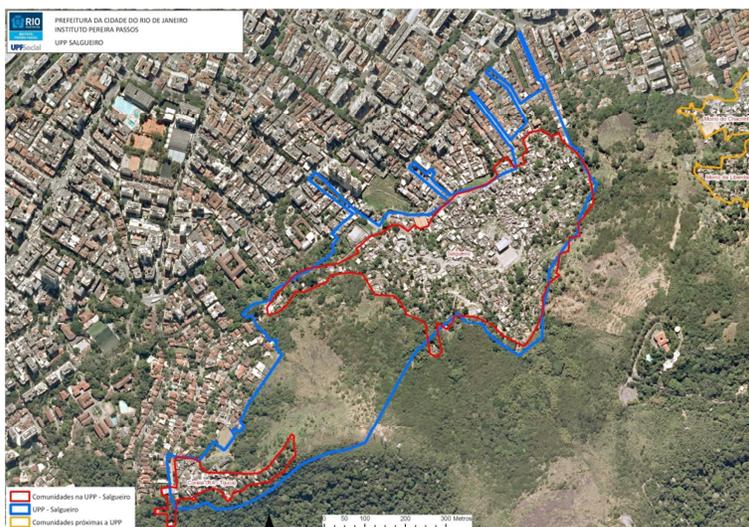


Figura 21: Delimitação área de atuação da UPP. **Fonte:** site UPP RJ.

Tal como muitas favelas o baile funk realizado no Salgueiro atraía moradores da área de entorno e com a chegada das UPPs foram proibidos por serem associados a práticas ilícitas.

“E mesmo sendo todos moradores do Bairro da Tijuca, subíamos a General Rocca e subíamos a Favela do Salgueiro para ir ao Baile Funk que acontecia na quadra coberta. Isso em 1998 ou 99. E essa foi a minha relação com a Favela.”

P 14

Desde 2010 outros programas foram inseridos no território do Salgueiro, dentre os quais se destaca a UPP Social de âmbito municipal, que iniciou seu trabalho com um levantamento territorial; o Programa Territórios da Paz, que realiza um trabalho social e incentiva o desenvolvimento local; e o Programa Cimento Social, que promove a construção de casas na área de entorno da quadra de esportes, realocando algumas famílias que estavam em área de risco de deslizamento.¹⁹

¹⁹ Esses programas serão objeto de análise mais detalhados no capítulo 2.

Além destes programas, a pacificação possibilitou que um novo público afluísse à Floresta pelo interior da Favela, estreitando laços existentes entre a Floresta da Tijuca e o bairro, que tem uma das entradas nas proximidades, no Alto da Boa Vista, bairro vizinho à Tijuca. A Floresta está inserida no Maciço da Tijuca, assim como as outras Favelas do bairro, que se relacionam com a Favela do Salgueiro através de caminhos pela Floresta (Figura 24).



Figura 22: Favelas do entorno do Salgueiro, no Maciço da Tijuca. Google Earth.

1.4 – Da Rua às Trilhas

“Ato ou efeito de trilhar; trilhada; caminho rudimentar, geralmente estreito e tortuoso, entre vegetação; trilho, vereda; vestígio deixado em caminho percorrido; pista, rasto; o que pode ou deve ser imitado; caminho a seguir, exemplo, modelo; extração de grãos de cereais; debulha” Pauletti, E. 2015.

As trilhas serviam prioritariamente para o deslocamento das pessoas de um ponto a outro. Ao longo da história as trilhas desempenhavam diversas funções como, por exemplo, rotas em busca de alimento e água, de peregrinações, de comércio e de ações militares. Atualmente a esta função agregou-se o turismo, uma oportunidade dos moradores das cidades entrarem em contato com a natureza e praticarem as chamadas *caminhadas ecológicas*. Segundo ANDRADE, as trilhas mais antigas surgiram pelos movimentos migratórios dos grandes mamíferos, provavelmente, fugindo do inverno rigoroso.

A trilha se caracteriza por ser uma rota, planejada ou não, que liga pontos de interesse em ambientes urbanos ou naturais, geralmente autoguiadas, sendo a sinalização ou a interpretação²⁰ ambiental importante para guiar o visitante. (MURTA e GOODLEY, 1995).

Neste contexto, a interpretação é um recurso importante para acolher os turistas que encontram nesse local a possibilidade de trilhas ecológicas dentro de uma realidade que agora está permeável. As trilhas que se iniciam na Favela do Salgueiro são muito utilizadas por pessoas que já conhecem o percurso. Elas fazem parte da vivência dos espaços construído e natural que se encontram pelo prolongamento destas vias rizomáticas.

Ao analisarmos as trilhas e os percursos da Favela do Salgueiro percebemos sua analogia com caminhos rizomáticos, definido por Deleuze e Guatarri. Entre as suas principais características dos Rizomas (Deleuze e Guatarri, 1980) estão: conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; não é feito de unidades, mas de

²⁰Sinalização Interpretativa: são caminhos explicados por mapas ou panfletos, ou falado por um guia que adicionam significado àquele trajeto. (ANDRADE)

dimensões, ou antes, de direções movediças; não tem começo nem fim, mas um meio que cresce e transborda; não varia suas dimensões sem mudar de natureza e se metamorfosear; é oposta a árvore, o Rizoma não é objeto de reprodução, mas de multiplicação.

As trilhas da Favela do Salgueiro (Figura 14) são consideradas nesta pesquisa como rizomáticas, não por serem tortuosos fisicamente, mas porque nelas é possível identificar muitas das características e dos princípios rizomáticos estudado por Jacques (2001) ao analisar as favelas.



Figura 23: Mirante Natural em uma das trilhas da Favela do Salgueiro. Foto: Hersen, 2014.

Analisando os diversos elementos que compõem as trilhas (forma, função, intensidade de uso, entre outros) pesquisadores identificaram as seguintes possibilidades de classificação das trilhas:

Para Andrade, elas se diferenciam seguindo a:

A - Função (trilha de curta distância – ou trilhas interpretativas – e trilha de longa distância);

B - Forma (circular, oito, linear e atalho) ou;

C - Grau de dificuldade (de intensidade leve, regular ou semipesada e nível técnico fácil, com obstáculos naturais ou com habilidades específicas).

Já Murta e Goodley (1995) separam as trilhas, ou roteiros, podem ser consideradas como:

A - Temáticas (aquelas que são baseadas em pontos específicos – arte, arquitetura, música, outros);

B - Espaciais (relacionadas a determinadas áreas) ou;

C - Gerais (desenhadas para apresentar áreas inteiras, como uma cidade ou um parque).

As trilhas desempenham papel importante na criação de espaços para uso coletivo de pedestres e ciclistas em ambientes urbanos dominados pelo automóvel. Elas induzem também a recuperação de parques, jardins urbanos e margens de rios, ao serem funcionais, permitindo a conexão e revitalização de espaços públicos do tecido urbano e natural de uma cidade.

No PNT o principal destino das visitas está concentrado nas trilhas consolidadas. É possível identificar, porém, trilhas recém-utilizadas para uso turístico em diversos outros pontos da cidade, em especial, nos limites das favelas. Muitas eram utilizadas por moradores, policiais e traficantes. Apenas na Favela do Salgueiro o uso é recente. O ecoturismo, no entanto, é uma atividade que já vinha sendo implantada em outras favelas. Iniciou-se desde 1992, mesmo com forte atuação do tráfico de drogas, tendo sido replicado em outras favelas da zona sul, guiadas na maioria das vezes por moradores.



Figura 24: Trilhas do PNT: espaço dos turistas, espaço do bandido? Fonte: O Globo, 2004.

A influência dos turistas às favelas passou a gerar lucros aos moradores que se transformaram em guias locais e para o comércio local. Embora esta experiência não tenha contado com a aprovação unânime dos moradores onde foi implantada²¹. Na Favela do Salgueiro ela ainda está nos primórdios e com uma procura/oferta em menor escala.

As trilhas ecológicas vêm se consolidando como um forte atrativo turístico desde a década de 1980. O principal destino tem sido as Unidades de Conservação. A Organização Mundial de Turismo estima que 10% das pessoas que viajam pelo mundo

²¹ Em algumas favelas foram relatados transtornos causados pelo grande volume de turistas atrapalhando a logística cotidiana dos moradores.

sejam ecoturistas. No Brasil pressupõe-se que 500 mil turistas por ano visitem parques municipais, estaduais ou federais. As Florestas Nacionais e as Áreas de Proteção Ambiental (APA) são consideradas os principais destinos.

Na Floresta da Tijuca as trilhas e caminhos podem levar a diversos atrativos históricos, naturais e paisagísticos. A maior parte remota ao século XIX, quando foi realizado o trabalho de reflorestamento do Major Archer e algumas trilhas eram utilizadas por membros da corte.

Capítulo 2: Aspectos Teórico-Methodológicos

Neste trabalho analisou-se a forma urbana do Bairro da Tijuca, destacando a Rua General Roca como elemento conector entre bairro e Favela do Salgueiro. Sendo o percurso interno da Favela o objeto de ligação entre o bairro e a floresta, ou seja, o Parque Nacional da Tijuca.

O estudo privilegia a percepção dos usuários em relação à imagem da cidade, com reflexões a respeito da dinâmica das conexões de setores do bairro que apresentam diferentes tecidos e evidenciam ou desestimulam alguns traçados da cidade, utilizando os elementos²² identificados por Lynch (1960) e representados no mapa esquemático²³ (Figura 25), a saber:

- **Vias:** São os canais de circulação da cidade, sendo o elemento predominante para a maioria das pessoas. No mapa esquemático estão em azul, laranja tracejado, e pontilhado, nessa ordem por intensidade de uso;
- **Limites:** Fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares, podem ser limites penetráveis ou costuras entre tecidos. Representado por traços verticais na cor verde, e quando mais próximos os traços, mais intenso é o limite;
- **Bairros:** Regiões de uma cidade, dotados de extensão bidimensional. Dois *bairros* foram identificados na área, um é o entorno da Praça Saens Peña, considerado um centro comercial do bairro e o outro é a Favela do Salgueiro, vista como setor de um bairro;
- **Pontos nodais:** Lugares estratégicos onde o observador pode entrar, focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. São os círculos preenchidos segundo o grau de intensidade, na área verificamos importantes cruzamentos viários, como pontos de transporte; e
- **Marcos:** Referências as quais o observador não pode penetrar, são elementos externos. Vemos representado por triângulos: dois triângulos são os mais intensos, seguido de triângulo cheio e triângulo sem preenchimento. Na região há muito comércio, grande marco da região.

²² A análise Lynch se limita aos efeitos dos objetos físicos perceptíveis, como descrito no próprio livro *A Imagem da Cidade*. Mesmo compreendendo que existem outras influências atuantes sobre imaginabilidade.

²³ Este mapa sintetiza uma primeira percepção do local, notamos ainda pouca intimidade com a Favela do Salgueiro, que será melhor compreendida no Capítulo 04.



Figura 25: Mapa Esquemático com elementos da "primeira" imagem do bairro, seguindo metodologia de Lynch. Fonte: Hersen, 2014.

A pesquisa empírica iniciou-se com visitas a área de estudo e entrevistando moradores e frequentadores do local²⁴. As visitas começaram pelo trecho da Rua General Roca, se aproximando do trecho do Salgueiro, ainda desconhecido, na segunda metade da pesquisa. As entrevistas foram adquirindo um caráter mais informal no período final.

No desenvolvimento da pesquisa a **análise da morfologia urbana das delimitações** do bairro destacou-se como procedimento relevante para a compreensão das conexões entre outros contextos. Neste sentido, foram produzidos alguns mapas analíticos, por nós e pelos usuários da cidade, utilizando a metodologia de Kevin Lynch.

²⁴ Essas entrevistas com moradores e com frequentadores são relatadas no Anexo 02: A sistematização e a análise destes dados subsidiou a análise funcional das trilhas e a elaboração de um mapa síntese (Ver anexo 2).

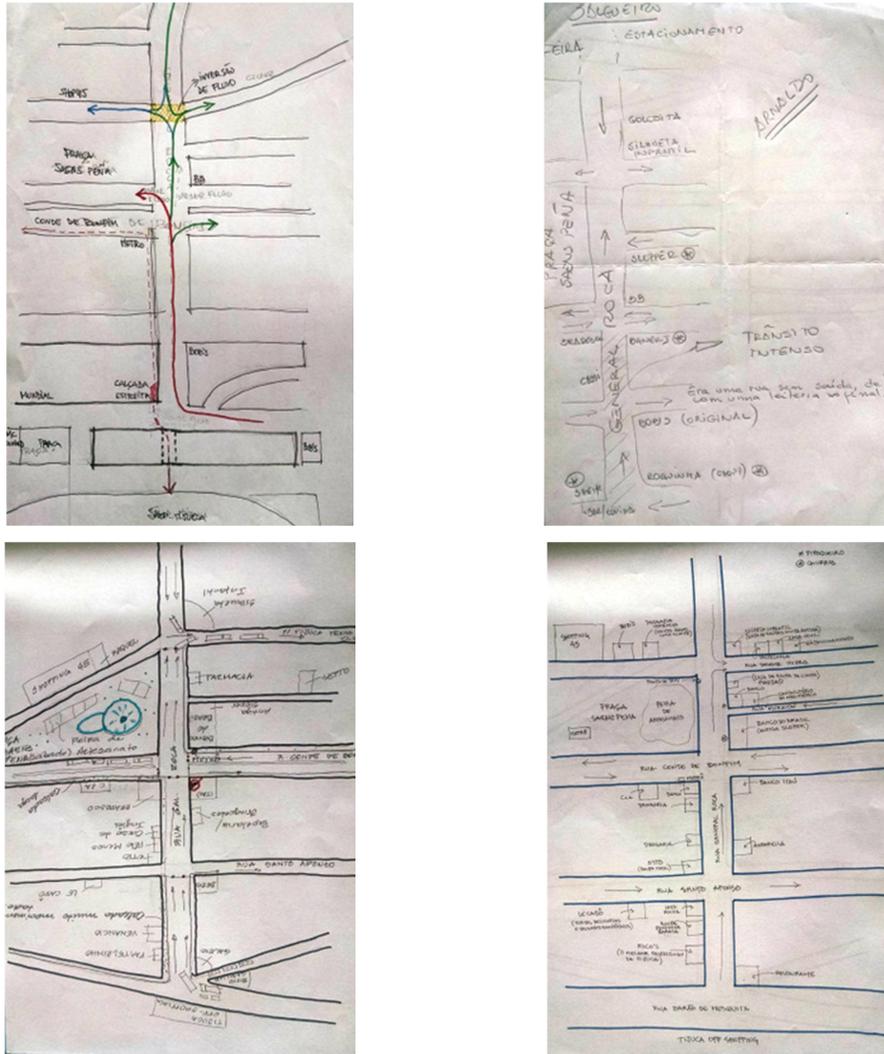


Figura 26: Mapas produzidos por usuários

Completamente foi realizado um **Levantamento Bibliográfico e Cartográfico** voltado para a compreensão dos projetos urbanos e das intervenções nestas conexões, tanto antes como depois da pacificação no espaço urbano do Salgueiro.

Capítulo 3: Favela entre cidade e floresta

3.1-Floresta na Favela e Favela na Floresta²⁵

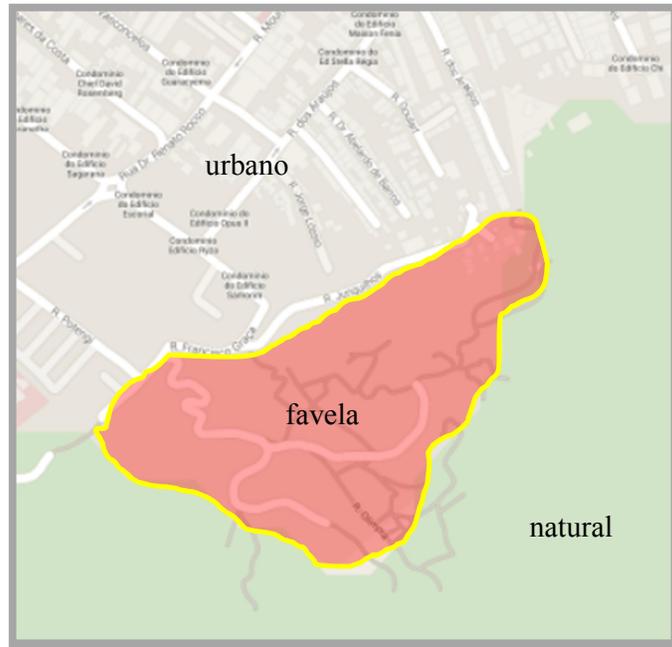


Figura 27: Favela do Salgueiro inserida na cidade e na Floresta, com seus caminhos extrapolando os limites e penetrando no mato. Desenho: Hersen, 2014. Fonte: GoogleMaps.

A favela está inserida na cidade, no mato, na floresta, sem limites físicos claramente definidos que criem barreiras no seu ir e vir, assim ela expande seus caminhos pela floresta (Figura 27) sendo, ao mesmo tempo, percebida como uma barreira pelos moradores do bairro.

²⁵ Essa parte da pesquisa foi baseada, principalmente, no estudo de Eduardo Freitas da Costa (2007) intitulada “Proposta de mecanismos de gestão pública voltados para a minimização de impactos ambientais aplicáveis à área de entorno do Parque Nacional da Tijuca”. Nesse trabalho Costa identifica e analisa os principais fatores de agressão ao equilíbrio ambiental do Parque.

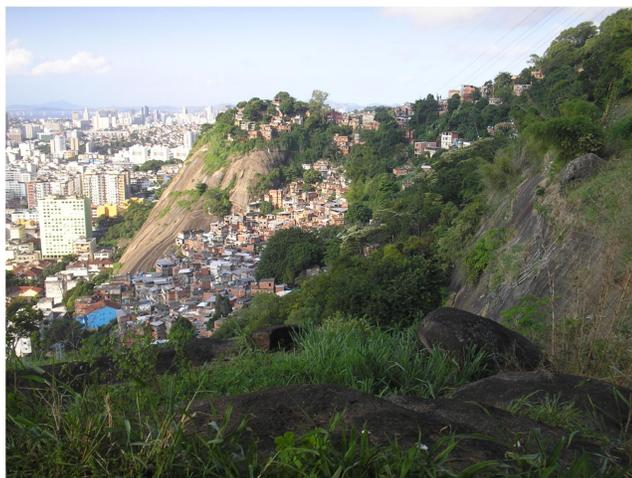


Figura 28: Vista da Favela do Turano de dentro de uma trilha, junto com a vegetação e natureza que as favelas do maciço se encontram. Foto: Hersen, 2014.

Segundo Costa (2007), existem no entorno do Parque cerca de 50 favelas, umas dentro dos limites do parque, e outras na área de amortecimento (*buffer*)²⁶, inseridas nos diversos bairros da Zona Norte, Zona Sul, Jacarepaguá e Zona Oeste. No entanto, apesar da proibição de construção acima da cota 100 (lei municipal n.322/1976)²⁷ a ocupação das encostas vem aumentando constantemente ao longo dos anos (Figura 28)²⁸. Desta forma algumas favelas ameaçam a preservação do entorno e também não possibilitam um trabalho de remanejamento e tão pouco de educação ambiental e integração com as comunidades²⁹.

Costa (2008) entende que, ao contrário de muitas áreas de floresta, o PNT (Parque Nacional da Tijuca) está envolvido pela cidade, por bairros, favelas ou vias, o que gera desequilíbrios em seu ecossistema.

No processo de urbanização a cidade do Rio de Janeiro acabou por envolver o maciço por todos os lados. Vários bairros da cidade sobem pelas encostas das montanhas, confrontando-se com os limites territoriais do PNT.

²⁶ Zona de Amortecimento (*buffer*) é definido por “o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas as normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade” segundo Art. 2o., XVIII da Lei do SNUC.

²⁷ Lei Municipal n 322/1976: Este Regulamento estabelece as modalidades, a intensidade e a localização dos usos do solo e das atividades permitidos no Município do Rio de Janeiro.

²⁸ Nota-se que as encostas não são apenas ocupadas, irregularmente, acima da cota 100, por favelas, mas por casas de maior porte pertencentes aos segmentos de mais alta renda.

²⁹ Termo usado pelo autor do trabalho referenciado neste capítulo, no nosso trabalho estamos tratando do território, utilizando basicamente o termo *favela*, algumas vezes morro.

Desta forma o PNT configurou-se como uma ilha verde no meio de uma grande metrópole que se beneficia de sua presença, mas, também, o agride de diversas formas provocando assim problemas socioambientais que carecem de análise e soluções. (COSTA, 2008 P.21)

Os moradores e frequentadores das diversas favelas no bairro da Tijuca que fazem uso do PNT não necessariamente preservam essa Unidade de Conservação, ou fazem um uso consciente, contribuindo muitas das vezes para o desequilíbrio do Parque. A preocupação com a devastação da floresta não é recente, como podemos perceber na manchete do Jornal O Globo de 1985 e outra de 2000 (Figura 29).



Figura 29: Jornal O Globo, 1985. Ver reportagem completa no anexo 2.

O PNT apresenta situação peculiar em relação à maioria das unidades de conservação, pois, além de se situar no meio de um grande centro urbano há a presença de vias públicas movimentadas cruzando e recortando o Parque, e o crescimento de 46 favelas a sua volta tem sido expressivo. A área de entorno do PNT, ao contrário da maioria das unidades de conservação que se encontram em áreas rurais ou interioranas, longe dos grandes centros, é urbana, residencial e comercial, embora haja diferenças contrastantes entre os vários bairros e localidades que o circundam. Tais conjuntos são diferenciados pelo uso e ocupação, características ambientais e estados de conservação, tendo, no entanto, em comum, problemas relativos à infraestrutura, manutenção, situação institucional-legal, uso público e manejo dos recursos naturais. (COSTA, 2008 P. 24)

Para evitar um desmatamento maior e preservar a Floresta da Tijuca foram feitas diversas propostas para a contenção das favelas, entre as propostas se destaca a construção dos Ecolimites³⁰. Além desta foram feitos também eventos para a conscientização da população local evidenciando um uso que seja menos agressivo, somando a atuação de agentes locais e da população interessada em reflorestamentos da vegetação do entorno imediato das favelas.

3.2 – Dentro da Favela

Em visita ao local constataram-se alguns problemas recorrentes. Entre eles foram relatados: falta de água; assoreamento de muitos canais por lixo; desmatamento; e desvio de água, antes que esta chegue à favela. Mesmo com mutirões para o recolhimento do lixo pela população, com apoio de órgãos municipais, o local volta, rapidamente, a encher de lixo, gerando outros problemas relacionados a água. (Figura 30). Ao caminhar pela Favela também é possível notar que existem poucas lixeiras em postes e apenas cerca de cinco pontos para depósito de lixo, que ultrapassam a capacidade dos latões, dando a sensação de que a coleta de lixo se mostrava deficiente.



Figura 30: Canal dois dias depois de um mutirão para retirar o lixo do local. Foto: Hersen, 2012.



Figura 31: Bar Calça Larga onde acontecem sambas tradicionais. Foto: Hersen, 2012.

³⁰ Ecolimites: Em janeiro de 2009, o Governo do Estado do Rio de Janeiro colocou na agenda das políticas públicas um projeto de construção de muros em torno das favelas. A proposta do projeto seria impedir o crescimento desordenado de 11 comunidades e assim proteger a “natureza” dos indivíduos que habitam aquelas áreas. A contenção se dá através de muros “cegos” de concreto os quais podem chegar até 3,5 metros de altura. “Ecolimites ou Sócio-Limites, 25-01-2012 Jean Carlos Gomes Camargo”.

Os bailes Funk que aconteciam na quadra principal coberta eram considerados como uma oportunidade de melhorar as vendas, os donos de estabelecimentos sentiram a diferença nas vendas quando os bailes foram extintos. Os bares são um comércio tradicional no Salgueiro, que fizeram parte da formação da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro (Figura 31), e que contrastam com o cenário de drogas e degradação com bares. Contrastando também com outras iniciativas dos moradores do Salgueiro como a horta comunitária (Figura 32) que abastece a creche e moradores, e da Tijuca de uma maneira mais ampla, que conta com clubes tradicionais, grandes escolas de samba e importantes construções históricas.



Figura 32: Horta comunitária, espaço cuidado e criado pelos moradores. Foto: Hersen, 2012.

E é nesse contexto que algumas políticas sociais e territoriais começam a atuar. Primeiro foi efetivada a ocupação policial, sendo implantada a UPP, e posteriormente: UPP Social, Territórios da Paz, Cimento Social, e o projeto do PAC Comunidades, este último se encontra em fase de desenvolvimento, e as obras ainda não foram iniciadas.

3.3 – Programas Urbanos para Favelas sem Entorno

Muitas propostas foram apresentadas para “solucionar a questão favela” em sua relação com a cidade. Podemos perceber que existiu, e ainda existe, uma grande dificuldade de pensar a favela como parte integrante da cidade, sendo esta vista e tratada isoladamente em muitos dos projetos. Em muitos casos as favelas recebem apenas projetos pontuais, que não questionam o limite favela-cidade, limite este que parece intransponível para os moradores da cidade formal.

Poucos foram os programas oficiais implantados no Salgueiro, podemos destacar algumas participações: uma importante atuação da Igreja Católica com a Fundação Leão XIII³¹, uma posterior participação na U.T.F.³², que foi fundada em 1954, no morro do Borel, e anos depois receberam programas de urbanização.

3.3.1 – Favela Bairro

*Integrar a favela à cidade é a principal meta do Programa Favela-Bairro, da Prefeitura do Rio. Coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o programa implanta infra-estrutura urbana, serviços, equipamentos públicos e políticas sociais nas comunidades beneficiadas.*³³

O Programa Favela Bairro, iniciado em 1999 na Favela do Salgueiro, produziu as maiores alterações neste espaço até hoje (Figura 33). Levou esgoto e água para maioria da população, além de instalar e construir o POUZO. Seu objetivo principal era conseguir integrar favela e cidade, e propunha que isso seria alcançado através da implantação da infraestrutura.

*Integração significa, inicialmente, levar a cidade informal às mesmas matérias e elementos urbanos que circulam pela cidade formal: infra-estrutura e serviços públicos de educação, saúde, limpeza e segurança. O desafio consiste, portanto, em romper as barreiras que isolam certas áreas e construir leitos de circulação. (Denaldi, R. apud RIO DE JANEIRO, 1999:11)*³⁴

³¹ A Fundação Leão XIII foi primeiramente um órgão da Igreja Católica, que depois foi vinculado ao Governo do Estado, na época da ditadura militar e atua até hoje em outras áreas, tem-se a ideia de que com a vinculação com o governo passou a ter como pano de fundo o combate ao comunismo nas favelas. Na favela do Salgueiro seu antigo edifício encontra-se desocupado e em ruínas, e carregado pela lembrança de todos. Fez muitos serviços de sociais, com serviços de saúde, distribuição de cestas básicas, cursos, esporte, lazer e creche, mas fechou as portas na favela da década de 90.

³² União dos Trabalhadores Favelados, fundado no Morro do Borel, e depois aderido por outras favelas, os próprios moradores pagavam quantias mensais para fazer processos administrativos que impedissem a remoção de famílias das favelas, e conseguiu antigrir seus objetivos. Foi de grande importância e mostrava que a questão política nas favelas estava cada vez mais forte e participativa. (retirado de a Mobilização Política e a Igreja Católica na década de 1950)

³³ Definição retirada do site http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/favela_bairro.htm dia 28/11/2013 18:12

³⁴ Definição retirada do site http://www.rio.rj.gov.br/habitacao/favela_bairro.htm dia 28/11/2013, 18:12



Figura 33: Obra para a abertura de via do Programa Favela-Bairro. Fonte: livro Coisas do Morro, Gilberto Magalhães.

O projeto realoca parte da população, que estava em área de risco, para novos edifícios implantados no entorno da quadra. Constrói também praças com novos mobiliários, escadarias, pavimentação, arruamento (Figura 34), melhorias na principal quadra de esportes da favela e no seu entorno. O Bloco Raízes³⁵, localizado logo no início da favela, também recebe obras e investimentos neste programa.

Segundo relatos, antes deste programa não existia nenhuma via asfaltada ou de acesso carroçável até à parte alta da favela, o que dificultava muito a coleta de lixo, o deslocamento de pessoas com mobilidade reduzida e o atendimento por ambulâncias.

Para a abertura dessas novas vias no Programa Favela-Bairro, foram demolidas algumas casas. Os entrevistados não souberam dizer se todos haviam sido realocados na própria favela, ou se alguns foram removidos (Figura 33).

³⁵ Bloco Raízes é um bloco carnavalesco fundado em 1995, o espaço se encontra no início da favela do Salgueiro, local onde se realizam muitos eventos que recebem moradores e pessoas de fora, como festas e outros eventos culturais, muito tradicional da favela como Samba, Jongo e Caxambú.



Escadaria antes



Escadaria depois



Caminho antes



Caminho e mirante depois

Figura 34: Antes e Depois Programa Favela Bairro na Favela do Salgueiro. Fonte: www.jauregui.arq.br

O espaço construído pelo programa passou por uma grande deterioração, com pouca ou nenhuma manutenção (Figura 35). Hoje se observam escadarias quebradas, calhas entupidas, muito lixo nos canais, jardins sem plantas e outros problemas decorrentes de materiais de baixa qualidade e sem conservação. Além disso, a intenção inicial não se consolidou: a favela não se “integrou” a cidade formal. As obras aconteciam ao mesmo tempo em que o domínio do tráfico de drogas aumentava e a favela se fortalecia como barreira, cada vez menos permeável. Nesse sentido as trilhas eram vistas como problema e deveriam ser isoladas, desconectando a favela da floresta. Assim a favela se tornaria uma “ilha” sendo transformada em barreira por todos seus lados.



Figura 35: Mobiliário Urbano deteriorado na Favela do Salgueiro. Foto: Hersen, 2012.

No projeto de 1999 do Programa Favela-Bairro para a Favela do Salgueiro foi proposta também a construção do que se chamou de “muro limítrofe” (Figura 36), envolvendo apenas a parte mais alta da favela. Este muro, no entanto, não chegou a ser construído.

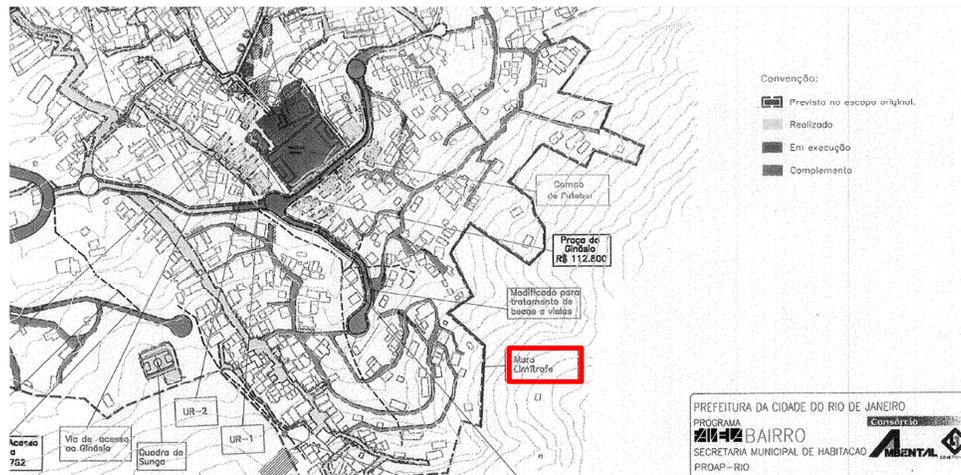


Figura 36: Planta Geral do Favela-Bairro, pela empresa Ambiental, que tinha o consórcio da obra, mostrando a intenção de se construir um muro limítrofe em uma parte dos limites oficiais da Favela.

Em 2004, alguns anos após a implantação do programa Favela-Bairro, é proposta a construção de muros nos limites oficiais das favelas, para controlar o desmatamento e ao mesmo tempo controlar a expansão dos limites da favela, os chamados Ecolimites. As favelas passariam a ser “muradas” para que não se expandissem e desmatassem ainda mais os morros da cidade. Muitas favelas onde estes Ecolimites foram implantados continuaram a se expandir mesmo com os muros que as delimitavam.

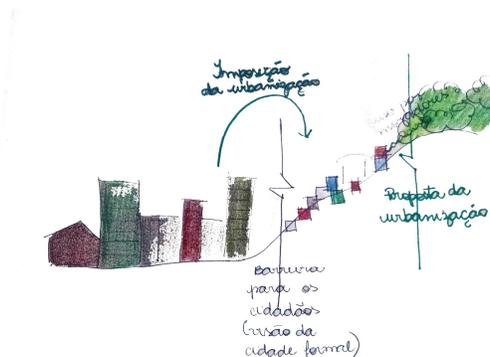


Figura 37: Croqui mostrando barreiras físicas existentes e as que se pretende criar. **Fonte:** Hersen, 2014.

A proposta de implantar limites fixos nas favelas impede a conexão delas com a cidade, bem como a percepção de seus moradores sobre o seu próprio espaço. Além de limitar sua expansão física, também impede a utilização dos espaços de lazer e o ir e vir por caminhos alternativos da floresta, que não são os tradicionais da própria cidade, estas características vão de encontro ao conceito de Rizoma. Reforça-se a apreensão do contexto natural apenas como expansão e fuga, e não de vivências, como vemos no croqui da Figura 37. A barreira existente é o que se pretende “romper” pela sobreposição de um desenho da cidade formal, enquanto a barreira que não existe (entre favela e floresta) é criada.

Analisando a planta do projeto de arquitetura do Programa Favela-Bairro para a Favela do Salgueiro, podemos perceber que não houve tentativa de integração com o seu entorno imediato, nem com o bairro e nem com a Floresta, da qual seria, em parte, isolada por um muro. O Programa desejava que a favela se tornasse um bairro, recebendo desenhos e equipamentos típicos da cidade *formal*, mas o bairro não incorporava em nada a favela. Isso é uma observação recorrente dos programas implantados, como poderemos ver mais adiante.

O Programa consegue, entretanto, fazer a integração com as redes de infraestrutura da cidade, levando água (apesar da falta recorrente), esgoto, melhorando a iluminação e trazendo grandes avanços nas vias, possibilitando o acesso de automóveis às partes altas a partir de então. O aprimoramento de serviços e infraestrutura da favela, durante momento, não fez com que ela se tornasse parte integrante da cidade, apenas sobrepôs um novo tecido a sua lógica orgânica de se autoconstruir.

3.3.2 - A Pacificação e os Programas Pós Pacificação

O programa intitulado de Pacificação (UPP) possibilita que muitos dos conceitos que orientaram intervenções anteriores sejam novamente implantados, combinando remoção e grande produção habitacional – dentro e fora das favelas –, reassentamento, urbanização, participação de ONGs e grande expectativa de um trabalho social que mantenha os frutos da pacificação e proporcione uma sensação de segurança aos que não moram na favela, assim as UPPs são orientadas, sobretudo, para que se crie um ambiente mais permeável.

3.3.2.1 - Unidade de Polícia Pacificadora

A instalação da Unidade Pacificadora da Favela do Salgueiro em 17 de setembro de 2010 tinha por objetivo retirar o tráfico, ostensivamente armado, da favela. A polícia ao entrar não encontrou resistência e apenas se instalou. Antes da “invasão” policial era divulgado por meios de comunicação de massa que isso aconteceria e assim evitava confrontos com a chegada da polícia. Este procedimento tático surtiu efeito imediato.

Depois da implantação da UPP, a entrada, manutenção e melhoramentos de serviços básicos, como a coleta de lixo, água, luz e esgoto, por exemplo, seriam facilitados. No entanto, mesmo após quatro anos de UPP implantada, ainda é possível observar muitos dos problemas pré-existentes na Favela do Salgueiro.

Se entendermos que a Favela do Salgueiro atendia aos requisitos básicos para a implantação destas UPPs³⁶ é possível considerar que naquele momento ela se apresentava ao Governo do Estado como:

- a- Comunidades pobres;
- b- Baixa institucionalidade
- c- Alto grau de informalidade

Razão pela qual seriam objeto de “ações especiais concernentes a pacificação e à preservação da ordem pública” nas quais se aplicaria “a filosofia de polícia de proximidade nas áreas designadas para a sua atuação”.

Estes procedimentos permitiriam que as UPPs atingissem seus objetivos:

“consolidar o controle estatal sobre comunidades sob forte influência da criminalidade ostensivamente armada e devolver à população local a paz e a tranquilidade públicas necessárias ao exercício da cidadania plena que garanta o desenvolvimento tanto social quanto econômico.” (<http://www.isp.rj.gov.br>)

³⁶ DECRETO Nº. 42.787 DE 06 DE JANEIRO DE 2011.

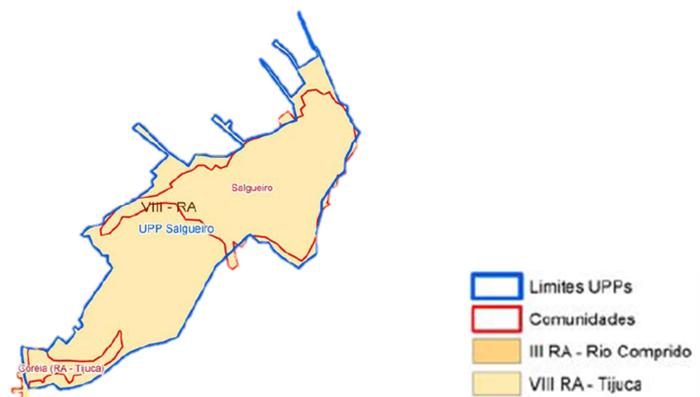


Figura 38: Delimitação da área de atuação da UPP e a área das duas favelas (Salgueiro e Coréa) que a UPP Salgueiro abrange. Fonte: SABREN/IPP, 2011, ISP, 2011.

Analisando o mapa da delimitação da área de atuação da UPP (Figura 38), notou-se que a atuação desse programa também estaria presente em parte da floresta e em suas trilhas utilizadas para o deslocamento, pois como a UPP engloba parte da floresta apenas no “vazio” entre as Favela do Salgueiro e da Coréa, supomos que a preocupação não tenha sido com a utilização das trilhas e do espaço natural pelos cidadãos desses locais, além dessas favelas que recebem a mesma UPP não serem conurbadas.

Caminhando pelas trilhas podemos perceber que o local não recebe tratamento específico por esse programa, nem mesmo com presença policial cotidiana, como é feito nos espaços que delimitam as favelas. As conexões que se iniciam na favela e se expandem para a floresta, não recebem nenhuma diretriz específica por este programa.

3.3.2.2 - UPP Social (Rio+Social)

A UPP Social é a estratégia da Prefeitura do Rio de Janeiro para a promoção da integração urbana, social e econômica das áreas da cidade beneficiadas por unidades de polícia pacificadora (UPPs). A UPP Social tem como missão mobilizar e articular políticas e serviços municipais nesses territórios e para isso coordena esforços dos vários órgãos da Prefeitura do Rio e promove ações integradas com os governos estadual e federal, a sociedade civil e a iniciativa privada, sempre em favor do desenvolvimento e da qualidade de vida nas comunidades em áreas de UPP. Com isso, busca a consolidação e o aprofundamento dos avanços trazidos pela pacificação, com o objetivo de

reverter o legado da violência e da exclusão territorial nesses espaços. - <http://uppsocial.org/programa/>

Em 17 de setembro de 2011, a Favela recebeu a UPP Social, com a proposta de fazer junto com a ocupação policial, um trabalho social, separado do papel da polícia, vinculado ao Instituto Pereira Passos, órgão do município. O programa prevê uma atuação social, trazendo serviços e políticas. Inicialmente foi realizado um grande mapeamento do espaço, produzindo mapas com setorizações e estatísticas, com intuito de primeiro entender o local e depois poder atuar com políticas mais específicas.

Uma moradora da Favela foi agente da UPP Social, fazendo levantamento das vias no local, para endereçar todas as habitações e conhecer melhor o território. O material levantado aparece bem mais simplificado do que o apresentado pela antiga gestora no site da UPP Social.



Figura 39: Setores existentes, que serviram para entender melhor o perfil dos moradores do Salgueiro. Fonte: riomaisocial.org.br

Fica clara a intenção de desvincular a *UPP Social* da *UPP Policial*. Muitos entrevistados dizem que esta foi etapa fundamental para conseguir a aceitação da população e começar a atuar nos espaços já pacificados. Atualmente o programa foi renomeado, sendo agora apresentado como *Rio + Social*, desvinculando, e diferenciando, as logo marcas de UPP e UPP Social, que antes eram realmente parecidas.

No trabalho de mapeamento da favela, realizado pelos próprios moradores, foram considerados os setores internos da favela (Figura 39), traçando o perfil de cada uma dessas regiões. As entradas e saídas por trilhas não foram consideradas. O

levantamento pretendia apenas entender o que acontecia no local e como o espaço era usado, com poucas propostas para atuação.

Ao mesmo tempo em que não vemos uma proposta efetiva desse programa para as trilhas do local tampouco foram consideradas no traçado da delimitação. Ao entrarmos em contato com a UPP Social recebemos contatos de moradores que trabalhariam com turismo, e seriam os guias. Estas informações mostraram-se improcedentes. Apenas conversando com as pessoas no local encontrou-se pessoas envolvidas com o assunto.

3.3.2.3 – Cimento Social



Figura 40: Casas construídas pelo programa Cimento Social. **Fonte:** site Marcelo Cryvella. 20/10/2013, 08:45.

O Projeto Cimento Social tem por objetivo ajudar as famílias das comunidades de baixa renda a concluir e/ou construir suas casas com estabilidade estrutural e condições sanitárias, visando a uma melhor habitabilidade. O nome Cimento Social traz implícito o conceito de promover a união da comunidade em torno de um mesmo objetivo, desde a formulação do projeto até a execução da obra.
<http://marcelocryvella.com.br/site/cimento-social/>

Cimento Social foi um projeto pontual, com obras iniciadas em 2012, construindo no lugar onde algumas casas foram removidas, pois estavam em área de risco de deslizamento, segundo mapa da Defesa Civil. Poucas casas foram construídas, (Figura 40), e com uma arquitetura bem diferente do resto da favela, mas não cabe uma análise mais profunda no presente trabalho. Além disso, pouquíssimas pessoas estão envolvidas no realocamento. É um programa destinado apenas à moradores da favela. É um programa atual, mas muito pontual, um programa habitacional que considera apenas

a construção de casas, não entende a favela em todo seu contexto e complexidade, não chegando nem perto de abordar as trilhas e as conexões da favela.

3.3.2.4 – Territórios da Paz

“A segurança estadual de assistência social e direitos humanos, reconhecendo que só a atuação dos agentes de segurança pública não é suficiente para garantir o desenvolvimento social em territórios pacificados no Estado do Rio de Janeiro.”

Este programa é proposto depois das eleições de 2010, quando a UPP Social migra para a esfera do município, funcionando a partir de então no interior do Instituto Municipal Pereira Passos (IPP). Mesmo assim, segundo Tommasi e Velazco (2012), o governo estadual resolveu não abrir mão da estrutura já montada, e assim foi criado o programa Territórios da Paz. Os dois programas passaram a atuar nos territórios pacificados.

A equipe do programa Territórios da Paz tem os seguintes objetivos: fortalecer os atores e as redes locais; potencializar iniciativas de base comunitária; e facilitar o diálogo entre comunidade e estado. O trabalho é realizado em conjunto com os moradores e lideranças comunitárias. A agente responsável pelo território está presente em muitos dos eventos com propostas para atuação interna, fazendo com que as lideranças possam questionar tais intervenções, sejam elas espaciais ou não. O programa não produz alterações diretas no território, mas tem promovido grandes avanços, conseguido a participação mais ativa e consciente dos líderes com levantamento de algumas questões.

Um exemplo da participação ativa e consciente do programa foi a alteração do projeto no PAC 2³⁷, que não contemplava as demandas levantadas pelos moradores. Além disso, participou do processo de mudança da presidência da Associação dos Moradores, quando foi substituído o antigo presidente, morador de outra favela, pouco participativo em questões locais.³⁸

³⁷ Programa de Aceleração do Crescimento, com sua primeira fase iniciada em 2007, no Governo Lula, e a segunda etapa, quando é abordada a Favela do Salgueiro, iniciada em 2011 e intitulada de PAC2, e tem verba destinada a comunidades. Ver item 3.3.2.6.

³⁸ A atuação destes presidentes da Associação de Moradores não se apresentou de forma explícita nas entrevistas realizadas. O trabalho deles não pode ser, claramente, mensurado nesta etapa da pesquisa,

O programa “Territórios da Paz” não tem uma proposta projetual, ou seja, não atua com o desenho urbano. Algumas de suas atuações repercutem diretamente sobre este território, pois, ao funcionar como um articulador propõe a intervenção de outros atores no espaço interno da Favela. Podemos citar a articulação com entidades para apoiar mutirões, como aconteceu em diversos Mutirões de Lixo, onde a COMLURB³⁹ era convidada a participar para auxiliar aos moradores.

“[...] o foco está no papel de “articulação” que o programa deve assumir (e não o de execução), acionando os distintos setores do governo responsáveis por responder a uma determinada “demanda” do “território”.” Tomassi e Velazco (2012, p. 21)

Este é o quarto e último programa atuante na Favela que analisamos⁴⁰, nesta pesquisa. Foi, porém, o único, mesmo sem intervir fisicamente no espaço estudado, que entendeu as trilhas como elemento do Salgueiro. Uma compreensão voltada para, mais especificamente para o incentivo do turismo, estabelecendo parcerias com instituições para a formação de guias locais.

Na visão desse programa, as trilhas estão inseridas em um contexto de geração de renda para a população local. Desta maneira, incentivados pelo programa, uma pequena parcela dos moradores e empreendedores se beneficiariam. Os guias cobram pelo trabalho, além de formarem parcerias com alguns estabelecimentos, para lanches e pequenas paradas para descanso.

Um dos desdobramentos deste programa foi a qualificação, pelo SENAI, para trabalhar com o turismo. Foi a partir desse encontro que surgiu o Grupo de Turismo Inter Comunitário Tijuano (GTIT). O GTIT atua em conjunto nas favelas da Formiga, Coréa, Salgueiro e Turano. Estas quatro favelas estão conectadas rizomaticamente, por caminhos que se embrenham pela floresta.

uma vez que se mostrou pouco envolvido com as questões envolvidas com as questões abordadas neste estudo.

³⁹ Companhia Municipal de Limpeza Urbana é a maior organização de limpeza pública na América latina. Sociedade anônima de economia mista tem a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro como acionista majoritária. (dados da Prefeitura do Rio de Janeiro)

⁴⁰ Optamos por apresentar os programas pela ordem em que foram implantados no território do Salgueiro, o último deles é o PAC, mas que ainda está em fase projetual, sem atuações diretas no local.

3.3.2.5 – Grupo de Turismo Intercomunitário Tijucano

Os programas iniciados após a implantação do Programa de Pacificação permitiram e incentivaram, mesmo que indiretamente, o desenvolvimento do GTIT. A pacificação policial permitiu que pessoas de fora se sentissem mais seguras para ultrapassar a barreira da favela, e vivenciar suas conexões com a Floresta. Além disso, a UPP Social disponibiliza o contato de agentes ambientais envolvidos no turismo e o Programa Territórios da Paz firmou parcerias com SENAI para capacitação de pessoas envolvidas com o turismo.

Este Grupo de Turismo promove caminhadas pelas trilhas guiadas no interior das Favelas do Maciço que se conectam pela Floresta, Turano, Salgueiro, Coréa e Formiga, representando um acordo entre as lideranças das Favelas. A intenção desse grupo é de geração de renda para moradores e comerciantes locais.

O desenvolvimento do projeto turístico impulsionado principalmente pelas trilhas é bastante recente datando de 2012. Os maiores interessados nesse projeto são moradores dedicados às questões relacionadas a seu local. No caso do Salgueiro temos os donos do Bar e Padaria Caliel, que recebem os visitantes para uma pausa, e uma agente ambiental, que possivelmente será a guia de pequenas trilhas, por já trabalhar com as questões de reflorestamento da favela⁴¹.

A trilha que liga as favelas do GTIT está sendo chamada de Caminhada da Paz, como tal, tem sido divulgada em meios de comunicação (Figuras 41 e 42).



O valor do evento é R\$ 50,00 com almoço incluído, que deverá ser pago em depósito bancário do Itaú, cc 03361-0, ag. 6158.

Figura 41: Divulgação da trilha guiada por um morador do Turano. Fonte: Facebook, 09/02/2014.

⁴¹ Nota-se na Favela do Turano um maior envolvimento com as questões turísticas, tendo sido criada uma agência de turismo envolvida com trilhas guiadas e trilhas em outras localidades.



Figura 42: Manchete do Jornal Meia Hora em reportagem sobre Caminhada da Paz. Ver reportagem completa no Anexo 03.

Esse Grupo não tem como objetivo, especificamente, questionar sobre a conexão dessas favelas por meio de trilhas, e nem de como o turismo, sem as devidas precauções, pode se tornar um bloqueador aos usos iniciais desses caminhos. O turismo promovido pelo GTIT apenas utiliza a estrutura urbana existente para agregar renda e beneficiar financeiramente moradores diretamente envolvidos com a questão, sem trazer qualquer benefício ao conjunto da população da Favela. Ainda assim, esse turismo ecológico pode vir a se tornar uma das possibilidades de aproximação da população do bairro e da cidade com a população favelada, mesmo que apenas naquelas horas de caminhada.

3.3.2.6 – Programa de Aceleração de Crescimento 2

“Obras de urbanização e infraestrutura em comunidades carentes, como construção de unidades habitacionais, complexos de saúde, escolas, áreas de lazer e esportiva, sistema de água e esgoto, teleférico, planos inclinados, além de alargamento de vias, totalizando mais de R\$ 1 bilhão de investimentos.”
www.tj.gov.br, 22/10/2013, 22:45.

O Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, foi instituído pelo Governo Federal em 2007. Em 2011 inicia sua segunda etapa, que vem conhecida como PAC 2. Dentro do PAC existe uma subcategoria, o PAC Comunidades, que atende as demandas de favelas. A Favela do Salgueiro está para ser contemplado na segunda etapa do programa, segundo manchete do jornal O Globo. (Figura 43).

BAIRROS

Comunidades da Tijuca vão receber até 158 milhões em investimentos do PAC 2

Projeto contempla iniciativas nos morros do Borel, da Formiga e do Salgueiro

POR STÉFANO SALLES
23/07/2014 4:00 / ATUALIZADO 23/07/2014 11:48

Figura 43: Reportagem do Jornal O Globo de 23/07/2014.

As obras do PAC Salgueiro ainda não foram iniciadas. Uma primeira proposta foi apresentada na Oficina de Desejos, reunião pouco divulgada para os moradores. Em reunião posterior muitos deles relataram desconhecimento do encontro. Participaram da “Oficina dos Desejos”, escreveram, basicamente, em um papel, quais eram as principais necessidades do local e entregaram para a equipe do PAC que estava presente no local, de acordo com entrevistados.

Após analisarem a planta da proposta inicial, os moradores, com intermédio da gestora do Território da Paz, apresentaram em documento algumas alterações. Para eles, o projeto do PAC Salgueiro não considerava construções importantes para história local. E efetivamente conseguiram preservar alguns de seus espaços sem alterações.

A proposta do projeto, segundo a planta de urbanismo, promove alterações substanciais na Favela, sendo a principal delas a construção de um monotrilho e uma torre de elevador (Figura 44). Este seria conectado, subterraneamente, com a Praça Saens Pena, importante ponto de transportes para o bairro.



Figura 44: Estações de monotrilho e elevador dentro da Favela do Salgueiro, segundo projeto do PAC 2.

Além disso, o setor da Favela que se conecta com a Floresta da Tijuca receberia um “cinturão” de reflorestamento, e muitas das novas construções, edifícios tanto como espaços de lazer e hortas comunitárias localizadas nesta área do Salgueiro seriam replantadas (Figura 45). Comparando a planta da favela do projeto PAC Salgueiro com a planta do projeto proposto no programa Favela-Bairro em 1999, esta última é a mais próxima da realidade da Favela. Na proposta do PAC podemos perceber uma considerável diminuição dos limites da favela.



Figura 45: Diminuição da área de favela com áreas de reflorestamento e horta comunitária. Segundo projeto do PAC 2.

O projeto PAC Salgueiro propõe uma franca conexão com o contexto urbano no entorno da favela, portanto, com a cidade. Neste projeto a favela conecta-se diretamente, por um acesso subterrâneo, ao principal núcleo de transportes do bairro (Figura 46). A conexão com o contexto natural, a Floresta, no entanto, mais uma vez, parece ser comprometida, ao invés do limite construído apenas para conter a expansão da favela, reduzindo sua a área. Isso implicaria tanto em remoções das casas mais antigas dessa favela, como também em um não incentivo à utilização deste espaço público e natural por moradores tanto da favela e do bairro, como era feito, principalmente, em momento histórico anterior ao domínio do tráfico.



Figura 46: Chamadas da planta do projeto do PAC 2 sinalizando as integrações do bairro formal com a favela.

Capítulo 4 – Caminhos além da Favela

4.1 – A imagem da Tijuca na área de entorno do Salgueiro

A análise da cartografia e iconografia do Bairro da Tijuca, sobretudo, onde está localizada a Favela do Salgueiro e sua área de entorno, permite ampliar a compreensão do nosso objeto de estudo (Figura 47)⁴².



Figura 47: Área de estudo. Fonte: Hersen, 2014.

A área delimitada (Figura 48) tem como ponto nodal a Praça Saens Peña, considerada o “centro comercial” do bairro da Tijuca, um pólo de transportes e comércio. A Praça está presente na história urbana da Tijuca desde 1910, na sua primeira urbanização, ainda não apresentando o desenho atual, mas com a mesma delimitação. E ela acompanhou a urbanização do bairro, mudando muitas vezes de função, mas mantendo sua forma, guiando o traçado das vias que viriam a ser implantadas. Nesta análise foi considerada a Rua General Roca⁴³ como eixo principal de conexão com a Favela do Salgueiro. Nela se localiza o acesso mais usado por moradores da Favela e o mais representativo marco de troca bairro-favela para os cidadãos, não sendo este o único acesso para a Favela do Salgueiro. A Favela se conecta

⁴² As entrevistas citadas neste capítulo constam no anexo 2.

com o bairro também pelas Ruas Poteguí, Rua Goulart e Rua dos Araújo, sendo estes acessos muito menos usuais se comparados com a Rua General Roca. A Rua General Roca é uma rua importante para o bairro, mas não é a mais representativa, nessa mesma área delimitada poderíamos citar a Rua Conde de Bonfim como mais conhecida e a que mais representaria a Tijuca, mas a intenção nessa pesquisa é entender as conexões bairro-favela-floresta, por esse motivo escolhemos a Rua General Rocca, por ser a principal via de conexão bairro-favela.



Figura 48: Delimitação da área a ser analisada. Fonte: GoogleEarth em 02/10/2014.

A Rua General Roca começa na Rua Barão de Mesquita em frente ao Tijuca Off Shopping, é perpendicular a Rua Barão de Mesquita e segue por aproximadamente um Km, cruzando a Rua Conde de Bonfim, a Rua Desembargador Isidro até chegar a Rua Francisco Graça. Esta via, já no sopé do Morro, se prolonga pela Rua dos Junquinhos, ambas integram a Favela do Salgueiro. Neste percurso a Rua General Roca muda o sentido de fluxo viário por três vezes (Figura 48), o que desorienta algumas pessoas ao descrevê-la.



Figura 49: Mapa esquemático da área destacando as diferentes tipologias do bairro. Fonte: Hersen, 2014.

Muitas lojas, bancos, restaurantes, lanchonetes, academias, farmácias, além de saídas do metrô (Figura 49) estão localizadas na General Roca. Ela é um dos limites da Praça Saens Peña. No quarteirão seguinte da Praça está localizado um ponto de Kombi e moto taxi que fazem transporte para a Favela do Salgueiro. A maior concentração de comércio e serviço está localizada no trecho inicial, antes da Praça Saens Peña, diminuindo, consideravelmente, onde tem a primeira mudança do fluxo de automóveis. Neste trecho ainda podemos notar algumas lojas, restaurantes e alguns estacionamentos, mas a rua vai se tornando cada vez mais residencial.

“Chegando ali, eu me conectava a loucura que é a Praça Saens Pena. Tanta gente! Tantas pernas andando ao mesmo tempo. Tantos cheiros. Cheiros de restaurantes.. suas comidas! Era o chinês azedo do restaurante chinês. Era o cheiro tentador do Mc Donald que fica próximo dali. Era o cheiro do galeto que fez parte da minha infância. Quantas vezes comi naquele galeto. Com o meu papai! Boas lembranças..... Nesta rua também tenho lembranças que não tem muito a ver com o "bom". Quando lembro das muitas vezes que passei ali e passo....e vejo a enorme quantidade de gente pedindo esmola....deitadas no chão...sem onde morar! Cada dia mais....” Participante 03

“Passando a praça a rua fica mais residencial e pouco andei por ali, sempre soube que na parte mais alta, próximo a entrada da favela tinha muitos assaltos e evito passar por ali.” Participante 02



Figura 50: Mapa de esquemático destacando edifício de comércio e serviço da área de estudo. Fonte: Hersen, 2014.

Para muitos entrevistados o trecho final da Rua General Roca marca o fim do “bairro” já que a partir desse ponto o eixo penetra a Favela do Salgueiro e segue até a floresta sem ser percebido: *“ai ali tem sempre uns carros de polícia parados e vem a favela”, “nunca entrei ali, sou urbana”,* ou *“chegamos então na entrada do Salgueiro e ai acabou, vira para Rua dos Araújo e é isso”*. Apesar de ser considerada uma “sólida” barreira pelos que ali transitam, os limites do Salgueiro são, espacialmente, fáceis de serem ultrapassados.

Indo na direção da floresta, andar pela general roca depois da saens pena era um tanto quanto uma aventura. Em razão da presença do Morro Salgueiro... .quando eu andava por ali, me vi muitas vezes apreensiva de algo que poderia acontecer! Bala perdida assalto qualquer coisa violenta! Mas.... de fato nada aconteceu....nunca aconteceu! O medo era só medo! Participante 02

Eu não conheço o Salgueiro / Sempre tive medo / Vai que na hora que eu subisse a policia entrasse. Participante 08

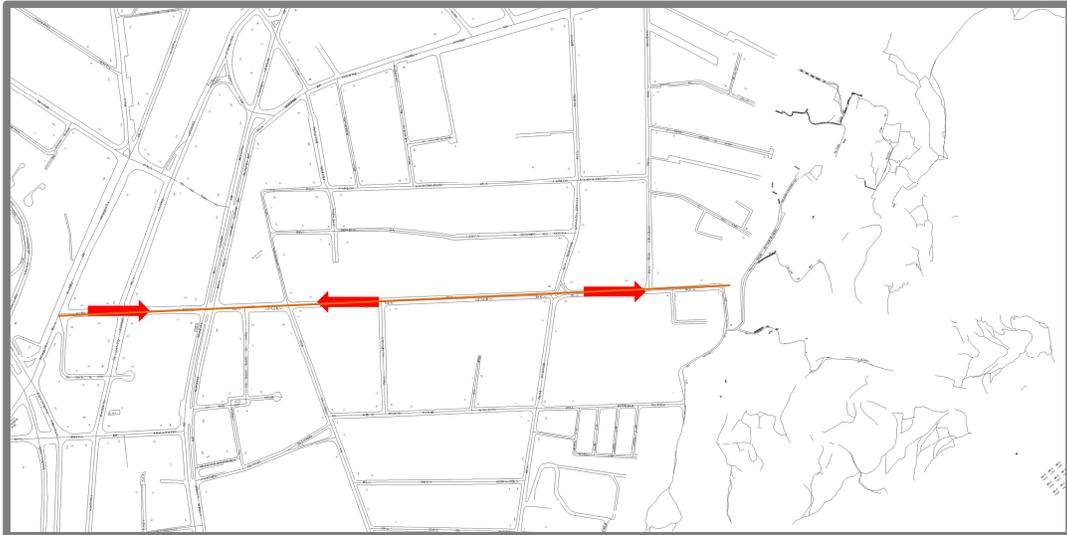


Figura 51: Mapa esquemático da área de estudo, só com vias e fluxos do eixo determinado. Fonte: Hersen, 2014.

Ao transpor o limite do bairro e entrar na favela é possível observar significativas mudanças na dinâmica urbana. Desde a presença de policiais ostensivamente armados à tipologia das construções e a organização da estrutura urbana. Os caminhos deixam de ser retilíneos e passam a ser orgânicos (Figura 51), as possibilidades para se chegar a determinado lugar se ampliam rizomáticamente. Ao entrarmos na favela, a imagem de “barreira” é substituída pela de conectora e inúmeras possibilidades de usos para seus percursos se desvelam.

“Subida Morro do Salgueiro até o Maciço da Tijuca, onde existe uma grande área de replantio de espécies de árvores nativas da Floresta da Tijuca./ Pontos de referências: Associação dos moradores, Escola Municipal Bombeiro Geraldo Dias, Borracharia do Feijão, Casa do autor do Livro Coisas de Morro: Gilberto Magalhães, conhecido como bicho branco, Padaria Caliel, Quadra: conhecida como Caldeirão, onde era realizado o baile Funk, Espaço Calça Larga: Bar tradicional que fora frequentado por famosos compositores de Samba e MPB”.

Participante 01

Nota-se a distinção entre o modelo arborescente da cidade tradicional, o modelo rizomático da favela e o tecido híbrido que foi se formando no encontro dos dois. Em visita ao campo pudemos perceber diversos elementos da imagem da cidade. As **vias** constituem a imagem atual do bairro, sendo a principal delas a Rua Conde de Bonfim.

Esta via é grande referência para as pessoas que utilizam o bairro eventualmente. Já a Rua General Roca é vista pelas pessoas que moram ou trabalham nesses arredores como uma rua de muito comércio e serviço, confusa, onde muitos carros e pedestres transitam. Em tempos anteriores essas vias eram vistas como ponto de encontro, principalmente para os jovens, que consideravam algumas de suas lojas *chiques*.

“O que me lembro da Rua General Roca são as noites de sexta-feira. Sim, toda sexta, à meia-noite, havia pré-estréia (sic) no Cine Bruni Tijuca, na Praça Saens Peña. Íamos, dois ou três amigos e, após a sessão, pegávamos a General Roca, saindo da Saens Peña, em direção à Barão de Mesquita. No primeiro cruzamento, dobrávamos à esquerda, na rua Santo Afonso (ela era então sem saída). E lá era o Bob's, onde eu sempre pedia um sundae de marshmallow e um cheeseburger.” Participante 12

“Logo na esquina seguinte era o Bob's. Ponto de referência nossa de juventude. Programa era comer um big Bob's ali. Mac Donalds só chegou no Brasil em 1984.[...] Próxima esquina era a Sloper. Uma loja de departamentos super bacana, que faliu, mas que tinha um visual bacana, apurado.” Participante 05

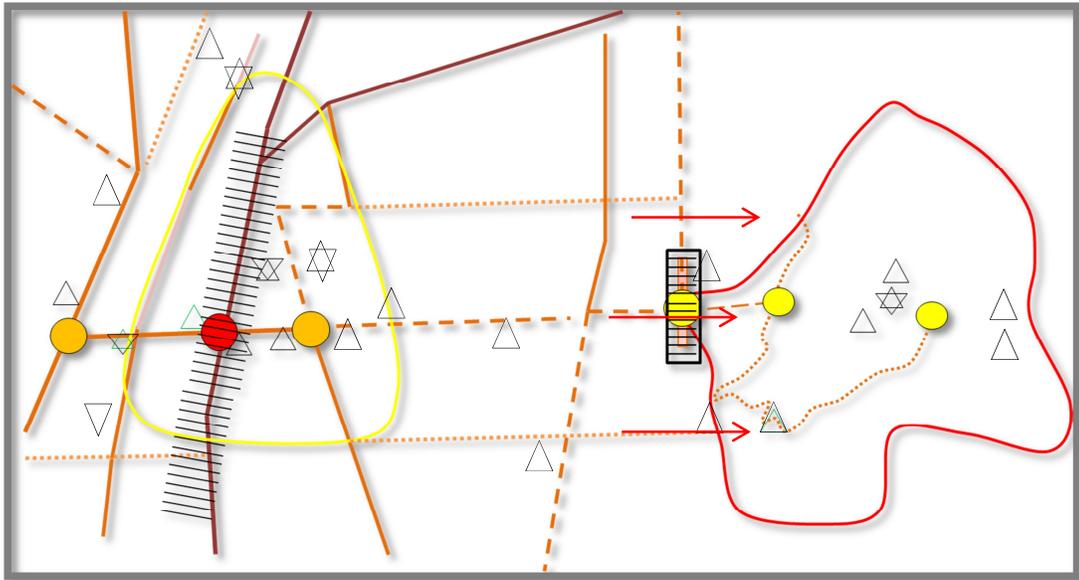


Figura 52: A Forma Visual da Visita de Campo. Fonte: Hersen, 2014.

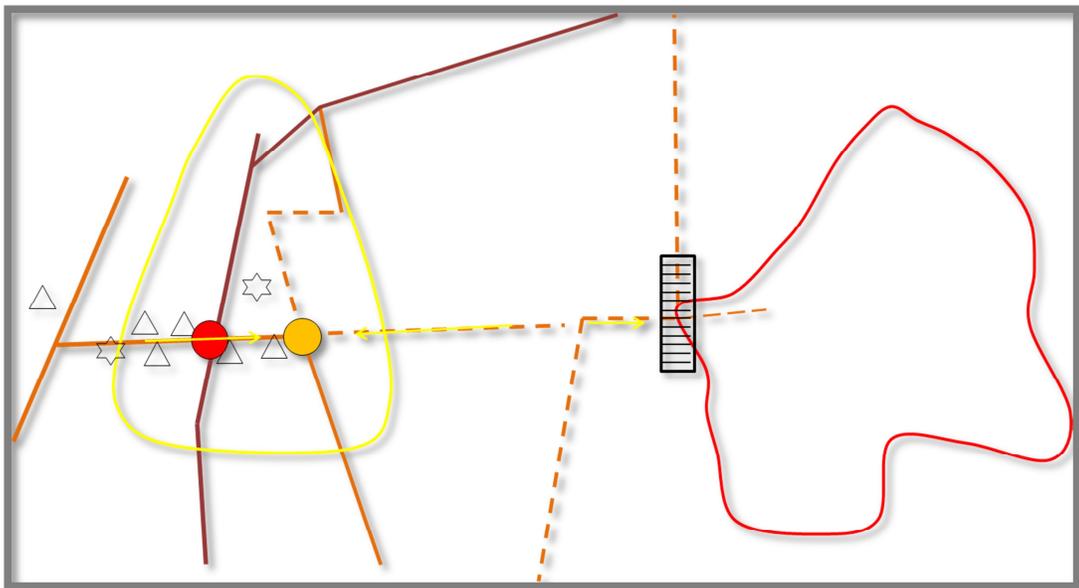


Figura 52-A: A Forma Visual de como o bairro é percebido. Fonte: Hersen, 2014.

	VIA	LIMITE	PONTO NODAL	BAIRRO	MARCO
-	---	▨	●	△	☆
+	—	▩	●	⊂	△

Figura 52-B: Legenda dos Mapas de Forma Visual. Fonte: Hersen, 2014.

O bairro encontra a favela e esta a floresta. Através das vias penetram a favela e se estendem pela floresta (Figura 62). Não se percebe, a primeira vista se as trilhas vieram do bairro ou da floresta, mas que são elementos característicos da morfologia urbana da Favela do Salgueiro. A Rua Francisco da Graça se prolonga pela Rua dos Junquinhos contornando o Morro dos Trapicheiros em um traçado sinuoso distinto da malha da área plana próxima à Praça Saens Pena.

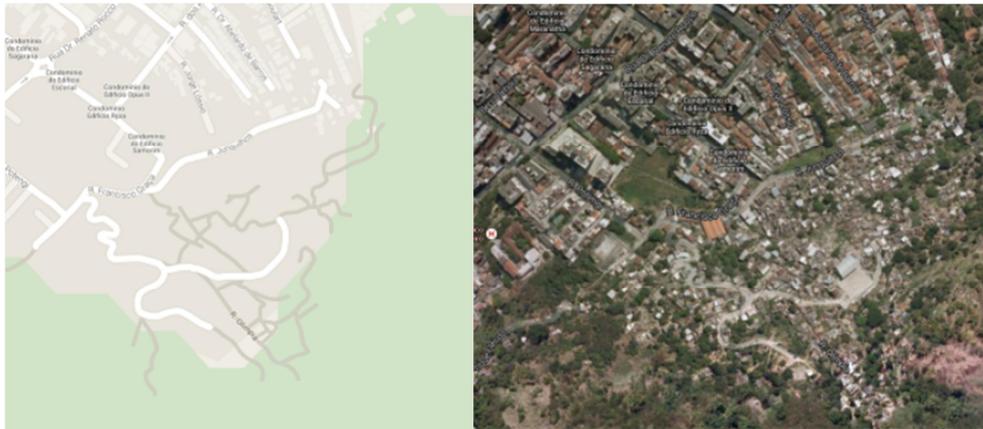


Figura 53: Vias do bairro se prolongando pela Favela, que por sua vez se erradia pela Floresta ou o contrário. Fonte: GoogleMaps, 2014.

Na imagem aérea (Figura 53) pode-se observar a diferença entre os dois tecidos urbanos: o bairro, com ruas mais largas, e lotes que condicionam a ocupação e o gabarito das edificações (submetidas às normas urbanísticas da cidade); e a favela, com suas trilhas estreitas, nas quais as ruas mais largas, resultantes das intervenções urbanas recentes se destacam, organizam a ocupação máxima das quadras com edificações de pouca altura e áreas reduzidas, na maioria. Quanto mais próximo da floresta mais rarefeito o tecido da favela.



Figura 56: Caminhos da Cultura do Morro do Salgueiro, Intercâmbio JuventudeArte. Dezembro, 2011.

Além das vias, os usuários reconhecem diversos marcos ao se lembrarem da Rua General Roca, muitas vezes os marcos remetem a momentos importantes da vida dos antigos moradores, e muitos deles continuam a falar com nomes de estabelecimentos que já não existem. “Rua Gal Roca esquina com rua Barão de Mesquita em frente ao extinto bar Roquinha” Participante 01. É o caso da loja Sloper, do bar Roquinha, da lanchonete Sheik e do extinto banco BANERJ.

Ao entrar na favela as vias deixam de ser elementos norteadores, agora se trata de vias com traçado orgânico, com poucos pontos de referência e com raras sinalizações. Vimos ainda alguns moradores se confundirem entre os becos que não faziam parte do seu percurso cotidiano, mas isto não fazia com que tivéssemos que voltar ao ponto de partida para reiniciar o percurso, saíamos quase sempre em caminhos alternativos, que também conectavam os mesmos pontos.

Alguns marcos nos parecia evidentes, tanto pela importância com que eram tratados como por estarem muitas das vezes nos caminhos mais percorridos, nossas visitas sempre percebíamos o Bar/Padaria Caliel, o Bar Calça Larga, a quadra de esportes coberta e o campo de futebol. Mas os marcos não se resumem a estes poucos locais, existem muitos locais históricos ou novos estabelecimentos que se tornaram ponto de encontro para moradores. Esses marcos e pontos nodais foram mapeados

também no trabalho Caminhos da Cultura e na legenda podemos ver mais detalhadamente seus nomes (Figura 56). Mesmo que o morro seja constantemente expandido pelo prolongamento de suas trilhas, é possível verificar tanto neste mapa quanto em conversas que seus limites são percebidos, e o território do Salgueiro é visto com algumas “divisas” em relação aos outros *bairros*, como é o caso do número 20 no mapa: “divisa Salgueiro com Turano”.

Menino: *vai na divisa?*

Ela respondeu: *Vou.*

Menino: *Cuidado para a cobra não te picar.*

No território da favela, percebe-se uma grande demanda por intervenções do poder público a fim de minimizar a grande deficiência de infraestrutura urbana (lixo, esgoto, arruamento) que fazem deste espaço um ambiente carente⁴⁵. Estas intervenções, quando acontecem, privilegiam uma leitura da cidade formal como futuro almejado pela favela, desconsiderando uma lógica de contínua construção da favela. De acordo com esta leitura, aos poucos as obras vão transformando setores orgânicos do espaço em espaços fixos e reticulares (Figura 57).



Figura 57: Análise das alterações produzidas por programas urbanos no entorno da quadra de esportes em planta baixa. Fonte: Hersen, 2013.

Na Favela do Salgueiro as edificações chegavam em um primeiro momento à beira da quadra. Elas eram ocupadas pelo uso residencial e comercial, já no projeto do Programa Favela-Bairro, casas deram lugar às vias, pequenos edifícios residenciais foram construídos, quiosques para o tradicional bar e mesas nos espaços que sobraram formando pequenas praças. Mais recentemente, o Programa Cimento Social construiu

⁴⁵ A visita ao local leva a questionar os dados do CENSO 2010 quanto à infraestrutura do Salgueiro apresentada anteriormente.

novas habitações na parte superior da quadra, onde foram removidas habitações com risco de deslizamento. Essas habitações além de se organizarem de forma linear, atípica no Salgueiro, conformam uma tipologia completamente distinta do contexto da favela. Elas podem ser percebidas, visualmente, desde a General Roca, antes da Saens Peña.

A favela, com vias tortuosas que não se estruturam em quarteirões como no bairro. Analisando os mapas (ANEXO 01) não conseguimos distinguir nitidamente os caminhos que, por vezes, são encimados por edificações. Nesse contexto, arquitetos e urbanistas definem planos e projetos de urbanização sem parecer conhecer a morfologia urbana diferenciada da favela. A ela se sobrepõem os princípios que organizam a morfologia urbana da cidade tradicional. Elementos do tecido racional retilíneo se impõem ao tecido orgânico e rizomático da favela.

O traçado da favela se adiciona ao do bairro, enquanto o traçado do bairro se sobrepõe ao da favela em projetos de urbanização.

“[...] esses traçados que se adicionam, se sobrepõem, entram em conflito, se interrompem e ressurgem, a massa edificada renova-se e estende-se a medida de uma lenta densificação que procede por crescimento interno, verticalização, parcelamento de parques e ocupação de caminhos.” (PANERAI, 1999. P. 11)

4.2 – Barreiras e Conexões

Observamos, assim, que a Tijuca é composta, nesta área, por dois traçados bem distintos: traçado reticular do bairro e o traçado orgânico da favela. Neste mapa do OpenStreetMap (Figura 58), embora a Rua General Roca não esteja com seus limites corretamente definidos no trecho próximo ao Salgueiro, apresenta informações relevantes. As curvas de nível mostram a proximidade deste setor do bairro com as áreas íngremes do Maciço da Tijuca. O curso do Rio Trapicheiro, que se inicia na Rua Soares da Costa, cruza a Carlos Vasconcelos e se prolonga pela Rua Conde de Bonfim; o Morro dos Trapicheiros, a localização da creche Raízes do Salgueiro, um importante marco para moradores. A marcação das favelas do Salgueiro e Coreia, e a floresta no meio das duas, e enfim a Floresta da Tijuca, que se conecta ao bairro pelas favelas.

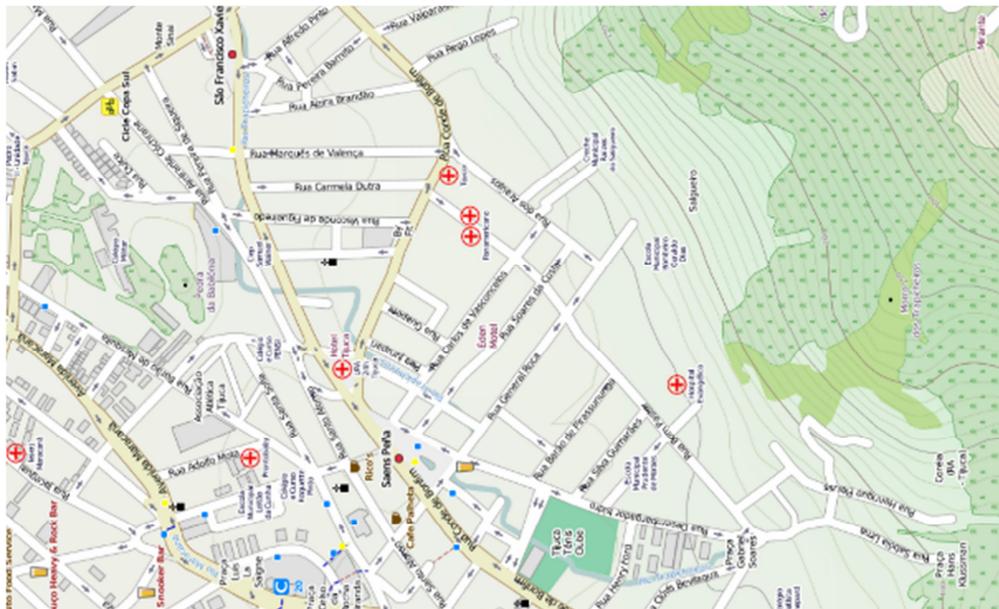


Figura 58: Mapa mostrando vias, fluxos, pontos nodais, marcos e curvas de nível do bairro. Fonte: OpenStreetMap, nov. 2014.

A urbanização do bairro pareceu não “subir” as montanhas, como também a ocupação das montanhas não “desceu” ao bairro. As ocupações foram se consolidando concomitantemente, mesmo quando os morros ainda eram ocupados por fazendas. No esquema abaixo (Figura 69) podemos ver três momentos dessa consolidação, o bairro de fazendas, com algumas casas e plantações no morro, cercado pela floresta. Depois o bairro passa a ser ocupado por fábricas, neste momento começam as ocupações do

Morro dos Trapicheiros. Num terceiro momento o bairro da Tijuca se consolida e a favela continua com seu constante movimento, como podemos ver no estudo de Jacques, 2001.

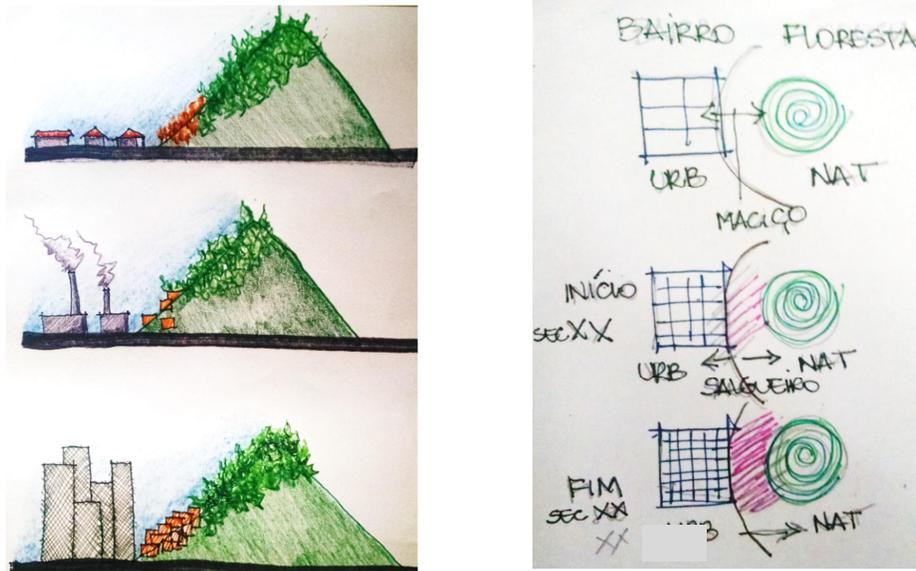


Figura 59: Croqui mostrando a expansão do bairro e da favela. Nov., 2014.

A Tijuca, já foi, em seus primórdios, um bairro tipicamente rural, com muitas fazendas e plantações, que posteriormente deram lugar as fábricas, que contribuíram para o adensamento da região (Figura 59). Os trabalhadores sem ter outra opção de moradia ocupam as encostas dos morros, história que se repetiu nas diversas favelas da cidade.

Para Panerai (1999) podemos perceber na cidade contemporânea uma inversão da relação entre o centro antigo e sua periferia, esta última passa a representar a maior parcela da população. No bairro da Tijuca este processo ocorreu de maneira similar acompanhando o desenvolvimento urbano do resto da cidade. O tecido urbano do bairro encontra-se consolidado há algumas décadas, como podemos ver no comparativo dos mapas da Figura 760. O crescimento das favelas foi tão intenso que a população moradora em favelas cresceu muito mais do que a população do bairro formal, segundo CENSO de 2000. Processo que representa, formalmente, a expansão rizomática do tecido da favela sobre o bairro e sobre o contexto natural.



Figura 60: Comparativo dos tecidos urbanos da Tijuca, próximo ao Salgueiro. O primeiro mapa de 1929 e o segundo de 2009. No canto inferior esquerdo aparece a Favela do Salgueiro, expandindo o tecido do bairro. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=104777002>. 06/10/2014, 14:00.

O acesso à Floresta é quase sempre vinculado a outros pontos mais altos da cidade, sem a percepção de que ela está bem mais acessível ao bairro do que se imagina, muitos usuários quando induzidos a pensar na Rua General Roca até a Floresta da Tijuca não conseguiam perceber que a Floresta estava na montanha quando ultrapassávamos a Favela do Salgueiro.

Entra na Rua General Roca, chegando na esquina da Rua Conde de Bonfim virar à direita e segue toda a rua até a Usina, onde se iniciará a estrada do Alto da Boa Vista, após chegar à Praça Afonso Vizeu, virar à esquerda e depois à direita, onde veremos o portão da entrada da Floresta da Tijuca.

Neste trajeto passaremos pela associação Tijuca Tênis Clube, onde passei parte da minha adolescência e pratiquei vários esportes, um pouco mais à frente encontraremos o curso de inglês CCAA onde realizei minha formação em língua estrangeira. Seguindo o trajeto cruzaremos com a Rua Uruguai e pelo prédio que reside meu avô materno, o qual me traz boas recordações da minha infância. Indo em direção à Usina, passaremos pelo Colégio São José, onde vários amigos da adolescência estudaram o que me fez frequentar vários eventos. Logo mais à frente começaremos a subida da Estrada Velha da Tijuca, conhecida como estrada do Alto da Boa Vista e chegaremos à Praça Afonso Vizeu, ponto de encontro de amigos, onde avistaremos a entrada da Floresta da Tijuca, agradável lugar. Felipe Hersen, 2014.

Mas diferente do que é percebido pelos moradores do bairro, que nunca tiveram nenhuma experiência de penetrar na floresta pela favela, as trilhas rizomáticas da favela nos possibilitam diversas vistas da cidade, e uma grande integração com a área natural da cidade do Rio de Janeiro. É possível identificar algumas vistas das trilhas que saem da favela e a alguns lugares onde se é possível chegar (Figura 61).

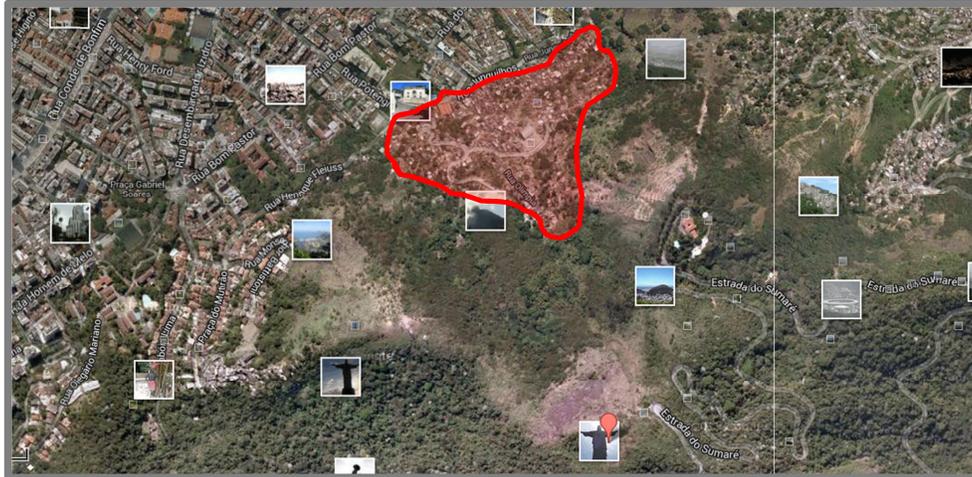


Figura 61: Mapa GoogleMaps com pontos em destaque. Fonte: Google, 2014.

Para os moradores da favela a floresta representa um ambiente conector. Muitos, ao recordarem da infância, comentam sobre pontos alcançados trilhando por dentro da floresta. Entre eles estão a Casa do Padre e a Estrada do Sumaré, de onde era possível ver o Cristo Redentor. Estas trilhas se estendem pela floresta, elas saem dos limites da favela e a leva para outros lugares em uma expressão física dos princípios do Rizoma.

Alguns destes caminhos já estão consolidados, tendo recebido urbanização aos programas implantados no Salgueiro. Eles são percebidos como caminhos fixos. Outros ainda atuam como trilhas informais, caminhos de terra, que podem ser modificados, “quebrados” em certo ponto e reconectados mais a frente, caso algum empecilho natural aconteça.

“[...] Fruto do percurso dos animais, dos homens e de suas caravanas o caminho organiza o território desde tempos imemoriais – desde os tempos dos pastores e dos nômades, dos primeiros agricultores e dos primeiros

conquistadores. O caminho conduz de um ponto a outro, de uma cidade a outra, de uma região a outra, bem como dá acesso, de um lado e de outro, a terrenos, campos, lotes, lugares habitados. [...] Nasce a cidade.” (PANERAI, 1999. P. 18)

Por dentro da favela encontramos múltiplos caminhos, que podem ser únicos em cada passagem, principalmente os que estão no interior da Floresta. Eles vislumbram novas vistas da cidade, novas surpresas, novos encontros e novas histórias. Jacques (2001) afirma que *fazer rizoma* é, precisamente, aumentar seu território por meio de múltiplas e sucessivas desterritorializações. Ou seja, enquanto percorremos o caminho rizomático que nos tira da favela, levamos um pouco da favela por essas trilhas, e estas nos levam até alguma parte da cidade.

“[...] localizadas em sítios íngremes, essas cidades seguem as linhas de cumeada, insinuam-se pelos vales, franqueiam desfiladeiros ocupando um território onde sua aparente continuidade ao longo das vias contorna e mesmo dissimula vastas áreas não construídas. Essa urbanização em forma de dedos, pontuada por monumentos nos pontos-chave do relevo, caracteriza tanto cidades pequenas quanto grandes metrópoles [...]” PANERAI, 1999. P 18

Esses percursos proporcionam uma integração da favela ao conectar o contexto urbano ao contexto natural, bairro à floresta através da favela. Assim, esses caminhos rizomáticos interligam três setores do bairro consolidadas em diferentes etapas do processo de consolidação. Como podemos ver na Figura 62: em laranja (01) está o bairro já consolidado, em roxo (02) vemos a favela em processo de consolidação, onde parte das trilhas já assumiu um caráter de via. E em verde (03) a Floresta, que não apresenta vias consolidadas, apenas trilhas espontâneas e que é bairro, é favela e floresta.

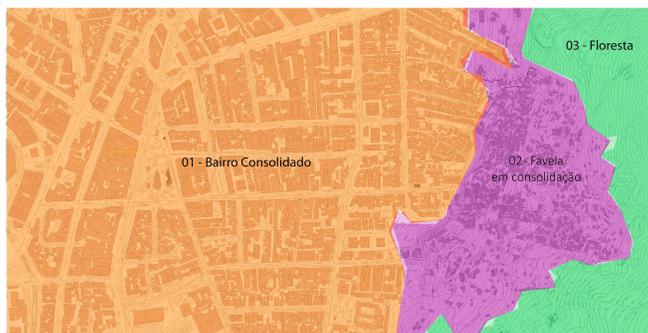


Figura 62: Mapa separando por cores as fases de consolidação da área estudada. Fonte: Hersen, 2014.

As trilhas fazem parte da história da favela do Salgueiro, estas poderiam ser consideradas um dos indicadores da relação entre floresta-favela-bairro desde o início da ocupação das encostas desse maciço. Na percepção dos moradores esse elemento conector traz muitas recordações da infância, e é sempre lembrado com momentos de lazer com família e amigos. Com o passar do tempo, porém, as trilhas foram recebendo novos usos, acompanhando o que acontecia também na cidade.

A relação da favela com as trilhas no interior da floresta seguem algumas funções principais que acompanharam a história do Salgueiro. A princípio foram usadas como opção para o deslocamento de uma favela para a outra, evitando descer e passar pelo “asfalto”. Eram muito usadas para o lazer dos moradores, principalmente dos jovens, que utilizavam para passeio. Não se sabe quando essas trilhas foram abertas, conjectura-se que pode ter sido no momento em que a área da favela era ocupada por fazendas, pois nesses caminhos observam-se muros de pedras que, provavelmente delimitavam estas fazendas. Esses muros de pedras ainda existem. Como se pode verificar tanto na direção da Favela do Turano, como no sentido oposto, em direção à Favela da Coréa. (Figura 63)



Figura 63: Muro de pedras entre Salgueiro e Turano. Fonte: Hersen, 2012.

Posteriormente, em um segundo momento, com o auge do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1990 as trilhas começam a ser usadas como fuga e esconderijo para traficantes e policiais. Nesse momento as trilhas perdem consideravelmente seu uso original, pois se tornaram inseguras. Vale ressaltar que este processo não se restringia à favela, embora nela o medo possa ter sido maior segundo relato dos entrevistados. As pessoas tentavam evitar qualquer lugar que o perigo fosse eminente. Atualmente as trilhas têm assumido outra função, o ecoturismo. Este uso já existia em outras favelas, mesmo antes da pacificação, como podemos ver no gráfico esquemático com marcos cronológicos da Figura 64.

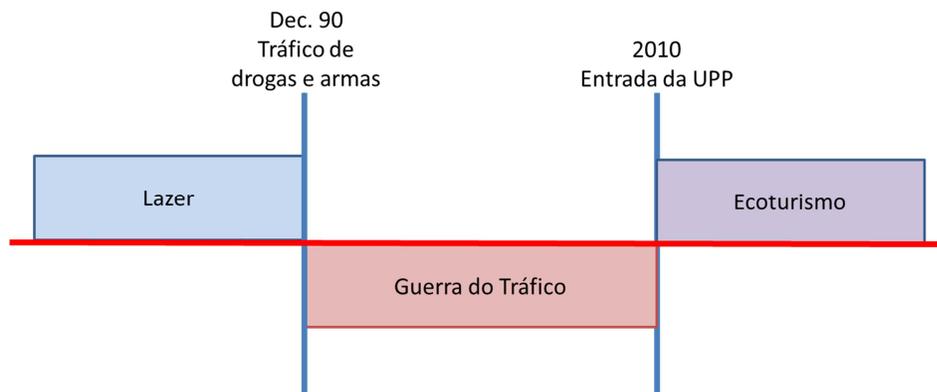


Figura 64: Gráfico esquemático dos usos cronológico das trilhas. Fonte: Hersen, 2014.

Ao entrar na favela começamos a percebê-la como um espaço conector, cheio de boas lembranças e com diversos usos. Alguns pontos de visita e funções são mais enfatizadas pelos habitantes do local. Elas eram utilizadas para catar lenha, quando as casas ainda não tinham nenhuma opção de gás de cozinha. Também conduziam as lavadeiras até as quedas d’água, as curandeiras usavam plantas da mata próxima, para tratamentos de doenças e males, os mateiros, que buscavam as plantas nos locais conhecidos por eles.

Entre os locais mais visitados estão: a Estrada do Sumaré (Figura 65), que contorna o Morro do Sumaré. Onde foram instaladas muitas antenas de televisão e telefonia, tal como pode ser visto de vários pontos da cidade e onde estas estão localizados alguns pontos turísticos importantes. Entre os moradores os locais mais visitados nesta Estrada são: o Cristo Redentor (um dos símbolos da cidade) e a Casa do Padre. O local utilizado para heliporto nesta residência era utilizada anteriormente como quadra onde os moradores praticavam atividades.

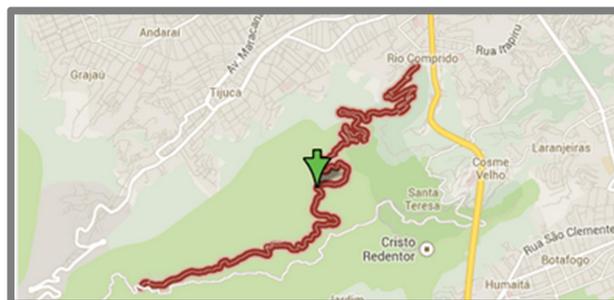


Figura 65: Em destaque a Estrada do Sumaré. Fonte: Google, 2014.

A Estrada do Sumaré se apresenta como uma barreira, pois esta subdivide a Serra da Carioca em outros dois setores, de um lado está a Favela do Salgueiro (em vermelho) e, do outro, importantes pontos turísticos (em amarelo), e trilhas mais divulgadas, conhecidas por turistas. (Figura 66)

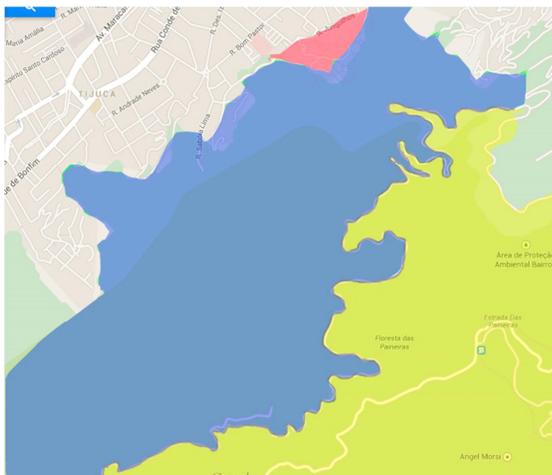


Figura 66: Mapa esquemático mostrando a barreira que a Estrada do Sumaré (entre os setores amarelo e azul) faz dentro do PNT, sendo em vermelho a Favela do Salgueiro.

A Casa do Padre (Figura 67) é o nome atribuído pelos moradores à Residência Assunção ou Palácio Apostólico do Sumaré. Alguns Papas já ficaram hospedados lá quando em visita ao Rio de Janeiro, como o Papa Francisco, na Jornada Mundial da Juventude em 2012. Atualmente a Residência é cercada por muros altos e vegetação para todos os lados, os moradores são, assim, impedidos de frequentarem este espaço, para jogos e piqueniques como faziam anteriormente na quadra ocupada hoje pelo heliporto, também desestimulando a ida dos moradores até o local.



Figura 67: Casa do Padre. Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/rio/casa-em-que-papa-vai-ficar-no-rio-tera-aposento-simples-para-pontifice-9043158.html> (01/07/2014 - 20:45)

As trilhas são utilizadas atualmente, sobretudo para o Ecoturismo (Figura 68), embora os usos e percursos anteriores ainda subsistam. Novos caminhos continuam sendo abertos conectando os mesmo setores do bairro. Como não se trata de uma mata fechada e densa, podemos ter diversas possibilidades de caminhos, mesmo que partindo de um único lugar.



Figura 68: Trilha realizada com grupo de estudantes da Universidade Gama Filho saindo da Favela do Salgueiro. Foto: Leonardo Hersen. Março/2012.

Ao realizar os percursos (Fig. 69, 70 e 71) com os guias locais, na etapa de visitas ao local desta pesquisa, percebemos a intenção de se incentivar o desenvolvimento da atividade turística na área. Projeto que conta com o apoio das guias (moradores do Salgueiro e do Turano) e inclui construir novos pontos de apoio para receber os turistas, como um polo gastronômico, e mirantes infra estruturados.

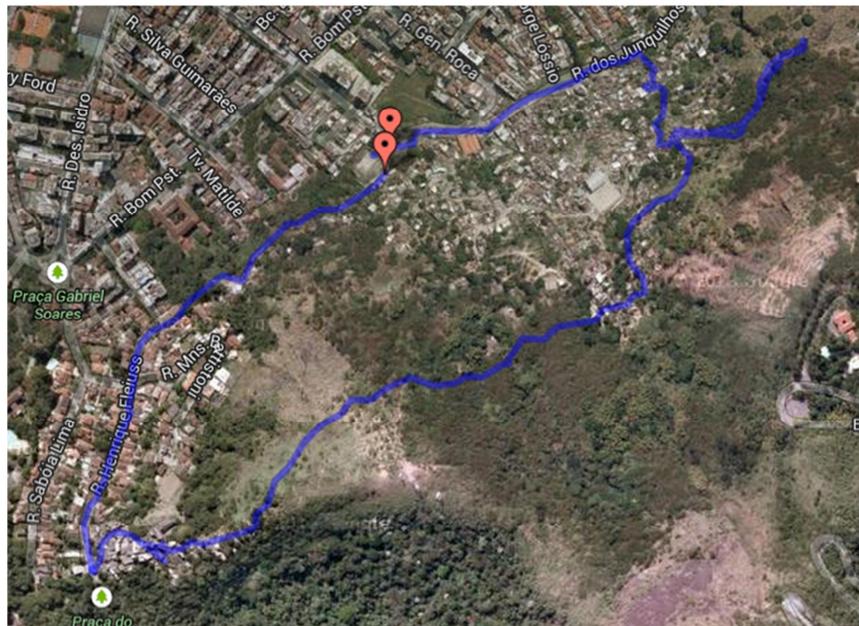


Figura 69: Mapeamento por GPS de trilha iniciada e finalizada dentro da Favela do Salgueiro. Fonte: Leonardo Hersen, 2012.

Para que possam ser utilizadas para fins de turismo ou de esportes, as trilhas podem ser longas, curtas ou médias, iniciando o trajeto em uma favela e terminando em outro, ou ser associada outros esportes, como trekking.



Figura 70: Mapeamento de um percurso por GPS, sendo esta iniciada e finalizada na Praça Saens Peña. Fonte: Leonardo Hersen, 2012.

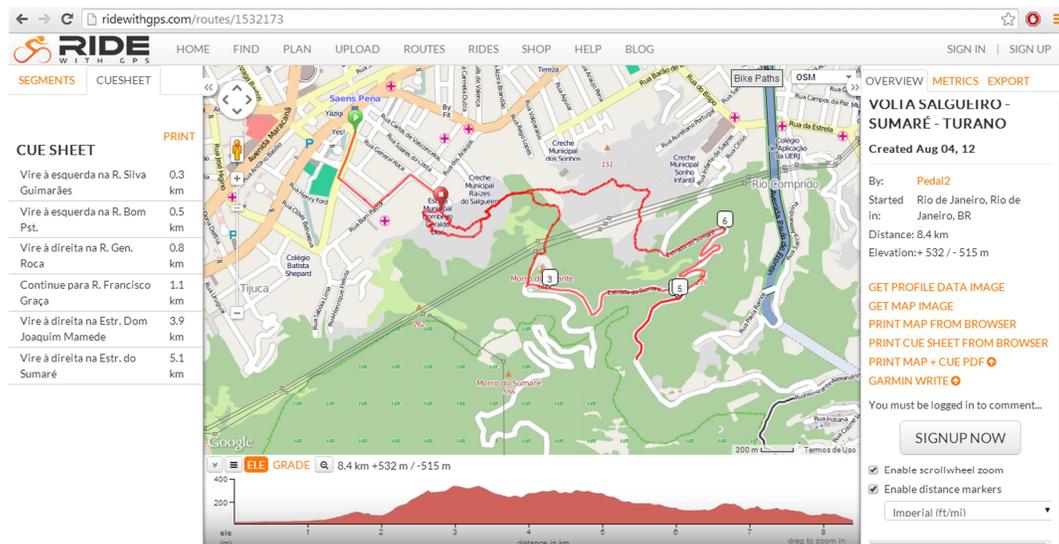


Figura 71: Mesmo mapeamento da Figura 62, mas agora sincronizado com outro programa online, que permite descrever kms percorridos.

Considerações Finais

Apesar de a favela ainda ser percebida pelos moradores da Tijuca como uma *barreira* acreditamos que a realização de estudos e pesquisas apoiados na diversidade de elementos que a compõem pode contrinuir para promover uma revisão desta percepção e, conseqüentemente, contribuir para a elaboração de novos projetos de arquitetura e urbanismo, bem como novos programas.

Em nossa pesquisa privilegiamos investigar a conexão entre a favela, o morro e a várzea selecionando como recorte geográfico o eixo viário de acesso à favela, a Rua General Roca, que se prolonga pelas trilhas que se iniciam no Salgueiro até o Parque Nacional da Tijuca.

A abordagem metodológica utilizada articulada a pesquisa empírica a um breve levantamento bibliográfico, mostrou-se adequada. Primeiro, porque a utilização de procedimentos consagrados do campo de urbanismo como a análise morfológica e a percepção dos moradores e frequentadores do local, permitiram que “o novo”, “o híbrido” se evidenciasse com clareza. Segundo, porque tínhamos um descompasso entre a bibliografia sobre as favelas; sobre o Parque Nacional da Tijuca; sobre o Salgueiro; sobre as Trilhas; sobre as trilhas em favelas. Neste sentido optamos por equilibrar estar dados ampliando os que eram ainda insuficientes, e construindo novos dados a partir da empiria e remetendo aos textos clássicos dos temas mais referenciados.

Como considerações finais é importante destacar que: Nos projetos e programas analisados, observou-se que a favela foi abordada, reiteradamente, de maneira isolada, e em vez de sua forma de desenvolvimento espontâneo fazer parte da cidade, os projetos consideram-na como um setor que deve alcançar o desenho da cidade.

A Favela do Salgueiro foi contemplada com novas praças, quadras e espaços para convivência reproduzindo, ou ainda sobrepondo, um traçado de tecido urbano tradicional, desconsiderando as conexões orgânicas que penetram pela floresta, uso este muito importante para história do local.

As trilhas que recebem, atualmente, propostas de programas voltados para o turismo, não são contempladas nas propostas de reurbanização, não contemplando, portanto, o uso dos seus moradores. Como consequencia, não há incentivo às especificidades locais, à formação de novos mateiros, novas curandeiras, aos passeios para os jovens com visitas às cachoeiras ou ainda possibilidades de conexões com

diversos pontos e ângulos da cidade, por dentro da floresta que se acessa através da favela.

As trilhas, além de levarem as pessoas à floresta, poderiam se tornar uma possibilidade para o deslocamento cotidiano, principalmente, dos moradores. Elas cumpririam a função inicial das trilhas: levar pessoas de um local a outro. Especula-se que o uso contínuo desses locais inibiria seu uso por criminosos. Eles tornam-se assim um local de passagem mais agradável à baixo custo, pois não requerem altos investimentos para tornar o percurso transitável. Isso seria possível considerando que são trilhas leves que ligam setores diferentes da Grande Tijuca. Assim elas estariam sendo usadas como conexões do tecido urbano, não seriam, parque, nem bairro, apenas trilhas.

Para que o Salgueiro continue se conectando a cidade rizomaticamente, é preciso dar liberdade e mecanismos para que ele cresça espontaneamente e não perca a vida e o uso vernáculo de seus espaços. De acordo com muitos entrevistados se perdeu muito das antigas vivências com as intervenções no espaço pelos projetos urbanísticos que foram implantados.

Além disso, para que este tecido rizomático se conecte ao tecido arborescente da cidade tradicional é preciso que se dedique especial atenção aos elementos que compõe o tecido híbrido formado no encontro destes dois, percebido como *barreira*, para que este espaço se organize não mais como sobreposição, mas de forma mais justa e equânime.

Seria preciso, por fim, como propõe Jacques (2009), que os habitantes fossem orientados por um novo profissional: o arquiteto – urbano, e este permitiria que o movimento natural das favelas se perpetuassem, contagiando os bairros ao redor e a cidade.

[...] seria aquele que passaria a intervir nas diferentes urbanidades extremas já existentes, nessas novas situações urbanas já construídas com identidade própria, ou seja, aquele que se ocuparia dos espaços-movimento.

[...]

Não se trata simplesmente de trocar um tipo de arquiteto por outro, que continuaria a manter o controle total sobre a construção da cidade, mas sim de mudar o modo de atuar na cidade, do próprio papel dos arquitetos.

Jacques, 2001, p. 151

Apêndice A: Tabela Cronológica das Favelas

Nessa tabela fizemos uma periodização a partir do histórico das favelas tendo como referência Valladares (2005, P. 193) de forma articulada com a história da Favela do Salgueiro, do Parque Nacional da Tijuca e da formação atual do território da cidade do Rio de Janeiro.

As colunas são classificadas por anos e as linhas tratam dos acontecimentos em determinados quesitos, que separamos por: Habitações Populares, Políticas Públicas, Salgueiro, Vida Cultural e Parque Nacional da Tijuca.

ONDE	Município Neutro até 1891			
QUANDO	→	1897	1903	1920
HABITAÇÕES POPULARES		Morro da Favela: primeira favela a ser considerada oficialmente, com a data de seu surgimento em 1897, não se tem dados precisos da ocupação do Morro de Santo Antônio	Condenadas pela Reforma Pereira Passos por serem locais insalubres, antihigienicos e prejudicava a estética da cidade	As ocupações precárias do Morro do Castelo não podiam conviver com o centro importante da cidade
POLÍTICAS PÚBLICAS			Reforma Pereira Passos: cortiços e casas pobres postas abaixo, alargamento e abertura de vias e construção de obras importantes	Desmonte do Morro do Castelo: já havia sido demolido parcialmente em 1904, para abertura da Av. Central, os morros são condenados por atrapalharem a ventilação e proliferar doenças
SALGUEIRO		Fazenda Cafeeira e Fábrica de chita	É conhecido como Morro dos Trapicheiros	É fundado na década de 20, levando o nome do que se dizia proprietário do terreno, Domingos Salgueiro
VIDA CULTURAL				A palavra favela passa de nome próprio para substantivos. Tarsila do Amaral pinta a tela Morro da Favela em 1924 e oferece a um poeta Francês
FLORESTA DA TIJUCA	Desmatamentos, preocupação com a água vinda da floresta que abastecia a cidade. 1861 reflorestamento da área. 1874 embelezamento construção de jardins, pontes, mirantes e lagos			

em 1891 se torna Distrito Federal

1930	1935	1937	1940
<p>Agache diz que a favela é uma escolha, dando outras opções habitacionais elas naturalmente se extinguirão. O governo deve coibir novas ocupações</p>		<p>Proibe a construção de novos casebres</p>	
<p>Plano Agache: considerado primeiro Plano Diretor para a cidade do Rio de Janeiro, propõe várias tipologias para habitação popular</p>	<p>CENSO Predial: listava casebres por logradouros, apresentava plantas em 1:5000</p>	<p>Código de Obras: Reconhece a existência de favelas, proíbe a construção de novas favelas e dispõe-se a administrar e controlar o crescimento</p>	<p>Relatório Moura: informações concretas sobre as favelas, base da política dos Parques Proletários, mapa dos terrenos mostrando a diversidade das ocupações</p>
	<p>Publicação do Romance Salgueiro, de Lúcio Cardoso</p>		
<p>1932 primeiro desfile oficial de escolas de samba</p>	<p>Publicação do Romance Salgueiro, de Lúcio Cardoso</p>		

1941	1946	1948	1954
Remoções de inúmeras favelas para os parques proletários, com intuito de resolver não só a questão habitacional, mas colaborar para a formação de um novo homem	Fundação Leão XIII: assistência material e moral as populações por ações voltadas a educação e a saúde, e da criação de centros de ação social em diferentes favelas.		Criação da União dos Trabalhadores Favelados - UTF : alianças de grupos de diferentes favelas em busca de interesses comuns, reorganização de movimentação política dos favelados
Demolição do Morro de Santo Antônio , abertura de um novo espaço no centro da cidade, Parque Proletário da Gávea (n 01, outros 2 foram construídos até 1943)	Criação de uma comissão federal para a supressão das favelas, Fundação Leão XIII	Primeiro CENSO das Favelas do Rio de Janeiro: registra 139 mil pessoas vivendo em favelas, cerca de 7 % da população	Cruzada São Sebastião 1955 : produção de moradias novas e equipamentos de infraestrutura, construindo e colocando gestão coletiva.
	Fundação Leão XIII	CENSO considera a Favela do Salgueiro	Salgueiro participou junto com outras 7 favelas da reunião de oficialização, Acadêmicos do Salgueiro é fundada.
		Aneskar do Salgueiro compõe seu primeiro samba "Maravilhas do Brasil"	Em 5 de março de 1953 é fundada a Acadêmicos do Salgueiro, fruto da união das 3 escolas de samba da Favela do Salgueiro
	Após um longo período de abandono a manutenção sistemática é retomada em 1944, com auxílio de Burlle Marx, que molda a atual feição do parque.		

1960 - 1975 Estado da Guanabara, quando a capital é transferida para Bras			
1958	1966	1967	1968
	Plano Doxiades faz levantamento aerofotogramétrico específico das favelas. (1964)		
Relatório SAGMACS: Aspectos Humanos das Favelas Cariocas, análise sócio-econômica, por um jornal de São Paulo; SERFHA: aplicação do relatório da SAGMACS; política flexível; atuou apenas apoiando a Cruzada São Sebastião e a Fundação Leão XIII	Criação do BNH (banco, produção habitacional e implantação de infraestrutura) e SERFHAU (elaboração de planos, programas e projetos visando ao desenvolvimento municipal e micro-regional)	CODESCO: suporte técnico, empréstimos para materiais de construção, participação dos moradores. SERFHAU deixa de ser um órgão de apoio ao sistema de habitação e para um instrumento de apoio ao planejamento urbano e local.	Criação da CHISAM: órgão federal encarregado da remoção dos favelados, removeu 100 mil pessoas de 1968 até 1975, realocando-os em conjuntos habitacionais muitas vezes distantes do local de origem e com custos elevados para o morador.
Em 1960 Acadêmicos do Salgueiro é a escola de samba campeã, com o enredo "Quilombo dos Palmares", composto por Anescar do Salgueiro e Noel Rosa de Oliveira	Hélio Oiticica cria vínculos com a Favela da Mangueira e o samba da Mangueira, iniciando esse encontro em 1964.	Oiticica expoe um Penetrável inspirado no Morro da Mangueira, clímax da sua obra Tropicália, pela primeira vez no MAM - exposição Nova Objetividade	
1961 é criado o parque nacional do Rio de Janeiro.	É tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	E em 1967 passa a se chamar Parque Nacional da Tijuca, único parque do Brasil localizado em área urbana, e um dos maiores do mundo. Antes conhecido como Parque Nacional do Rio de Janeiro	

filia			
1976	1979	1983	1984
<p>Pastoral das Favelas: encabeçada pelo cardeal Dom Eugênio Sales, cria um documento que trata a questão da habitação na cidade (Moradia do pobre no Rio de Janeiro), incentiva o morador a resolver e participar das decisões que lhe dizem respeito.</p>	<p>Projeto Rio na Favela da Maré: primeira grande intervenção do Governo Federal na Maré, objetivo era acabar com as moradias sobre as palafitas e transferir os moradores para casas pré-fabricadas construídas sobre os aterros na Baía de Guanabara.</p>	<p>Estima-se em 1/7 a população vivendo em favelas, cerca de 722 mil pessoas em quase 400 favelas.</p>	
<p>CHISAM extinto desde 1973, SERFHAU extinto desde 1974, BNH produz habitação para classes média e alta tentando evitar a falência.</p>	<p>Programa de Eletrificação das Favelas pela Light, 1980 - coleta de lixo dentro da favela com minitratores e fraldões de lona pela COMLURB</p>	<p>PROFACE: Programa de água e saneamento específico para as favelas, integrando a participação e ligando a rede a dos bairros, pela CEDAE; Cada Família um Lote (Brizola): regularização da propriedade, programa lançado pelo Gov estadual</p>	<p>Projeto Mutirão: Execução de obras pontuais de saneamento e contratação de mão de obra local. Evoluiu para a execução de acessos, escadarias, drenagem, reflorestamento e desenvolvimento de programas de educação ambiental.</p>
	<p>O poeta Carlos Drummond de Andrade publica o Poema Favelas</p>		
<p>Na dec de 70 começam a ser introduzidas espécies animais no parque, com a intenção de repovoar o parque.</p>	<p>Em 1973 a Floresta passa para a administração do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)</p>	<p>Em 1980 o IBDF é extinto e o parque passa a ser administrado pelo o IBAMA, responsável por todos os parques nacionais. Em 81 é feito o plano de manejo que buscava compatibilizar a proteção dos ecossistemas com os benefícios por ele gerados</p>	

Município do Rio de Janeiro, capital fluminense

1992	1993	1995	2001
<p>É aprovado o Plano Diretor - PDDC - que recomenda que as favelas sejam urbanizadas respeitando sua tipicidade de ocupação e integrando-as ao bairro, e prevê que elas sejam instituídas como AEIS</p>	<p>É criado o GEAP (grupo executivo de assentamentos populares), na gestão de César Maia, e institui 6 programas habitacionais estruturadores, entre eles: Favela Bairro, Morar sem risco e Programa de Regularização Fundiária</p>	<p>Início das realizações do Programa Favela Bairro em 19 favelas</p>	<p>Inaugurado em 2005 o Museu a Céu Aberto no Morro da Providência, idealizado por Lu Petersen, com intenção de mostrar a turistas como é a arquitetura, moradia e hábitos em uma favela. Alguns barracos foram comprados e "congelados" para exposição</p>
	<p>Primeira formulação do Programa Favela-Bairro pelo Prefeito do Rio</p>		<p>Segunda etapa do Favela Bairro foi iniciada em 2000</p>
		<p>Favela-Bairro Salgueiro (realizado em duas etapas 1995 e 1999)</p>	<p>Projeto Condutores de Memória (2004): resgatar a história das favelas da Grande Tijuca, e formar guias turísticos que pudessem conduzir visitantes para conhecer a história local</p>
<p>A Rocinha passa a fazer parte de roteiros turísticos na cidade, não que antes não houvesse o turismo, tendo como grande marco a ECO92.</p>			<p>Criada a Agencia de Notícias das Favelas</p>
<p>Em 1991 é declarada reserva da Biosfera pela UNESCO, em reconhecimento a importância do seu acervo natural para o ecossistema mundial.</p>			<p>Em 2004 tem seu perímetro ampliado de 33 km² para 39,5km², pois passa a incorporar o parque da Covança e Pretos Forros</p>

2008	2010	2012	2013
	EM 2011 é inaugurado o teleférico do Complexo do Alemão	Insatisfação dos moradores do Santa Marta e Complexo do Alemão e algumas outras favelas que se tornaram turísticas, pela "invasão" de turistas e do consequente encarecimento do custo de vida	Protestos contra a atuação da UPP acontecendo em algumas favelas
Instalada primeira UPP na Favela Dona Marta, favela que passou a receber diversos programas.	Lançado Rio Top Tour , no Morro Santa Marta, desenvolvido pelo Ministério do Turismo, em parceria com o gov do estado do RJ		
	UPP Favela do Salgueiro em 2010, com UPP Social em 2011	Salgueiro Sustentável: tentou envolver a população com questões ambientais, mas fez alguns mutiroes de lixo onde pessoas de fora participavam mais; Cimento Social: demolição de casas em area de risco e construção de novas habitações no mesmo local, mas com a contenção; e Territórios da Paz: programa do governo que permanece trabalhando e especializando as lideranças locais.	GTIT: incentivar o turismo com lucros para os moradores envolvidos em algumas favelas que se ligam por trilhas do PNT, Inauguração Caliel Bar e Padaria: se tornou um ponto de encontro, e um local que promove eventos, recebe pessoas de fora e de dentro da favela.
Lei 4405 de 2006 inclui a favela da Rocinha no roteiro oficial da cidade do Rio de Janeiro			

Apêndice B: Relatório de Visitas

Mesmo sendo carioca, criada na Tijuca, um bairro cuja vida cotidiana é permeada pela convivência com favelas, as visitas ao Salgueiro trouxeram um novo olhar sobre esta realidade, a partir do referencial teórico metodológico levantado sobre o tema e subtemas relacionados.

Visita 1 - Morro do Salgueiro, Sábado, 05 de maio de 2012.

Duas semanas antes já realizado uma visita neste local, mas circulado apenas pela parte baixa, mais próxima ao bairro.

Lá chegando encontrei uma moradora, que estava a minha espera e participa muito da vida comunitária. A moradora nasceu na favela, e depois de se aposentar tornou-se uma liderança muito atuante.

Logo que começamos a percorrer a favela sentimos mau cheiro exalado dos bueiros, que vazam esgoto sem parar e escorrem ladeiras abaixo.

Ladeando as ruas estreitas perceberam-se diferentes tipos das casas, algumas com bons quintais, espaços para cultivar plantas, ter seus animais (cachorros e gatos), outras de pau a pique e algumas, ainda, pequenas e inacabadas, sem esquadrias ou portas de madeira.

Ruas e vielas com espaços confortáveis em comparação com outras favelas do Rio já visitadas.

Fomos logo ao espaço do Bloco Raízes onde tinha um campo de futebol, no qual crianças jogavam e outras assistiam. Na esquina ao lado do Bloco Raízes existe uma horta, muito bem cuidada, cercada com pedaços de madeira. Um dos cuidadores da horta nos informou que vendem a produção para a escola municipal e para creche da comunidade e para alguns moradores. A COMLURB que fornece o adubo. De acordo com o entrevistado o terreno da horta era anteriormente ocupado por um lixão.

Ao longo do percurso observamos água correndo pelas pedras. Algumas vezes por baixo de vias, ou de casas, ou mesmo de “canais” com muito lixo dentro. As suas grelhas parecem improvisadas, com espaços largos que oferecem perigo às crianças. Algumas são cobertas por chapas grandes que faz muito barulho quando passam carro, moto ou Kombi.

Observamos, mais, adiante um espaço destinado ao lixo, com latões grandes. Os cachorros fazem questão de passar e fazer suas refeições, derrubando o lixo, rasgando os sacos e deixando tudo imundo.

Não observamos nenhuma lixeirinha, como se vê em quase todas as esquinas do Rio. Em consequência, muitas garrafinhas, tampinhas, papéis jogadas pelas ruas.

Passamos apenas por espaços de convivência, com mesinhas e banquinhos. Alguns ocupados só por policiais. Em outros ocupados por moradores conversando e foram se adensando com o passar da visita. Chegamos por volta das nove horas de sábado, parecia cedo ainda.

Entre escadas, ladeiras e subidas, passamos por bares simpáticos com vistas da cidade. Entre eles, aquele onde aconteceu a fusão das três escolas de samba e resultou na Escola Salgueiro e o bar Espaço Cultural Calça Larga.

Crianças lavando a cabeça com balde do lado de fora de casa foram vistas em todo o percurso.

A maioria das casas é em tijolo aparente, sem revestimento e quanto mais alta mais deteriorada. Algumas casas são ainda de pau a pique. A iluminação parecia ser suficiente, mas percebi que os postes de madeira estavam sendo trocados por postes de fibra, divididos em duas partes, provavelmente para facilitar o transporte.

As calhas, ralos, locais para escoamento estavam todas cheias de lixo e com plantas nascendo.



Figura 72: Terreno cheio de lixo. Foto: Hersen, 2012.



Figura 73: Trilha percorrida em 2012. Foto: Hersen, 2012.

A moradora nos informou que embora a COMLURB devesse passar duas vezes por dia no local, passa apenas uma vez. Tal fato é explicado pelo trator estar quebrado há uns dois anos o que levou com que eles deixassem de fazer essa coleta.

Faltando bicas, iluminação e caixa de água no espaço da favela. O abastecimento de água não é constante e a falta d'água é recorrente. Os que não têm reservatório sofrem mais. Alguns buscam água na casa dos outros e carregam baldes de água na cabeça.

Uma lavanderia coletiva com seis tanques estava sendo usado por moradores. Este espaço criado pelo Programa Favela-Bairro para “acolher” as tradicionais lavadeiras da favela está bem deteriorado.

Visitamos a quadra da comunidade, onde se realizavam os extintos bailes funk e hoje acontecem outras festas, como o baile Charme. Ao lado da quadra um campo de futebol com grama sintética parecia ser novo. Continuando a subida, notei mais casas de pau a pique, com ar condicionado, riozinhos com água correndo e muito lixo. Escadas já planejadas, com canteiros mal cuidados e deteriorados, muitas com cimento quebrado nas pontas, corrimão com tinta descascando e só estrutura do que pareciam pérgolas.

Chegando perto da trilha, que conduz a favela do Turano, espaços livres de construções, arborizados. Neles, contam os entrevistados, aconteciam os piores crimes, um menino passou por nós e perguntou: vai na divisa? Ela respondeu: vou. E ele: cuidado para a cobra não te picar.

Passamos por trilhas leves e chegamos em um lugar com um pequeno muro de pedra, onde afirmaram que terminava o Salgueiro e começava o espaço da outra favela. E mais vistas panorâmicas da cidade: a Tijuca vista de cima, com toda sua cadeia montanhosa ao fundo e do outro lado, a ponte Rio Niterói, e vista do Maracanã.

Nesse momento pude conversar um pouco mais com a moradora que informou que a comunidade melhorou com a UPP, “não tem mais violência, mas ainda tem muitas melhorias a serem feitas”. As casas não tem regularização fundiária, e já chegaram a dizer que eles eram invasores: “Como posso ser invasora se estou aqui desde que nasci, se meu pai pagou pela casa onde moro?”.

Quando perguntei se a favela era menor quando ela era criança, ela disse que não, era maior, agora esta mais compacta, os barracos que ficavam na parte alta foram removidos. Não tem problema de deslizamento. Este tipo de evento só aconteceu no Salgueiro uma vez, por volta de 1974. Segundo ela, fizeram para uma obra uma

contenção errada e, quando choveu, a água foi desviada toda em direção de uma casa morrendo mãe e filho e a casa “foi parar quase na Saens Peña”.

A líder comunitária informou também que estão chegando novos moradores à comunidade, muitos deles vindo do nordeste. Algumas pessoas estão vendendo suas casas, pois houve valorização depois da pacificação, mas ainda não em grande quantidade.

No caminho de volta paramos num mirante próximo ao Bar Calça Larga, espaço produzido pelo Programa Favela Bairro. E depois demos uma parada no próprio bar, que estava abrindo, lá estava o filho do Calça Larga, hoje um senhor, e Sapo, se não me engano sobrinho do calça larga, e que trabalha no bar.

Embaixo uma lojinha bem pequena, com espaço para um balcão comprido e uma mesa encostada na parede com uma cadeira apenas, e fotos de sambas com pessoas importantes para o Salgueiro. A moradora nos relatou que no primeiro domingo do mês tem um samba tradicional de raiz, no qual comparecem cerca de 800 pessoas, que se espalham pelo lado de fora do bar. Sapo disse que com o fim dos bailes funk seu lucro diminuiu muito, mas admitiu ser uma grande baderna, que alguns iam para lá só para isso. E sem contar com muito barulho que havia até tarde.

Visita 02 - Salgueiro, 25/05/2012 – habitação.

Conversa com a agente ambiental

A maioria das habitações em alvenaria, sem emboço, reboco e pintura. As famílias crescem e permanecem na mesma casa, primeiro os filhos, depois os netos, e todo mundo na mesma casa, a maioria de dois quartos. Pude notar enquanto andávamos que muitas casas estão expandindo, o que a agente chamou de puxadinho, assim as famílias permanecem juntas. A maioria das casas tem esgoto, a rede de esgoto foi feita pelo programa Favela-Bairro.

Percebemos muitas construções dentro da comunidade, a grande maioria expansão de casas já existentes. No programa Favela-Bairro houve realocação de algumas famílias, que estavam em área de risco e foram alojadas em pequenos edifícios próximos à quadra de esporte, onde também foi construído o POUZO, local para atendimento da população por um arquiteto. E segundo relatos, nunca teve arquiteto trabalhando no local. O espaço tem sido utilizado então como lugar para cursos, biblioteca, aulas de reforço. Algumas pessoas oferecem aulas voluntárias e lá era o lugar das atividades.



Figura 74: Obras de demolição para implantação do Programa Cimento Social. Foto: Hersen, 2012.



Figura 75: Obras de demolição para implantação do Programa Cimento Social. Foto: Hersen, 2012.



Figura 76: Escadaria construída no Programa Favela Bairro e bastante deteriorada alguns anos após a implantação do Programa. Foto: Hersen, 2012.

A favela está recebendo obras do programa “Cimento Social”. Também tem realocação de casas em área de risco. O mobiliário deixado pelo programa de urbanização Favela-Bairro está bastante degradado, alguns ficaram sem uso. A manutenção tanto do espaço público como do espaço privado é precária, muito lixo acumulado, além de ratos e outros animais.

Presença forte de igrejas, sete no total, sendo cinco delas evangélicas. Algumas bem preservadas, com bom estado de conservação, boa pintura, e em expansão. Também foi relatado que no programa Favela-Bairro não houve realocação de famílias, exceto nos casos de risco de deslizamento, as escadas foram construídas em locais que já eram o percurso que os moradores tinham “marcado” para a sua passagem.

Na parte mais alta da favela encontramos casas de pau a pique, algumas sem janelas, e feitas de restos de madeira, tapumes etc.

Visita 03 – Salgueiro, 03/07/2012.

Reunião no espaço destinado para ser o POUZO da favela, onde não existe arquiteto trabalhando lá. Hoje é um espaço que funciona uma biblioteca, pouco usada pelos moradores, e com armazenamento ruim, além de materiais reciclados para o curso que a agente Ambiental promove com as crianças.

Dessa vez subi de moto até o local da reunião, que fica bem próximo a quadra de esportes e a quadra das festas.

Estavam presentes na reunião:

UPP Social: ao chegarem atrasados relataram que não conseguiram taxi que topasse entrar na favela, por isso foram pedir aos policiais da UPP os levassem, então

subiram de camburão. Disseram que não gostavam de entrar na favela desta maneira, mas que seria só daquela vez, pelo atraso e pela falta de opção;

INEA: estudam viabilidades ambientais, apoiam junto com a Comlurb os mutirões de lixo que acontecem lá;

Um estudante interessado em fazer algum projeto voluntário na favela; Jaime: presidente da associação comercial e industrial da tijuca (ACIT);

Agente Ambiental: trabalha em projetos ambientais na favela, é agente ambiental contratada pelo Estado, moradora da favela desde que nasceu, e trabalha a 14 anos percorrendo a favela. Diz que só foi realmente conhecer a favela depois que começou esse tipo de trabalho, como mora na parte de baixo, na Rua Francisco Graça, antes ela não subia;

Uma moradora da favela, também desde que nasceu, e que hoje tem uma bolsa da prefeitura, trabalhando nos levantamentos das vias existentes, mesmo sem ter formação alguma, enquanto faz o curso, tem um curso de capacitação uma vez na semana.

Visita 04 – Salgueiro, 09/07/2012

Tentativa de levantamento para verificar se as plantas existentes, que datam de 1995, estão muito diferentes do que o atual cenário. Fui ao local junto acompanhada na quadra encontramos com uma moradora.

Comparando a planta de 1995 com a foto aérea na qual a moradora faz o levantamento das vias foi possível notar poucas diferenças. A favela parece consolidada, crescendo apenas verticalmente ou mudando os usos de algumas edificações. As casas têm na sua maioria dois pavimentos.

Visitamos a área da construção do Cimento Social, programa vinculado ao Pastor Marcelo Cryvella de reassentamento de pessoas em área de risco. A moradora mostrou o mapa da Defesa Civil com “mancha” apontando a área de risco. Segundo engenheiro responsável pela obra, muitas casas estão sendo demolidas. O levantamento das habitações com risco de deslizamento foi feito pela SMO (Secretaria Municipal de Obras) e todos os locais demolidos estavam sendo indenizado, apenas um senhor que não quis aceitar e ainda não tinha deixado sua casa, mas ele ainda não sabia o que faria.

Pude reparar que mesmo no meio de obras de contenção e de demolição de casas ainda havia casas de madeira e algumas pessoas ainda estavam residindo nas suas casas

que seriam demolidas. Ao lado do local da demolição pude perceber pessoas varrendo suas calçadas, e com casas marcadas para demolição.

Quando não era por indenização, as pessoas estavam colocadas nos seguintes programas: cimento social e Minha Casa Minha Vida, este último para fora da comunidade, e o cimento social para mesma área, mas com menos habitações do que existiam antes, e com a contenção das encostas. A entrega está prevista para 03 de setembro de 2014.

Perguntei à moradora sobre o mutirão de lixo que aconteceu na favela no sábado anterior (07/07) e ela disse que dos moradores da comunidade, basicamente só as crianças participavam e os adultos que estavam presentes eram de fora da favela e foram para ajudar. Disse que pessoas já estão vendendo suas casas e que o valor chega a ser 30 a 40 mil reais.

Visita 05 – Salgueiro, 11/07/2012.

Encontro com a agente Ambiental na associação dos moradores para andar e conhecer outros pontos da favela. Enquanto esperava por ela dei uma volta pelos quarteirões próximos à comunidade, mas que pelos mapas não são considerados área de favela. Reparei que existem muitas edificações favelizadas, sem revestimento, deterioradas e com espécie de “puxadinho”.

Passamos no local onde tinha sido feito o mutirão de lixo no sábado anterior e nesse momento umas meninas que estavam sentadas conversando em uma pequena praça pediram para que fizéssemos uma limpeza próxima a casa delas, mas elas não se propuseram a ajudar, disseram que o vizinho era porco e jogava coisas pela janela e não elas.

Mais abaixo a agente Ambiental me mostrou um enorme casarão, que disse ser do tempo dos escravos e hoje estava ocupada por outros moradores. E desci por outra saída da favela.

Visita 06 – Salgueiro, 28/10/2012.

Essa visita, diferente das outras, foi uma visita com um grande grupo de pessoas de fora da favela. O evento se chamava Trilha Carioca – Etapa Salgueiro, Grupos de pessoas que fariam uma caminhada ou trekking pelas trilhas existentes na floresta.

O encontro começou na Praça Saens Peña, as 08h30 da manhã de um domingo de sol. Local onde as pessoas inscritas se encontravam, pegavam e pagavam suas

camisas, que a toda hora era dito pelo microfone: de uso obrigatório. Alguns moradores estavam junto, com uma camisa um pouco diferenciada, escrito “monitor”.



Figura 77: Visitantes pouco antes da largada do evento Trilha Carioca, Foto: Hersen, 2012.



Figura 78: Policiais de moto, iniciando a caminhada na frente dos trilheiros. Foto: Hersen, 2012.

A saída do pessoal da caminhada foi às 09h15 e participavam do evento: moradores como monitores, não moradores para uma caminhada ecológica, política militar da UPP do Salgueiro, polícia do exército e guarda municipal.

Na saída, três motos com sirenes ligadas saíram na frente e foram conduzindo as pessoas até a favela do Salgueiro, enquanto os guardas municipais paravam o trânsito atrás.

Subi de carro e estacionei o carro um pouco mais acima e desci umas escadas, enquanto aguardava era anunciada no autofalante da favela que o grupo de caminhada da trilha carioca estava iniciando a subida da favela. Repetindo algumas vezes.

Parei na quadra e fiquei assistindo o jogo de futebol que acontecia até que o resto chegasse a pé. Quando vi o pessoal se aproximando fui até o local onde estavam. Durante a caminhada ecológica, uma das monitoras servia como guia turística, parando em pontos principais e explicando o que era e o que acontecia ali. Na quadra, os meninos pararam de jogar por um instante e pousaram para fotos.

A obra de contenção e retirada das famílias de área de risco do programa cimento social do pastor Marcelo Cryvela estava bastante avançada.

Reunião Nadia Bonfim – Territórios da Paz – Secretaria do Estado - Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2013.

A reunião aconteceu no edifício da Central do Brasil, local onde estão instalados. Estava presente Nadia Bonfim, gestora do programa em diversas favelas e sua assistente.

Nadia me explicou qual era o trabalho que estavam realizando apresentando por meio de um folder. Entre os objetivos estão: Fortalecer os atores e redes locais, potencializar as iniciativas de base comunitária, facilitar o diálogo entre comunidade e Estado. É um programa de Gestão Social, vinculado à subsecretaria de Defesa e Promoção de Direitos Humanos e atua como braço do CEPS (Comitê Executivo de Políticas Sociais) nos territórios.

Atuam com equipes que vão a campo, em diálogo com atores locais, e articulações externas com instituições públicas, privadas e da sociedade civil.

Os eixos norteadores do programa são: escuta qualificada, diagnóstico social permanente, articulação e interlocução, fortalecimento das iniciativas locais.

As principais ações: mobilização e suporte à realização de fóruns locais, articulação de grupos temáticos, em diversas áreas (educação, cultura, juventude, esportes, comércio, saúde, habitação, segurança e questões ambiente, visitas guiadas institucionais, identificação e potencialização da rede de referência dos programas e projetos sociais, acolhida e encaminhamento de demandas, pactuação para a realização de ações dos órgãos públicos e demais parceiros do setor privado e da sociedade civil, promover ações coordenadas e a integração das políticas públicas nas comunidades.

Consideram conquistas: mapeamento territorial dos equipamentos públicos, dos principais atores sociais, ruas, vias, identificando as redes locais, realizando diagnóstico sócio econômico das áreas e dos serviços públicos existentes e inexistentes; organização de fóruns de comerciantes, etc; potencialização das redes Sebrae, Investe Rio e demais parceiros; articulação de grupos locais para elaborar projetos para concorrer a editais públicos de forma colaborativa; proposição de projetos para atender às demandas comunitárias.

O trabalho é pautado na parte social, estando a parte urbana, de levantamentos, mapeamentos, infraestrutura etc com a UPP Social, vinculada com o IPP. A UPP Social fazia parte da Secretaria do Estado e quando Ricardo Esteves foi para o município (IPP), uma parte da equipe foi junto, então houve a formação da UPP Social lá, e o resto da equipe, que atuava mais com a parte social, formou a equipe do Territórios da Paz.

No início do projeto existia um vínculo com a atuação da polícia, ou pretendia-se ter. Mas Nádia Bonfim disse que a população não aceita o vínculo, e que para

conseguir uma atuação maior eles optaram por total separação com a atuação dos policiais, assim passaram a ser mais aceitos e conseguiram iniciar o trabalho.

Sobre o trabalho que está sendo realizado na Favela do Salgueiro disse que foram feitos fóruns apenas na área comercial, e que estão querendo implantar um circuito gastronômico lá, com parceria do SEBRAE. Segundo ela, a intenção era que depois dos fóruns, os próprios comerciantes tomassem a iniciativa para a parceria, o que lá não aconteceu, então o evento está parado.

Em relação aos avanços, desde que estão fazendo o trabalho na favela, disse ver poucos, mas espera que com a entrada da saúde da família consiga fazer um trabalho diferente e atingir mais a população. Por outro lado, Bonfim destacou inúmeras pioras: muito lixo; os serviços de coleta pioraram; o abastecimento de água e o esgoto ficaram mais precários; e que está no momento fazendo um documento para denunciar o desinteresse por parte da CEDAE.

O presidente da associação foi denunciado por falta de comparecimento em reuniões e conseguiram tirá-lo do cargo, e que no dia que acontecia a reunião (15/01) o novo presidente assumia o cargo, e que achava que as coisas tendiam a melhorar.

Ainda de acordo com Nádia Bonfim, realmente existe uma proposta preliminar para o PAC 2, e que como o Salgueiro está na área de interesse para os jogos, por estar no entorno no Maracanã, a ideia é que fosse iniciado até o meio do ano. O projeto existente foi feito sem escritório. Uma verba federal foi repassada para o município que fez uma proposta que a população não está ciente e que contempla construções em áreas de importância histórica;, cita a quadra do Bloco Raízes e o edifício da antiga Fundação Leao XIII. Disse também que ela mesma fez um relatório notificando que o projeto não estava considerando as questões locais e que estava aguardando algum parecer.

Reunião Sandra Mônica – gestora UPP Social 30/01/2013 – local IPP

A gestora do Programa UPP Social explicou detalhadamente sobre a atuação do programa no local, mostrando já alguns resultados do mapeamento que está sendo feito no local. O trabalho ainda está na fase de levantamento, então apresentou muitos mapas e estatísticas.

Reunião Jaureguí – arquiteto Favela – Bairro 30/01/2013 – Atelier Metropolitano – Humaitá

A reunião não chegou a dez minutos de conversa, disse apenas se tratar de uma favela pequena e ele não tinha muitos registros sobre a época que fez o projeto.

Visita 07 - Reunião Presidente Salgueiro Reinaldo – Associação dos Moradores – 30/01/2013

O encontro com o novo presidente da associação dos moradores aconteceu na sede da própria favela. Ele tinha assumido o cargo pouco antes desse nosso encontro, aproximadamente duas semanas antes. Esse presidente entrou no lugar de outro, sem eleição, um foi destituído por ser ausente em questões locais, o antigo era morador de outra favela (Mangueira), mas presidente da associação dos moradores do Salgueiro. Ninguém sabia responder o porquê dele estar lá, se nada fazia em prol dessa população.

Depois de muitos anos a frente da associação do Salgueiro (não sei precisar quantos anos) foi trocado o presidente, sem nem mesmo ter acontecido eleição, mas o novo, que também não era morador da favela, se dizia engajado com as questões locais, pois já tinha sido morador local até os seus quinze anos aproximadamente.

Questionado quais seriam as propostas ele ainda não sabia dizer, dizia que entrou rapidamente para presidente e ainda procurava quais eram as demandas do local. Falou rapidamente sobre a questão da falta d'água e que procuraria resolver esses problemas rapidamente.

Logo a reunião foi interrompida quando comecei a questionar questões relacionadas com a polícia e o antigo tráfico. Outra reunião aconteceria na Padaria Caliel e o presidente me convidou a acompanhá-los. Na reunião com a gestora do programa Territórios da Paz falou-se sobre o projeto do PAC 2 e junto com lideranças locais tentava-se chegar a um consenso sobre mudanças nesse projeto que parecia já estar pronto. O presidente pouco se pronunciou nesse encontro.

Visita 08 – Travessia das Comunidades – Guia Wilson, morador da Favela do Turano – 09/02/2014

A travessia das comunidades foi uma trilha guiada por um morador do Turano, o Álvaro, que é guia do Salgueiro, e me colocou em contato com o grupo pelo Facebook, por sabia do meu interesse, em fazer as trilhas.

A trilha estava marcada para um domingo com nove pessoas confirmadas no grupo do facebook, e se iniciaria na entrada da favela da Formiga, na Rua Conde de Bonfim.

Dos nove confirmados só estava eu e Wilson, e mais um conhecido seu, que nos acompanharia na trilha. Às 08h20 Wilson decidiu começar, mesmo tendo apenas uma pessoa para trilhar, uma trilha de 04 horas aproximadamente e ele receberia 50 reais por isso.

Logo entramos na Formiga, quando ele recebe uma ligação, e mais um trilheiro veio, atrasado, se juntar a nós.

Nossa passagem pela primeira favela foi breve, logo entramos na trilha, uma trilha por entre as árvores, onde não se podia ver o céu facilmente. Uma trilha agradável, e até ai tranquila de se fazer. Nesse momento, Wilson me contava como foi que ele começou a ser guia de trilhas, e tudo tinha se iniciado em um programa feito com a equipe do IPP sobre a memória da favela do Turano. E, posteriormente, ele cria a Turantour, passando a se dedicar ao turismo na favela.

Logo chegamos em um local que chegava uma pequena queda d'água, onde tinha um espaço que é possível as pessoas entrarem na água. Um pouco mais acima Wilson disse que era a cachoeira, mas que era de difícil acesso, mas disse ser bem próximo, mais uns 10 minutos de trilha.

Nesse ponto notamos que tinha muitos canos saindo da água, ele descrevia como desvio de água, para vários lugares da cidade, ou moradores que tinham caixa d'água, e por ter tantos desvios, as quedas d'água que existam mais abaixo estavam ficando secas. E contou também que os moradores andam dizendo que uma cachoeira já secou.

Andamos um pouco mais e começamos a ouvir conversa de moradores, e perguntamos se estávamos chegando na Coreia, ou se encontraríamos outras pessoas trilhando também, mas já estávamos perto da Coreia mesmo. Nesse momento encontramos bastante lixo na trilha, lixos grandes, como fogão, bicicleta e outras coisas, que pareciam ter sido arremessadas de um ponto mais alto e parado por ali.

A Coreia parecia mais uma cidade de interior, com casas bonitas e floridas, paramos um pouco em uma pracinha, e Wilson me aconselhou a sentar, pois logo subiríamos uma escadaria que era motivo de reclamações dos que faziam a trilha.

A escadaria tinham uns platôs que davam pra descansar e fazer a subida de maneira mais leve. Logo entramos de novo na trilha dentro da floresta, que ainda era fechada por árvores, mas caminhando pela sombra o passeio era tranquilo.

Logo entramos no Salgueiro, caminhamos um pouco na favela, até chegar ao Bar e Padaria Caliel, que tem promovido alguns eventos culturais, além de ser um ponto, que apesar de recente, tem sido importante para os que passam por lá. Policiais

ficam no local em sua hora de descanso, assim como visitantes, como nós, passam para comprar uma água e usar o banheiro.

Do Salgueiro seguimos para a trilha que liga a Favela do Turano, passamos novamente pela divisa, que agora está menos desmatada, e em alguns pontos haviam árvores caídas pelas chuvas recentes.

Para chegar ao Turano passamos por muitas subidas, em uma trilha mais aberta, com mais sol e mais difícil, e finalmente chegamos às caixas d'água, com belas vistas da Tijuca novamente e vista do Cristo Redentor.

Os trilheiros, favelados ou ex-favelados relataram a importância daquelas trilhas para o lazer, às vezes iam nas caixas d'água para ver o Cristo, ou passavam pelas trilhas para ir na casa de um amigo que morava na favela vizinha.

Chegando a Favela do Turano, Wilson como morador contou a história de muitos dos espaços, revelando incríveis acontecimentos de sua comunidade: tradicionais festas, revoltas, quadra dos bailes funk (que lá ainda existem), bares e vendinhas. E por essa favela acabou nossa trilha.

Visita 09 – Quintas Poéticas 20/02/2014

Desde a inauguração do Bar e Padaria Caliel identificamos sua importância para nossa pesquisa por se constituir como um ponto de encontro da vida cultural da Favela do Salgueiro. Lá temos a oportunidade de conviver e conversar com moradores sobre os diferentes aspectos da sua relação com o território do Salgueiro e suas trilhas. Neste sentido, desde janeiro de 2014 concentramos nossas interlocuções com os moradores que constituem a sociedade civil organizada local (lideranças locais) no evento “Quintas Poéticas” que começou a ser realizado em abril de 2013.

Por esse motivo, as “visitas” se transformam, a partir de então, em “diálogos”, que serão apresentados na forma de quadros e questões no corpo da dissertação.

ANEXO 01 – Plantas de Projetos Urbanos

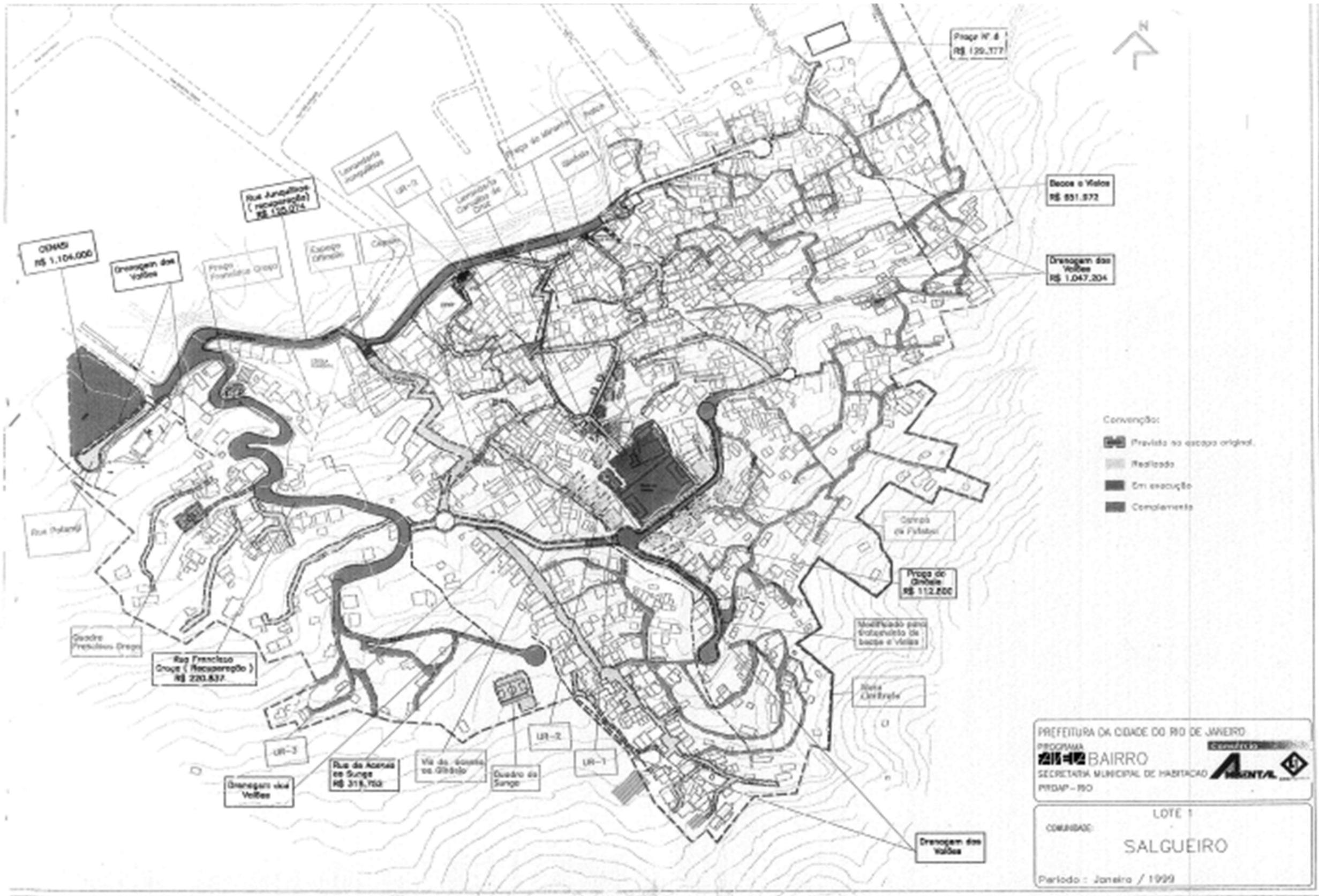
Mapa 1 - Projeto do Arquiteto Mario Jaureguí para Favela-Bairro, 1995.

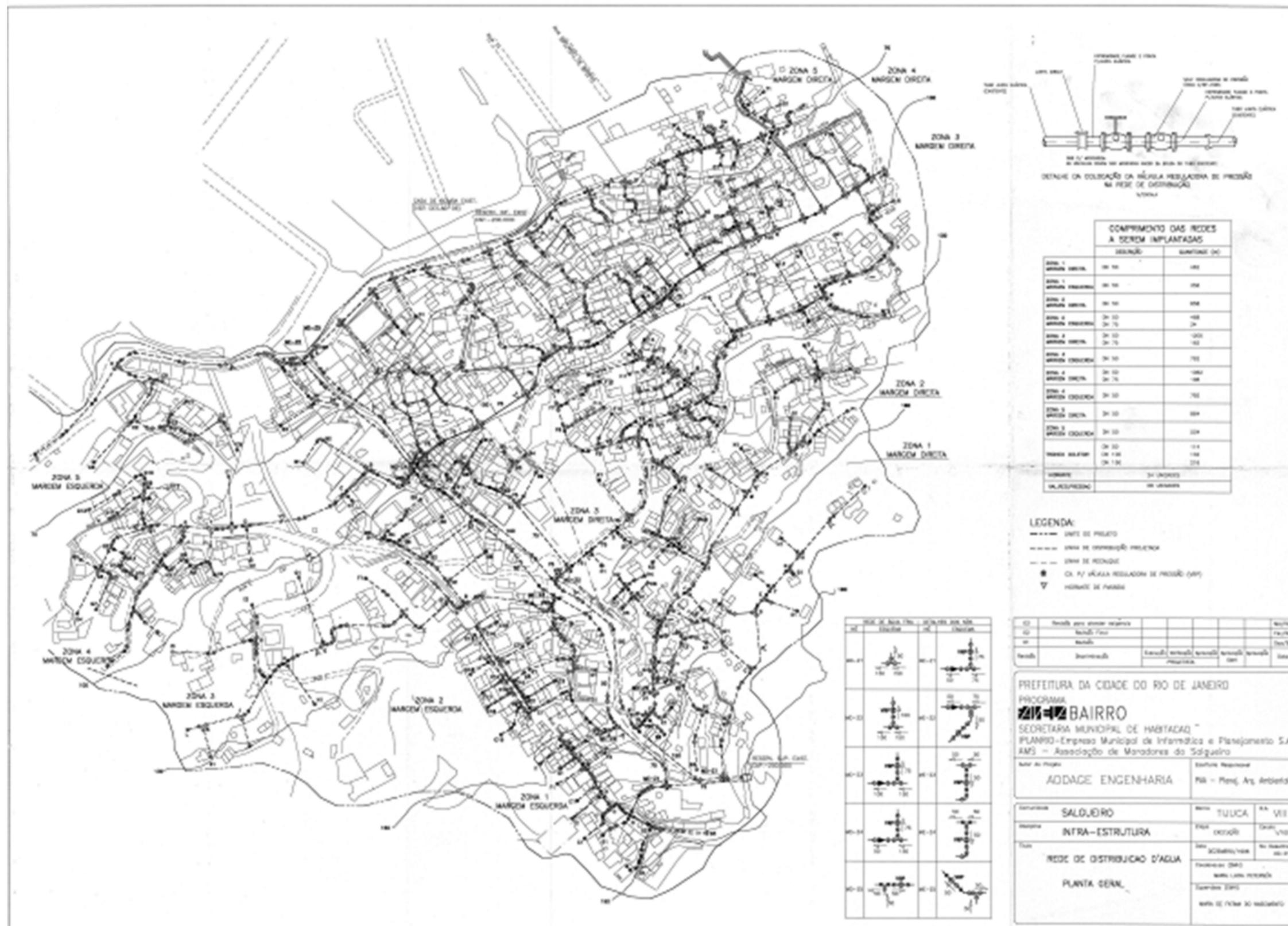
Mapa 2 - Projeto implantado pelas concessionárias – Parte 1.

Mapa 3 - Projeto implantado pelas concessionárias – Parte 2.

Mapa 4 – Projeto Programa de Aceleração do Crescimento 2.







ESTÁGIO PRAÇA SERRA PENA -
MORRO

ACESSO E INTERAÇÃO SUBTERRÂNEA
SALGUEIRO - SERRA PENA

INTERAÇÃO SUBTERRÂNEA
SALGUEIRO - SERRA PENA

IMPLANTAÇÃO DOS
"ELEVAADORES DA CULTURA" E
ACESSO A INTERAÇÕES
SUBTERRÂNEAS

ESTÁGIO DE TRANSIÇÃO -
MONTELUZIO DO SARRA

IMPLANTAÇÃO DE UNIDADES
DE RECREAÇÃO

IMPLANTAÇÃO DE P.S.P.

GARAGEM DE CARROS NO
MONTELUZIO

IMPLANTAÇÃO DE CRECHE

REABILITAÇÃO DE ÁREA
ESPORTIVA

ÁREA DE LAZER -
EXCENADOR URBANO

MONTELUZIO

POROS COMUNITÁRIOS

ÁREA DE LAZER

IMPLANTAÇÃO DE
BIBLIOTECA

REABILITAÇÃO DE ÁREA
ESPORTIVA



REPAROS E COMPLEMENTAÇÃO
DA REDE DE ABASTECIMENTO DE
ÁGUA

REPAROS E COMPLEMENTAÇÃO
DA REDE DE ILUMINAÇÃO

MELHORIAS NO SISTEMA VIÁRIO

ÁREA DE LAZER -
EXCENADOR URBANO

REPERIÇÃO NAS ENCRUAVAS

REPERIÇÃO DE COMPLEXO
ESPORTIVO

ÁREA DE REFORTECIMENTO

NOVA COMUNITÁRIA

LOCALIZAÇÃO NO COMPLEXO DA TIJUCA



LEGENDA

--- LIMITE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO - MORRO DO SALGUEIRO

Escala	1:1000
Projeto	UB01



COMPLEXO DA TIJUCA MORRO DO SALGUEIRO

UB01
14

Morro do Salgueiro		Escritório Responsável	
Título: PLANTA GERAL DE INTERVENÇÕES		JC & S	
Escala: URBANISMO		Arquitetos	
Tipo de Projeto: PROJETO BÁSICO		Associados	
Nome do Projeto: JC & S Arquitetura Associados			
Título Projeto: José Cândido Sampaio de Lencastre Jr.		Escritório: Lencastre	
Comitente: José Cândido S. Lencastre Jr.		Data: 2008	
Arquiteto: Charles Kneibart		Data: 2008	
Arquiteto: Charles Kneibart		Data: 2008	

1 PLANTA GERAL DE INTERVENÇÕES
esc. 1:1000

ANEXO 02 – Percepção dos moradores e frequentadores da área de estudo

Para entender melhor a percepção da área de estudo por seus moradores e frequentadores propôs-se que aqueles que se dispusessem a participar da pesquisa elaborassem uma descrição da área. Não foi determinada um formato específico (mapa, texto, entrevista). Estas descrições apresentadas a seguir subsidiaram a elaboração do nosso mapa síntese da área (Figura 47).

Participante 01 (P01) – 47 anos

Caminhada Saenz Peña - Morro do Salgueiro – Bairro Tijuca

Local de encontro : Rua Gal Roca esquina com rua Barão de Mesquita em frente ao extinto bar Roquinha, atualmente a lanchonete Balada Mix.

1º Trecho → Rua Barão de Mesquita - Rua Santo Afonso → Tendo como pontos de referências na esquina com a Rua Santo Afonso o BOB's e a extinta Casa Simões (Lado direito); as lojas de roupas Public House e Otto (Lado esquerdo)

2º Trecho → Rua Santo Afonso – Rua Conde de Bonfim → Tendo como pontos de referências as Casas Pernambucanas (lado direito); Banrisul (lado esquerdo) e na esquinas com a Rua Conde de Bonfim Bradesco (lado esquerdo) o antigo Banerj hoje Banco Itaú e a Sloper hoje o Banco do Brasil (lado esquerdo)

3º Trecho → Rua Conde de Bonfim – Rua Desembargador Izidro → Praça Saenz Peña (Lado esquerdo) e na esquina com a rua Desembargado Izidro a loja de roupas infantis Silhueta Infantil

4º Trecho → Rua Desembargador Izidro – Morro do Salgueiro → Trecho residencial sem lembranças de pontos de referências.

5º Trecho → Subida Morro do Salgueiro até o Maciço da Tijuca, onde existe uma grande área de replantio de espécies de árvores nativas da Floresta da Tijuca.

Pontos de referências: Associação dos moradores, Escola Municipal Bombeiro Geraldo Dias, Borracharia do Feijão, Casa do autor do Livro Coisas de Morro → Gilberto Magalhães, conhecido como bicho branco, Padaria Caliel, Quadra → Conhecida como

Caldeirão, onde era realizado o baile Funk, Espaço Calça Larga → Bar tradicional que fora frequentado por famosos compositores de Samba e MPB

- Na região mais alta do morro, temos e acesso à várias trilhas em direção ao Maciço da Tijuca → Região mais pobre com casas de pau a pique e sem energia elétrica. É possível caminhar por trilhas no meio da mata sob árvores, onde existem mirantes com vista para Zona Norte; Zona Portuária; Estádio do Maracanã; Relógio da Central; Ponte Rio-Niterói. Mais acima podemos avistar pontos da Zona Sul com a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Pelas trilhas existentes no Morro do Salgueiro podemos atingir os morros do Turano, no bairro do Rio Comprido, o morro da Chacrinha e o morro da Formiga também no bairro da Tijuca, com diversos atrativos com mirantes, cachoeiras, nascentes de águas e várias espécies da flora da mata atlântica.

Participante 02 (P02) – 56 anos

A General Roca é uma Rua com muito comércio, muitos bancos, muitas farmácias, muito movimentada. Lembra grande parte da vida, o Bob's era um local de encontro dos jovens do bairro. No edifício em cima da lanchonete morava a madrinha e então era um local muito frequentado. A Rua perpendicular a General Roca, esquina com o Bob's era uma rua sem saída, que tinha uma leiteria.

Passa pela Praça Saens Peña, com estação de metro, e tinha a loja Slopper, uma excelente loja de departamento. Passando a praça a rua fica mais residencial e pouco andei por ali, sempre soube que na parte mais alta, próximo a entrada da favela tinha muitos assaltos e evito passar por ali.

Participante 03 (P03) – 30 anos

Rua General Roca! Sabe lá quantas vezes passei por esta rua. Foi nesta rua que me vi crescendo e ganhando autonomia para andar sozinha pelas ruas do Rio de Janeiro. Desde os meus 11 anos de idade.

Ali em frente ao off shopping, estava sempre eu e meu irmão para chegar na Tijuca, pois morávamos em Vila Isabel. Ali foi, por muito tempo, o início dos meus dias.

Chegando ali, eu me conectava a loucura que é a praça saens pena. Tanta gente! Tantas pernas andando ao mesmo tempo. Tantos cheiros. Cheiros de restaurantes...suas comidas! Era o chineiro azedo do restaurante chinês. Era o cheiro tentador do Mc Donald que fica próximo dali. Era o cheiro do galetão que fez parte da minha infância. Quantas vezes comi naquele galetão. Com o meu papai! Boas lembranças.....

Nesta rua também tenho lembranças que não tem muito a ver com o "bom". Quando lembro das muitas vezes que passei ali e passo....e vejo a enorme quantidade de gente pedindo esmola....deitadas no chão...sem onde morar! Cada dia mais....

Sempre me vi com um aperto no coração....tristeza! Ali....bem nessa rua composta por uma enormidade de pessoas, de restaurantes, de lojas.....e ali....a realidade da pobreza nos conectando ao descaso da nossa sociedade com alguns muitos....nos conectando ao que de fato existe e deixamos de lado!

Sentimentos contraditórios me acompanhavam e acompanham ao presenciar esta situação.....bem na minha frente....e bem ali na general roca!

Vontade de conversar com essas pessoas, vontade de dar um sorriso, vontade de comprar comida...vontade de dar dinheiro. Também vontade de fugir....vontade de perguntar a ele porque ele chegou àquele estado... vontade de não dar dinheiro a ele no julgamento de que dar o dinheiro o acomodaria àquela fonte de renda

Mase ai? o que eu tenho que fazer? Em plena general roca.....

Bem.....estes sentimentos, bem ali na general roca entre a barão de mesquita e rua santo afonso são constantes e permanentes....pertencem a general roca....

Então sigo na direção da saens pena....aonde me conecto a um novo cenário, a uma nova paisagem! Uma praça! Praça cinza....praça feia! Linda pelo chafariz! Mas feia por ser mais cinza do que verde..do que colorida!

Opa! Minto! Colorida sim! Nas sextas e sábado! É dia de feirinha! Muitos artesanatos. Muitas roupas! Muitos usuários da praça saens pena.....mas eles são da Saens Pena?

Caramba.....quantas pessoas convivem nesta praça e não fazem parte dela? Quantos são aqueles que passam por ali e não se dão conta da ruazinha sem saída que fica logo ali!

Perto do ponto final do 638. Em plena saens pena, ainda existem casas....onde pessoas moram! Vila! Ali...uma singela Vila

Caramba! Quantas vezes estive naquele ponto da saens pena! Ponto do 638! Esquina com a Desembargador Isidro! Caramba! Ali tinha um chinês que tinha um caldo de cana nota DEZ! Delícia!

E também tinha um senhorzinho que vendia o biscoito o globo no ônibus.....e ele vendia o biscoito com o seu paleta azul marinho....sempre na beca! E eu nem dava a importância que eu dou hj àquela figura daquele senhor!

Posso dizer que tive momentos intensos neste ponto de ônibus. Mas....a intensidade estava dentro da minha cabeça....era ali que eu me pegava pensando nas muitas coisas que aconteciam comigo:

Novos amores....velhos amores.... minhas vitórias... .minhas derrotas.... meus sonhos...meus medos.....ali.....bem ali na general roca!

Indo na direção da floresta, andar pela general roca depois da saens pena era um tanto quanto uma aventura. Em razão da presença do Morro Salgueiro....quando eu andava por ali, me vi muitas vezes apreensiva de algo que poderia acontecer! Bala perdida....assalto.....qualquer coisa violenta!

Mas....de fato nada aconteceu....nunca aconteceu! O medo era só medo!

Lembro da general roca por ali sempre de noite....pois era o horário que eu passava para ir para o meu curso de inglês!

Ai....general roca chegando perto do morro do salgueiro....caramba! Olhar para cima e ver aquela quantidade de gente morando em condições piores que as minhas! Quem disse que elas deveriam estar numa situação pior que a minha? Quem determinou isso? Por que isso? Imaginar que nesta via toda cheia de histórias minhas e sentimentos....eu me deparo com um aglomerado de moradias precárias....onde pessoas vivem suas felicidades, suas dificuldades.....elas vivem!..... E são exatamente elas que estão ali ligando o urbano.....ao verde.....o asfalto.....a floresta.....o cinza.....ao verde.....que eu tanto procurei na praça saens pena.....! Salgueiro.....ligando os movimentos e os sentimentos....e as paisagens!

Participante 04 (P04) – 22 anos

Trajetos realizados com início no OFF Shopping Tijuca e término na Floresta da Tijuca.

Entra na Rua General Roca, chegando na esquina da Rua Conde de Bonfim virar à direita e segue toda a rua até a Usina, onde se iniciará a estrada do Alto da Boa Vista, após chegar à Praça Afonso Vizeu, virar à esquerda e depois à direita, onde veremos o portão da entrada da Floresta da Tijuca.

Neste trajeto passaremos pela associação Tijuca Tênis Clube, onde passei parte da minha adolescência e pratiquei vários esportes, um pouco mais à frente encontraremos o curso de inglês CCAA onde realizei minha formação em língua estrangeira. Seguindo o trajeto cruzaremos com a Rua Uruguai e pelo prédio que reside meu avô materno, o qual me traz boas recordações da minha infância. Indo em direção à Usina, passaremos pelo Colégio São José, onde vários amigos da adolescência estudaram o que me fez frequentar vários eventos. Logo mais à frente começaremos a subida da Estrada Velha da Tijuca, conhecida como estrada do Alto da Boa Vista e chegaremos à Praça Afonso Vizeu, ponto de encontro de amigos, onde avistaremos a entrada da Floresta da Tijuca, agradável lugar.

Participante 05 (P05) – 50 anos

Lembro-me bem da General Roca até a década de 80...

Começava no Tijuca OffShopping, que na época era uma construção abandonada. Só tinha o esqueleto. Depois é que a obra foi retomada. Logo na esquina seguinte era o Bob's. Ponto de referência nossa de juventude. Programa era comer um big Bob's ali. Mac Donalds só chegou no Brasil em 1984. Seguindo adiante, na esquina com a Conde de Bonfim, tinha o Banerj e do outro lado da rua, bem na esquina, era o meu pediatra. Bem, devo estar na década de 70. Ou 60.... Próxima esquina era a Sloper. Uma loja de departamentos super bacana, que faliu, mas que tinha um visual bacana, apurado.

Próxima esquina era a desembargador Isidro. Ali ficava a loja Silhueta Infantil. Minha mãe gostava de comprar roupa pra mim lá. Eu ia muito lá. Não gostava de experimentar... Andando mais, somente em 1988 tive uma referência ali. Entre a desembargador Isidro e a Bom Pastor, era a costureira que fez o vestido que a Susi se casou comigo..., não pude entrar quando ela foi experimentar. Eu estava tão feliz! Depois, esquina com Bom Pastor. Eu nasci ali, no hospital dos evangélicos. Depois disso, era a subida do salgueiro. Nada de relevante ali. Só lembro da água descendo

quando chovia muito. Era um lugar meio de passagem para a rua dos Araújo.. Bem, é Isso.

Participante 06 (P06) – 61 anos

O que mais me lembra a Rua General Roca é a loja Sloper, eu saía do bairro onde morava para visitar essa loja. Tinha um cheiro específico e inesquecível, e em todos os natais a loja se enfeitava toda. As pessoas iam lá só para ver como estava a decoração daquele ano. Tinha uma escadaria enorme ao entrar na loja, com um lindo corrimão, parecia loja de filme, e nem parecia que estávamos no Brasil. Mesmo que eu não pudesse comprar nada sempre que podia e estava por perto ia na loja só para passear.

Participante 07 (P07) – 58 anos

Rua General Roca, ponto de encontro, na década de 70, de muitos jovens Tijucanos e dos bairros vizinhos. Lá foram estabelecidos os primeiros cursinhos vestibulares da região Cursos VETOR e MIGUEL COUTO.

Todos os jovens e adolescentes tinham como ponto de encontro o Bob`S existente até hoje no mesmo local.

A Galeria Marapuãma ponto da moda, onde foi inaugurada uma das primeiras lojas do Cantão, a loja Lixo que vendia roupas jeans usadas e que todos juntavam dinheiro para comprar.

Olhando para o lado do morro do salgueiro podíamos ver a noite um verdadeiro presépio, com as luzes piscando. A rua era escura, com pouca luz, e o cheiro de fumaça do lixo que queimava próximo a subida do morro.

Nos finais das tardes de domingo, ouvíamos ao longe uma mistura de sons musicais o batuque do samba que vinha do morro com o canto de vozes de uma igreja batista que ficava próximo.

Participante 08 (P08) – 36 anos e Participante 09 (P09) – 31 anos

P08: Entrando pelo off shopping

29 de set 22:37 - P08: Do lado esquerdo belíssima, rico lanches, loja de sapato, loteria e jogo de cavalo e uma loja de roupa masculina que esqueci o nome

29 de set 22:37 - P08: Atravessa a Santo Afonso

29 de set 22:37 – P09: Otto?

29 de set 22:37 - P08: Não / Otto depois de atravessar

29 de set 22:37 - P09: Tem farmácia ali

29 de set 22:38 - P08: Uma loja de acessórios de mulher bijou e peruca / Pelo zero / Farmacia sao Paulo / Uma outra farmacia mega / Acho q pacheco ou venancio

29 de set 22:39 - P09: Dorme com um barulho desse

29 de set 22:39 - P08: Um banco / Voltando ao shopping agora do lado direito / De cabeça pra baixo

29 de set 22:40 - Teresa Hersen: A general Rocca já acabou?

29 de set 22:40 - P08: Não chegou na praça / Agora vou falar do lado direito / Depois continuo / Antigo Roquinha / Que agora e outro restaurante

29 de set 22:41 - P09: Shopping Marapuama

29 de set 22:41 - P08: Frango veloz

29 de set 22:41 - P09: Baladamix

29 de set 22:41 - P08: Shopping da informática

29 de set 22:41 - P09: Loja de sapato

29 de set 22:41 - P08: Sapataria

29 de set 22:42 - P08: Ai sim o shopping marapuana / Agora tem uma Aidan / Outro galeto e o Bobs / Atravessa a rua / Shopping popular / Loja de sapato / 4 seguidas / Tem uma banca de jornal ali tb / Depois o antigo Banerj agora Itaú / Chegamos a praça / Atravessa Conde de Bonfim / Ainda do lado direito / Banco do brasil / Atravessa a rua padre alguma coisa...a que tem o cartório / Do outro lado e um outro banco / Uma loja de roupa / P08: Um Santander q fechou / E na esquina não me lembro / Atravessa a desembargador Isidro / Tem uma loja de roupa de criança / Uma loja que vende salgadinho / Uma Nextel / Um Wisard / Prédios / Acho que também tem uma petshop /

Prédios / Atravessa uma ruazinha / Onde tem o brasas / Ali tem uma mercearia eu acho e um estacionamento privado e acho q uma loja de ferragens / Depois prédios / E lá na ponta de cima, uma padaria / Ai chega na bom pastor Desce pelo o lado direito / Prédios / Um lugar q tem aula de musica / Prédios / Tem outra coisa q lembro se e uma igreja ...mas acho que tem / Ai chega naquela rua q tem um rio no meio / Tem uma loja da Nextel / Do outro lado e uma loja de roupa de mulher / Um galeto Depois uma lanchonete na esquina com a praça / Atravessa a ruazinha / E a praça / Que tem um ponto de taxi / Indo pro borel depois da bom pastor

29 de set 22:52 - P09: Salgueiro

29 de set 22:52 - Teresa Hersen: Salgueiro

29 de set 22:52 - P08: Isso / Tem um oficina do lado direito / Pensei em um e escrevi outro / Do lado direito acho q tem um bar / Antes de virar na rua dos Araújo / Na esquina sempre tem um carro da p.m. / E mais pra lá não sei / me remete a minha vida

29 de set 22:58 - P09: Essa parte de cima / E escura

29 de set 22:59 - P08: Dos lanches da minha infância no Bob's

29 de set 22:59 - P09: Tem muitas árvores e menos movimento

29 de set 22:59 - P08: A se cima / A de baixo e um mundo de gente

29 de set 22:59 - P08: Eu não conheço o Salgueiro / Sempre tive medo / Vai q na hora q eu subisse a policia entrasse

29 de set 23:00 - Teresa Hersen: Mas não ta pacificado?

29 de set 23:00 - P09: Eu já subi ali

29 de set 23:00 - P08: Sou urbana

29 de set 23:00 - P09: Mas não lembro mesmo / Ta pacificado / Pode subir / Meu pai mora ali do lado / P09: Ta ótimo

29 de set 23:00 - P08: Agora ne

29 de set 23:00 - P09: Tem logo uma curva / eu não lembro / Tem prédios / Oficinas

Participante 10 (P10) – 48 anos

Começamos uma caminhada saindo da Praça Sáenz Peña rumo ao Morro do Salgueiro. Fomos subindo a Rua General Roca passamos pela UPP e dentro da Comunidade chegamos ao Nº 1 da Rua Gal Roca. Dobramos a direita e continuamos a subida. Bar do Sal (onde no passado os moradores compravam querosene e etc), Bloco Raízes da Tijuca e a casa aonde morou o "Seu" Salgueiro Português que deu nome ao morro (Morro do Seu Salgueiro, Morro do Salgueiro). Passamos pelo Caliel.

Continuamos subindo.

Fomos ate o começo da trilha Salgueiro/Coreia.

Começamos a trilha e estávamos dentro da Floresta da Tijuca. A Tijuca com os seus prédios

Abaixo, uma vista maravilhosa. Pegamos outra trilha e fomos em direção a Casa do Bispo na Estrada do Sumaré.

Em boa parte da trilha você não tem vista em compensação muitas árvores, pedras, nascente de água, macacos e pássaros. Chegamos à casa do Bispo. Continuamos subindo Estrada do Sumaré ate uma pequena trilha que vai ate a Pedra que fica atrás do Morro do Salgueiro. Que vista maravilhosa. Pode ser vista a Baía de Guanabara, Maracanã, São Januário e Engenhão e boa parte da Zona Norte.

Participante 11 (P11) – 58 anos

Em fevereiro de 1976 houve uma grande explosão na agência do Banco do Brasil, na esquina da Gal Roca com Conde de Bonfim, danificando bastante a agencia Tijuca, quatro meses depois tomei posse nessa mesma agência.

O técnico da manutenção se confundiu ao fazer a troca do ar comprimido e tudo foi pelos ares.

Morreu um funcionário, um transeunte e duas pessoas ficaram gravemente feridas.

Tomei posse na agencia 4 meses depois disso.

Entre a Barão de Mesquita e a Conde de Bonfim havia uma galeria (os shoppings ainda eram raros naqueles anos 70) que abrigava várias boutiques super transadas, da época.

Participante 12 (P12) – 58 anos

O que me lembro da Rua General Roca são as noites de sexta-feira. Sim, toda sexta, à meia-noite, havia pré-estréia no Cine Bruni Tijuca, na Praça Saens Peña. Íamos, dois ou três amigos e, após a sessão, pegávamos a General Roca, saindo da Saens Peña, em direção à Barão de Mesquita. No primeiro cruzamento, dobrávamos à esquerda, na rua Santo Afonso (ela era então sem saída). E lá era o Bob's, onde eu sempre pedia um sundae de marshmallow e um cheeseburger. Às vezes, seguíamos até o Sheik, na Barão de Mesquita, para um generoso quibe! Nesse brevíssimo relato, dois pontos me chamam a atenção: (1) como o Bob's fechava tarde! e (2) como as noites da Tijuca eram seguras!

Participante 13 (P13)⁴⁶

De acordo com a lua sou barraca, ou casa, ou cabana, ou iglu, ou catedral... Às vezes me sinto como um prédio abandonado. Matéria sem sentido. Planta de projeto perdida ou molhada. Apenas um corpo de pé, sem vida nenhuma dentro. Comecei a sentir o vento gelado que corre por dentro desses prédios vazios, inacabados. Esculturas imponentes que saltam diante dos nossos olhos enquanto olhamos as montanhas da janela do ônibus. Logo nova comecei a me identificar com esses corpos abandonados na cidade. Para ir à praia, passava pelo prédio da Encol na Tijuca, que ficou muitos anos ali, vestido de cinza e sombra na frente do morro da Formiga. Durante muito tempo, o maior carinho que recebeu foram as pichações feitas ao longo de seus andares e varandas. Cinza, preto fosco e sombras. O prédio da Encol era como um defunto, que as pessoas não sabiam onde desovar pelo tamanho que tinha. Quando não quero ser percebida, me visto de concreto: não quero dizer nada, estou em construção. Vestida de concreto, não quero ser habitada. Quando ando na rua eu olho para os prédios. Já tinha horror das grades, mas essas desse material novo são ainda piores. As grades de ferro ainda eram pesadas, e tinham ornamentos. Essas que todos os prédios tem, de cor bronze ou branca na maioria dos casos, e vidros entre as grades, que deixam ver os jardins que só os porteiros cuidam, são de me fazer chorar na calçada. Muitos prédios altos tem bonitos pilotis na base, para que pessoas possam passar por ali, mas ninguém passa. Porque não tem gente e porque tem grade. Pilotis com grade. Acho que é esse o meu desenho nos dias que sou prédio abandonado: baixo, mas que ninguém alcança os olhos tampados pelas copas das árvores; de concreto e sombras, que revelam o vazio; e

⁴⁶ Retirado de sua página inicial no Facebook, 13 de outubro às 10:38

com um grande pilotis que quer pessoas, mas tem grades sem ornamento na entrada. E eu prefiro ser esse escultura de concreto solitária do que ser esses prédios novos, de cores claras e padronizados. De material vagabundo, e sem mensagem nenhuma que não seja de ordenamentos do espaço privado e esquecimento do espaço público. Prefiro ter a minha pele de concreto tatuada com mil mensagens em preto fosco. Prefiro o vento da solidão do que a ilusão do condomínio, a falsa vizinhança. Quando era pequena eu gostava de invadir umas casas vazias. Pensava na vida dentro daquelas dependências. Um quadro esquecido no quarto, a escolha do azulejo do banheiro, e o fogão de frente para a janela que dá para um muro com uma franja de flores. Comidas gostosas devem sair de quem olha as flores enquanto cozinha. Prefiro as coisas velhas, não por nostalgia, mas por identificação. Estão desgastadas pelo tempo, e contam histórias. O Rio de Janeiro parece ter medo de revelar sua idade, suas rugas, e contar suas histórias. Então faz plásticas urbanas, para não se revelar. As coisas hoje se levantam muito rápido. Do dia para a noite um monstro de 15 andares é levantado, e passa a rebater o sol de uma forma que acaba com as sombras em que o homem do jogo do bicho ficava há 20 anos na esquina. Construções feitas para serem demolidas. Só sabemos construir sobre escombros, como quando amamos. As pessoas não querem ver mais as ruínas, porque lembram dos tempos que foram felizes. Então demolem a ruína e constroem alguma coisa nova, para esquecer o que passou, e demolir em seguida quando necessário. Eu não quero me demolir. Me olhando de longe, como um prédio vazio, na minha frente, uma placa me sinaliza: mulher trabalhando para se construir. Não é uma placa, é uma tatuagem em preto fosco no meu corpo.

Participante 14 (P14) – 32 anos

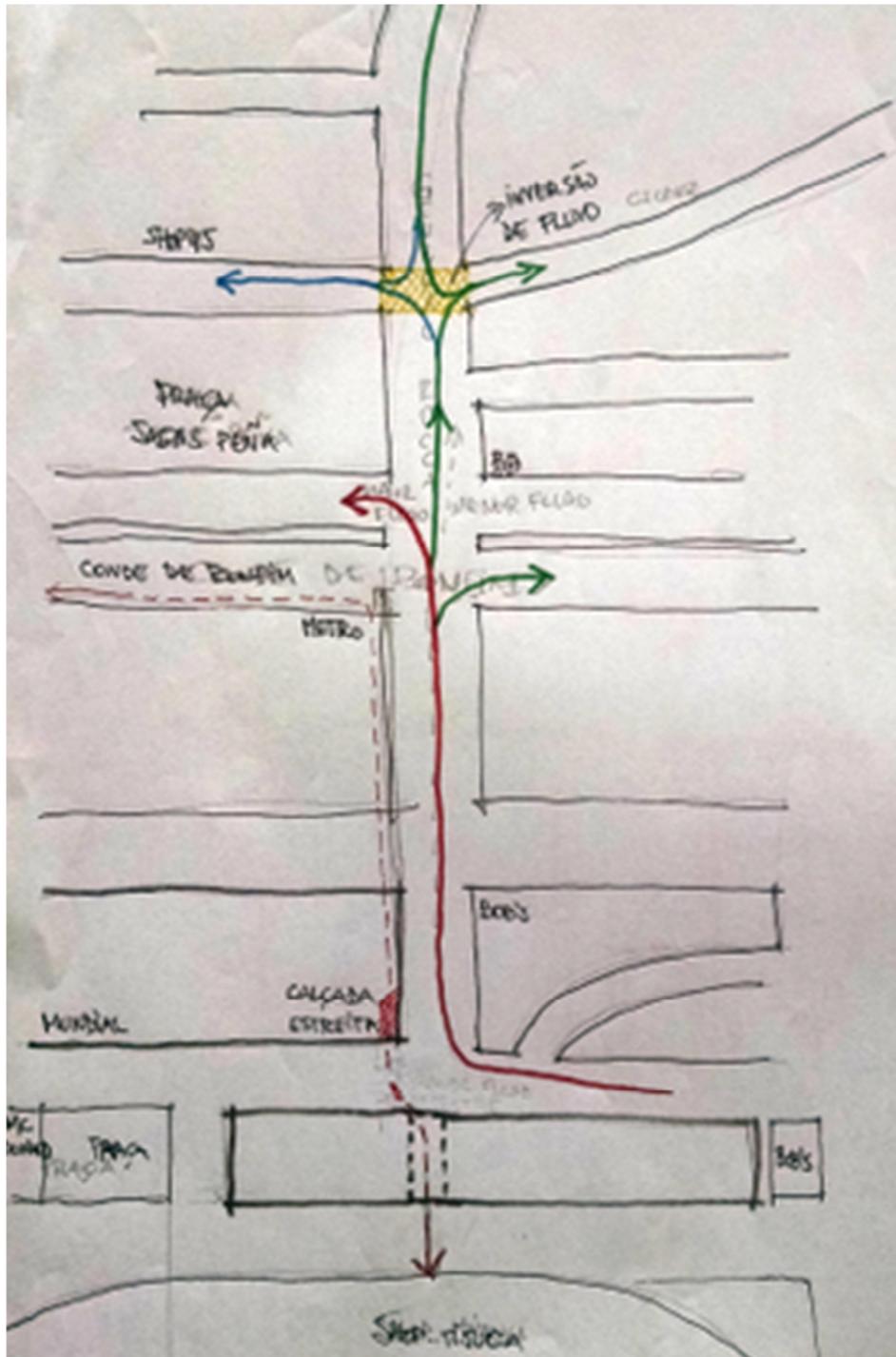
Fui criado no Bairro da Tijuca, e estudei por muitos anos no colégio Batista. Muitos dos meus amigos de infância moravam nos arredores da Praça Saens Peña, e nós costumávamos nos encontrar uns na casa dos outros.

Caminhar pela Conde de Bonfim fazia parte da minha rotina, na Praça Saens Peña muito comércio, restaurantes e chegadas e partidas de metrô. Ponto de encontro com os amigos para alguma outra saída.

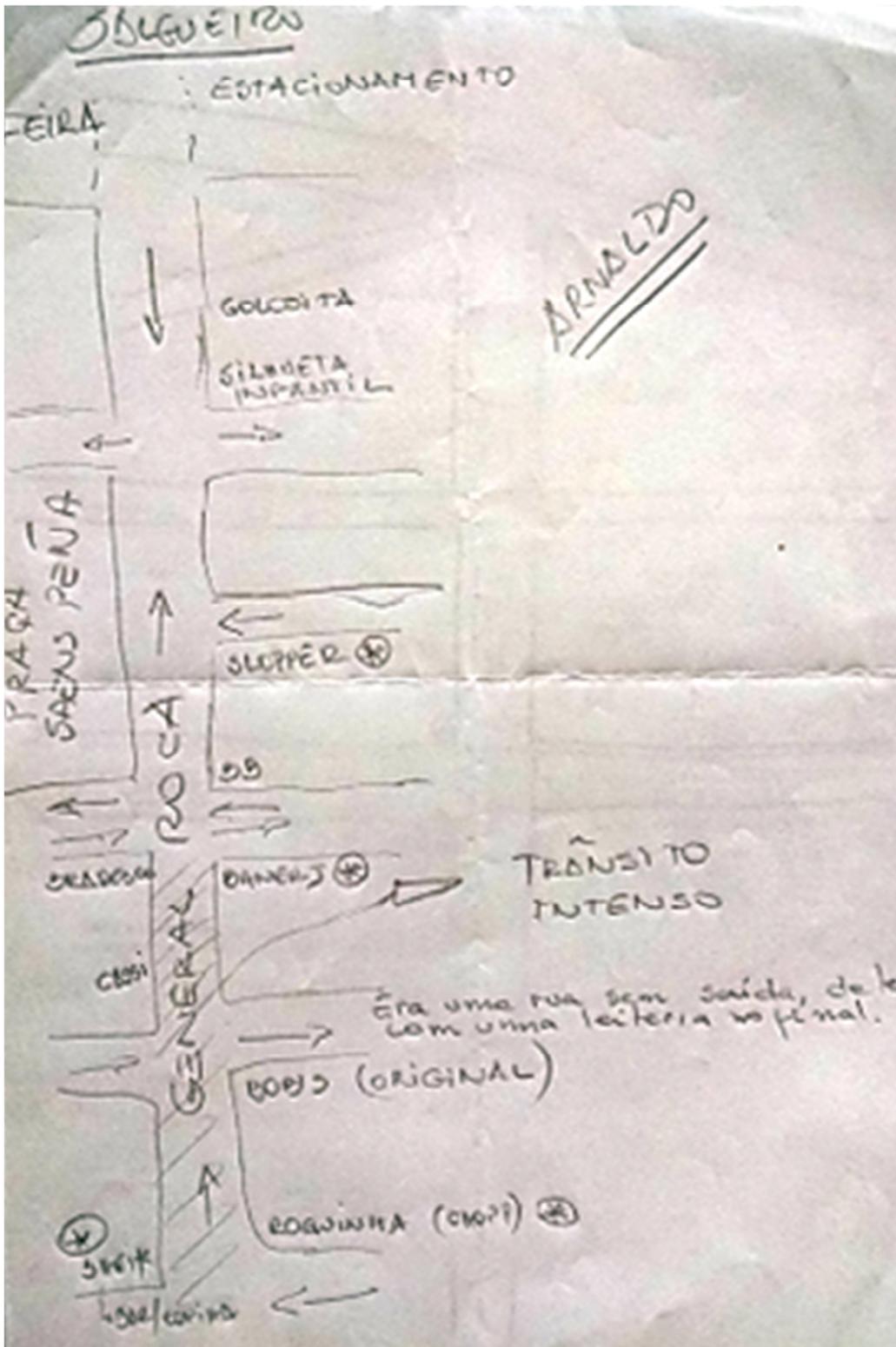
Aos fins de semana costumávamos nos encontrar. E mesmo sendo todos moradores do Bairro da Tijuca, subíamos a General Rocca e subíamos a Favela do Salgueiro para ir ao Baile Funk que acontecia na quadra coberta. Isso em 1998 ou 99. E essa foi a minha relação com essa Favela.

Logo depois fui morar em outro bairro e minhas idas ao bairro passaram a ser mais pontuais, indo diretamente a locais combinados, nas proximidades do Shopping Tijuca.

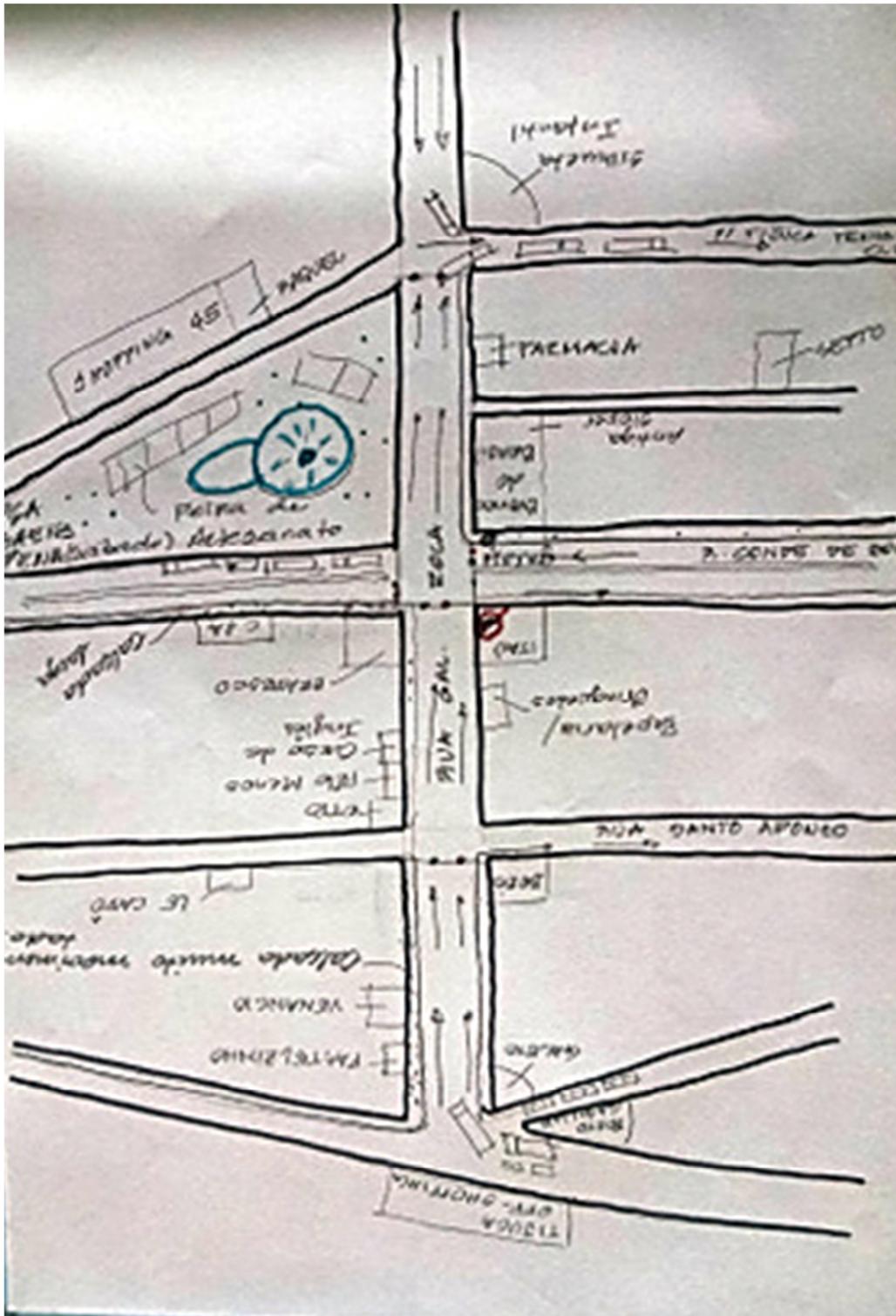
Participante 15 (P15) – 31 anos



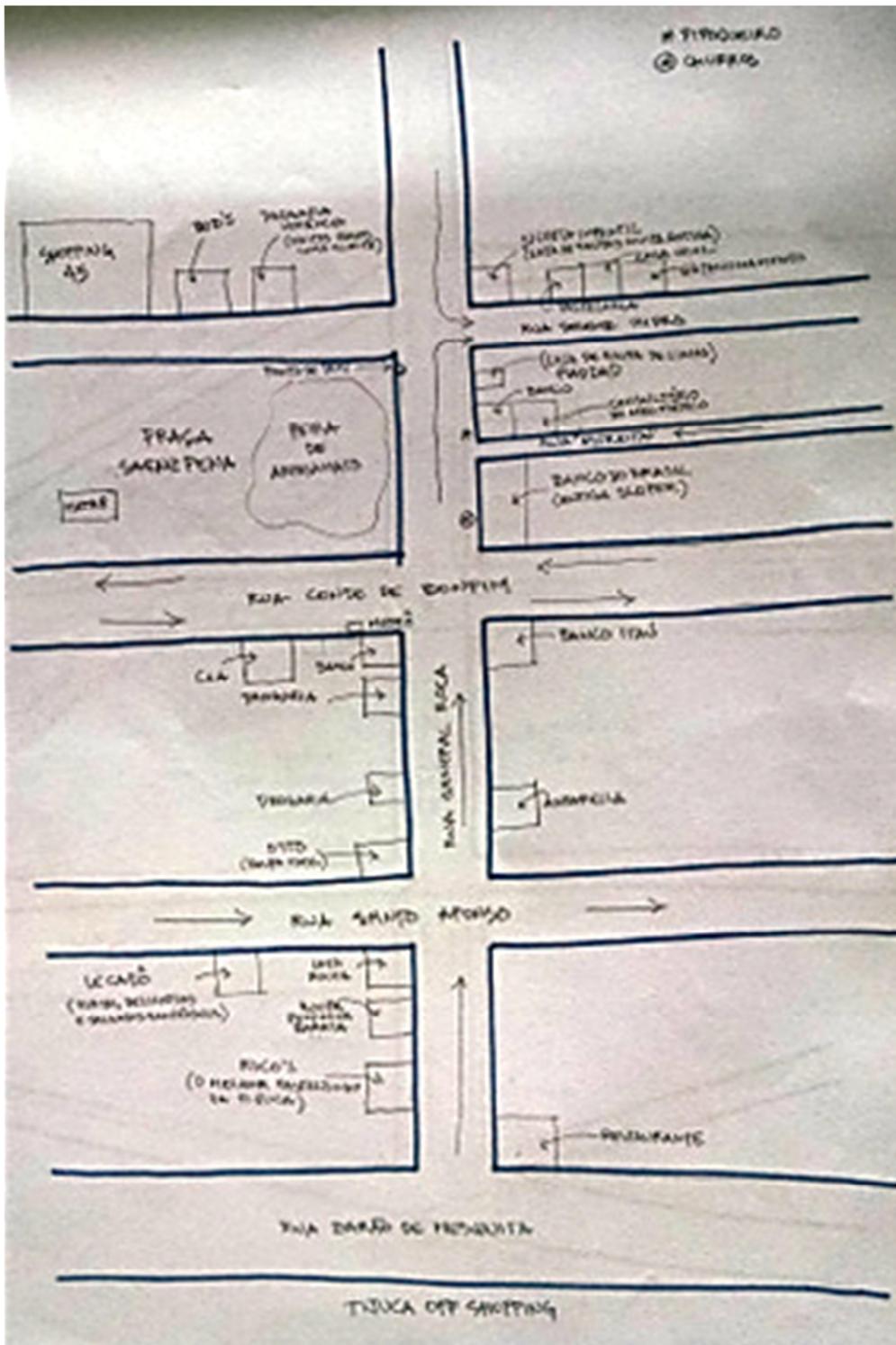
Participante 16 (P16) – 56 anos



Participante 17 (P17) – 51 anos



Participante 18 (P18) – 51 anos



Participante 19 – 41 anos ⁴⁷

Partindo para uma visita ao Sumaré. “Vamos pelo o Rio Comprido beirando o Morro do Turano” Fantástico o passeio. Fomos ao Sumaré, subindo pelo Rio Comprido e descendo pelo Alto da Boa Vista. Ele recordou muitas histórias, inclusive quando jogava suas peladas no antigo campinho de futebol, de terra batida, onde fica o atual estacionamento em frente a casa do Cardeal, no alto do Sumaré. Estamos finalizando esse almoço em um restaurante italiano. Tudo de bom!

⁴⁷ Retirado da sua página do Facebook em 19/10/2014.

ANEXO 03: Matérias de Jornal

Matérias de jornal vinculadas com o uso das trilhas nas favelas do Rio de Janeiro.

02 MEIA HORA • RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 21/9/2014

COMUNIDADES

WILSON FEZ UM ANO DE CURSO BÁSICO DE TURISMO NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO PRADO JÚNIOR, NA PRAÇA DA BANDEIRA

● **TRILHA REVOLUCIONÁRIA**

Da Formiga ao Turano

Com quatro horas de duração, 'Caminhada da Paz' passa por quatro favelas da Tijuca

Não é de hoje que as comunidades cariocas da Zona Sul são atrações turísticas. O que poucos sabem é que as da Zona Norte também se tornaram palco de belas caminhadas. Nascido e criado no Turano, Wilson César Moraes, de 46 anos, resolveu investir em uma trilha até então desconhecida que passa por quatro morros tijuquanos. Ele admite que sempre teve o desejo de divulgar a história das favelas da região.

"Foi uma mistura de inveja com ciúme, já que as comunidades da Zona Sul sempre tiveram o mar como paisagem deslumbrante para os turistas. E na Zona Norte o turismo sempre foi algo complicado", explica Wilson, orgulhoso pelo trabalho desenvolvido através da agência "Turantour Turano", desde abril de 2012.

Com quatro horas de duração, o passeio é chamado de 'Caminhada da Paz'. O trajeto começa no Morro da Formiga e termina no próprio Turano, antes de passar pela Coréia e pelo Salgueiro. O contato com os moradores e a natureza encanta, assim como o visual privilegiado — de diferentes ângulos — de parte da Zona Norte e do Centro da Cidade Maravilhosa. Tudo guiado por Wilson e pelo amigo Fabio Barbosa, que contam a história de cada favela durante o passeio.

"A gente vai descobrindo a cidade lá de cima como se fosse um *google maps*. Eu subo contando a história que pesquisamos sobre alguns pontos da comunidade... coisas boas e ruins. Passamos na porta de moradores antigos, que muitas vezes até conversam com os turistas", afirma Wilson, acrescentando que a chegada das UPPs foi fundamental para transformar o sonho da 'Caminhada da Paz' em realidade.

FOTOS: TURANTOUR TURANO / IMAGIÇÃO



Programa diferente

● Como anfitrião da próxima edição dos Jogos Olímpicos em 2016, o Rio de Janeiro atrai cada vez mais turistas, o que moviza o guia Wilson e reforça o seu otimismo com relação ao sucesso da 'Caminhada da Paz'.

"Faremos a trilha sem perigo, problemas ou questionamentos da polícia (*Unidades de Polícia Pacificadora*). Essas comunidades juntas formam uma caminhada, uma trilha diferente", defende ele, que mora até hoje no Morro do Turano.

Próxima vai ser dia 19/10

● As trilhas da 'Turantour Turano' são realizadas de dois em dois meses. Os encontros são marcados pelo 'Facebook' e grupos de 7 a 15 pessoas são fechados por passeio. O preço da caminhada é de R\$ 40 para pagamento à vista e R\$ 50 na hora. Almoço e água estão incluídos no valor. Ainda dá tempo de participar da próxima trilha, que está marcada para o dia 19 de outubro. Para obter mais informações, basta encaminhar email ao guia Wilson pelo tour@turantour.com.br.

Morador do Turano, Wilson (D) conta a história das favelas durante o passeio: 'Coisas boas e ruins'

Expansão pode levar favelas aos pés do Cristo

Diretor do Trem do Corcovado alerta CPI do 'legal. E daí?' para necessidade de conter crescimento irregular

Sergio Duenas

• O crescimento acelerado das favelas de Acurru, do Corcovado e das Guarapuzas levou o diretor do Trem do Corcovado, Sérgio Duenas, a alertar os integrantes da CPI do 'legal. E daí?' para uma preocupação possível no seu entender, caso não seja evitada a expansão dessas comunidades, situadas no Morro do Corcovado, em cerca de cinco anos a área ocupada por habitações irregulares estará bem próxima ao Cristo.

O vereador Rogério Bittar, autor da comissão que apura e descobre problemas no município, foi ontem à estação investigar denúncias feitas à Câmara Municipal sobre problemas no acesso ao ponto turístico. Segundo o vereador, em quase dois meses de trabalho, a CPI recebeu mais de mil denúncias de irregularidades na cidade.

De acordo com o diretor do Trem do Corcovado, que sempre passou denunciando a expansão das favelas em um depoimento à CPI, o crescimento das comunidades é visível ao longo dos últimos 15 anos e agora ameaça chegar ao topo da montanha.

— As favelas estão se aproximando da estrada de trem. Isso vai mostrar para o mundo inteiro um desrespeito com o principal cartão-postal da cidade, que em julho poderá vir uma das sete maravilhas do mundo — afirmou Duenas.

Parque está em área de preservação ambiental

Sérgio Duenas, que o Parque Nacional da Tijuca, onde as favelas estão se expandindo, é uma área de preservação ambiental. Ele afirma que a Secretaria de Turismo está ciente do problema, mas não há fiscalização da prefeitura.



A FAVELA DO CORCOVADO cresceu irregularmente e pode expandir a área habitada até a base do Cristo



O VEREADOR Rogério Bittar durante a fiscalização no Corcovado

CRESCIMENTO DE FAVELAS NA ZONA SUL É REALIDADE DOCUMENTADA

• O crescimento das favelas do Rio é uma realidade documentada. Como publicou O GLOBO no último dia 1, um levantamento feito pelo Ministério Público (MP) estadual e o Instituto de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), mostrou que o crescimento de quatro comunidades — Rocinha, Vidigal, Chácara do Céu e Parque da Cidade — ocupou uma área verde de 548 mil metros quadrados de 1960 a 2005. O espaço equívoco praticamente se triplicou da Rocinha em 1960: 119 mil metros quadrados.

— Deve ser uma obrigação da prefeitura garantir que o Morro do Corcovado não seja favelizado e que a Instituição do Trem do Corcovado tenha seu funcionamento assegurado. Para isso, o crescimento irregular das comunidades também pode estar relacionado com a desonra identificada no entorno da estação. Ele disse que a companhia tem problemas de rodovias de bus e ônibus que são longe do trajeto do trem.

O diretor disse outros exemplos, como a invasão de um imóvel privado na localidade conhecida como Sibomim.

— Outro exemplo é o Hospital Adventista do Silvestre, que foi engolido pela favela — acrescentou Sérgio.

No conjunto de outros, Bittar contou que as suas autoridades

De acordo com a pesquisa, a área das quatro favelas juntas cresceu 81,2% em 45 anos, o equivalente ao terreno do Parque Lage ou a 64 campos de futebol como o do Maracanã. Em 1960, as comunidades tinham 172 mil metros quadrados e passaram a 122 milhões em 2005. O Vidigal foi a favela que mais cresceu horizontalmente, em número absoluto e percentualmente (202 mil metros quadrados ou 208%). O período crítico ocorreu entre 1965 e 1980, quando a comunidade triplicou de tamanho, passando de 121 mil para 376 mil metros quadrados.

Segundo o porta-voz do Trem do Corcovado, Ricardo Paes, a companhia já tentou em vão instalar o Rio-Fluminense. Um terminal rodoviário próximo à estação fazleiteiro é planejado pela administração para servir de estacionamento. As

irregularidades serão levadas ao Ministério Público.

Por outro lado, o prefeito Cesar Maia respondeu que a denúncia do diretor do Trem do Corcovado, de expansão das favelas, "é irregularidade de fato, mas não de direito". Segundo o prefeito, os terrenos são administrados pela Prefeitura de Rio, que recebeu ter pagado R\$ 28 a um beneficiário na Rua Santa Veneranda, com medo de ter problemas com o caso. Ele também disse que há abertura por pessoas espontaneamente autorizadas pela prefeitura, que cobraram R\$ 36 por pessoa para uma visita guiada ao Cristo.

Segundo o porta-voz do Trem do Corcovado, Ricardo Paes, a companhia já tentou em vão instalar o Rio-Fluminense. Um terminal rodoviário próximo à estação fazleiteiro é planejado pela administração para servir de estacionamento. As

irregularidades serão levadas ao Ministério Público.

Por outro lado, o prefeito Cesar Maia respondeu que a denúncia do diretor do Trem do Corcovado, de expansão das favelas, "é irregularidade de fato, mas não de direito". Segundo o prefeito, os terrenos são administrados pela Prefeitura de Rio, que recebeu ter pagado R\$ 28 a um beneficiário na Rua Santa Veneranda, com medo de ter problemas com o caso. Ele também disse que há abertura por pessoas espontaneamente autorizadas pela prefeitura, que cobraram R\$ 36 por pessoa para uma visita guiada ao Cristo.

Segundo o porta-voz do Trem do Corcovado, Ricardo Paes, a companhia já tentou em vão instalar o Rio-Fluminense. Um terminal rodoviário próximo à estação fazleiteiro é planejado pela administração para servir de estacionamento. As

irregularidades serão levadas ao Ministério Público.

Por outro lado, o prefeito Cesar Maia respondeu que a denúncia do diretor do Trem do Corcovado, de expansão das favelas, "é irregularidade de fato, mas não de direito". Segundo o prefeito, os terrenos são administrados pela Prefeitura de Rio, que recebeu ter pagado R\$ 28 a um beneficiário na Rua Santa Veneranda, com medo de ter problemas com o caso. Ele também disse que há abertura por pessoas espontaneamente autorizadas pela prefeitura, que cobraram R\$ 36 por pessoa para uma visita guiada ao Cristo.

12 • GRANDE RIO

Domingo, 13/1/06 O GLOBO

Achada moça desaparecida na Floresta da Tijuca

Claudia Tavares, de 22 anos, a estudante de Letras da Uerj desaparecida desde quarta-feira na Floresta da Tijuca, foi encontrada, ontem, por empregados da Cedae no Morro do Trapiche, mas o livro sobre uma pedra numa clareira. Já em sua casa, na Tijuca, ela desmentiu informação dada antes pelos pais, de que é anormal, e disse que foi a floresta "para morrer no verde, longe da poluição humana".

— Disse que não sou normal, mas é que é normalidade? Estou cansada da normalidade que me rodeia. Ninguém diz a que realmente leio e se leigo cura. Eu não consigo comer em casa; estava muito deprimida e resolvi sair andando e morrer na floresta.

Claudia, que cursa o segundo ano de Letras, saiu de casa — Rua Sabóia Lima — às 13 horas de quarta-feira, de tangaço, vestido verde e com o livro "Quinze anos de juventude", segundo seu pai, Armando Tavares, professor de Física na Uerj. Bombeiros a procuraram durante dois dias e antontem suspenderam as buscas, achando que ela não estava mais na floresta. Ontem ela foi encontrada por quatro empregados da Cedae — os irmãos Antônio Carlos, Expedito e Carlos Alberto da Silva e seu sobrinho Cláudio Laís — que moram em barracos no Morro do Trapiche, em área onde a empresa explora manancial.

— Não lembro o GLOBO — disse Antônio Carlos — a notícia do desaparecimento da moça e vários helicópteros e bombeiros se movimentando na busca. Resolvemos então ajudar e saímos pelos caminhos que cortam as grutas do morro, ajudados por Bercelano, e nosso cão. Fomos encontrá-la dois quilômetros longe de nossas casas (os barracos são do irmão do irmão) e da Rua Henrique Peixoto. Ela estava suja e lendo o livro. Quando nos viu cobriu o corpo com o vestido verde.



No clareiro do Morro do Trapiche, a pedra onde Cláudia foi encontrada

O pai de Cláudia disse ontem que ela faz terapia ocupacional desde os 11 anos, numa clínica de reabilitação na Tijuca, e que é "uma moça que se preocupa muito com o ecologia, com os problemas da humanidade, com a agressão à cultura indígena; é excepcionalmente inteligente, mas tem problemas".

— Anão do pai e dos irmãos — Armando e Flávia —, Cláudia contou sua aventura e os repreendeu por a terem procurado.

— É sadismo a divulgação do meu desaparecimento e sadismo voar fixados aí com câmeras excessivas comigo. Resolvi morrer na floresta; e daí? Não senti fome passando todos esses dias lendo, ouvindo e bebendo água na cachoeira da mãe.

Claudia contou também que gosta de música, pintura e poesia e que está escrevendo um livro do qual mostrou os seguintes versos já datilografados: "Não há saudades no céu/ Nem o calor de estrelas/ Há zumbros de tristeza/ Sob minha taca de lá".



Em casa, Cláudia conta sua aventura

Paraísos desvendados na Rocinha

ONG revela trilhas em paisagens que poucos cariocas conhecem e aposta no ecoturismo

Claudio Motta

Uma Rocinha que poucos moradores da comunidade conhecem e que a maioria dos cariocas sequer desconfia que existe vai entrar para o roteiro de ecoturismo da cidade. Trilhas, cachoeiras, áreas verdes e outras maravilhas quase inexploradas estão sendo mapeadas pela ONG Rocinha XXI com o auxílio de técnicos do Parque Nacional da Tijuca. A idéia é atrair não só turistas como moradores do próprio Rio.

Dá para imaginar um passeio ambiental passando por um mar de casas encravadas na mata, onde moram mais de 55 mil pessoas (segundo o censo do IBGE, feito em 2000)? Tânia Rodrigues, presidente da ONG, trabalha para que os atrativos naturais deixem de causar surpresa e passem a gerar empregos. Ela teve a idéia há dois anos, inspirada pela atuação voluntária de moradores que se empenharam na proteção da natureza. Com a inclinação da área no roteiro turístico do Rio esperava chamar a atenção da comunidade para a importância de preservar o meio ambiente. A ocu-



UM VISITANTE MERGULHA na Represa do Manelito, um dos pontos prediletos para o turismo

pação desordenada ainda é uma ameaça na Rocinha.

— Os atrativos naturais serão reunidos num roteiro, com todas as informações sobre cada lugar. Também precisamos de uma sinalização adequada dos caminhos. Só com o traçado concluído começaremos a guiar visitantes, no próximo

verão — acrescenta Tânia.

Para a diretora do Parque Nacional da Tijuca, Sônia Peixoto, o projeto da ONG transforma moradores, que muitas vezes contribuem para o desmatamento, em guardiões da natureza.

— O projeto, que visa à proteção da mata em parceria

com os moradores, é interessante e pode ser custeado pelo Ibrama. Além de usufruir da natureza, queremos, há alguns meses, que eles passem a proteger o parque. Também estamos propondo uma integração com as escolas da região. Só quem conhece a natureza cuida dela — explica Sônia. ■

Favela rouba a cena do Corcovado

• Nada de Grumari, Costa Verde ou Corcovado. A favela só perde para o Parque Nacional da Tijuca nos roteiros oferecidos por empresas de turismo. Segundo Rafael Seabra Ricci, gerente de uma delas, mais de seis mil pessoas fizeram este passeio de jipe, sem falar nos combinados com outros destinos.

— A história começou no Rio-92, período em que resolvemos fazer passeios na Floresta da Tijuca. Quando os turistas vão à Rocinha eles nos pediram para conhecer a favela. Hoje, o lugar é um dos nossos carro-chefes. A maioria absoluta das pessoas que fazem o passeio, quase 100%, é de estrangeiros — diz Ricci.

Prefeitura sobe o morro

Marcelo Pacheco de Souza

• Tradicionalmente um bairro de classe média e famosa pelas escolas de samba originárias das comunidades dos morros que a circundam, a Tijuca também é conhecida por ser uma região freqüentemente atingida pelos temporais de verão e, ainda, sob o impacto das últimas chuvas. Tijuca, seja do morro, seja do asfalto, se pergunta: estará o bairro em condições de suportar mais enchentes?

Recomeça aí uma antiga e importante discussão sobre a ocupação das encostas dos morros, bastante agravada nos últimos anos. O crescimento desordenado dessas comunidades vem pondo em risco não só a sua própria população mas a do bairro como um todo.

Após anos de retórica e pouca ação efetiva de outras administrações, a Prefeitura do Rio apresenta um projeto que irá tratar a questão com objetividade, urbanizando a chamada "cidade informal" e cuidando de organizá-la como bairro.

Através do projeto Favela-Bairro, que contemplará na Tijuca, inicialmente, quatro comunidades (Salgueiro, Borel, Mata Machado e Formiga), o Governo municipal garantirá o acesso do poder público a essas áreas, proporcionando aos moradores direito a uma infra-estrutura de serviços digna de qualquer outro bairro.

— Acessos facilitados para assistência mé-

dica, limpeza e saneamento urbano fazem parte de uma estratégia que pretende criar condições para uma melhor e mais segura utilização das áreas já ocupadas, permitindo que esses novos bairros tenham um limite físico definido, evitando, assim, o contínuo crescimento em áreas de risco.

— Valorização do aspecto social, dignificando o cidadão, que, a partir desta qualificação do espaço, perceberá a melhoria de sua qualidade de vida.

— Juntem-se a isso os esclarecimentos sobre questões de ordem ambiental e de saúde, tão necessários e indispensáveis que estarão à disposição de todos.

O projeto Favela-Bairro, financiado pela Prefeitura e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), representa um marco na administração pública e na política de habitação do município. Para a Tijuca, sobretudo, é prioritário, uma vez que, se considerarmos unicamente a topografia local, fica evidente que as ações urbanizadoras nessas comunidades refletirão diretamente no bairro "formal".

A oportunidade que ora se apresenta é rara; cabe à sociedade tijuca a parcela mais significativa deste projeto: colaborar com sugestões que auxiliem a Prefeitura do Rio no seu desenvolvimento e implantação.

MARCELO PACHECO DE SOUZA é administrador regional da VIII Região Administrativa (Tijuca)

Reflorestamento começa pelo Salgueiro



Quarenta e três hectares do Morro do Salgueiro serão totalmente reformados pelo EP a partir da próxima semana

Com o objetivo de recuperar as áreas degradadas do município, o Instituto Estadual de Florestas (IEF) iniciou na semana passada o reflorestamento de 43 hectares do Morro do Salgueiro. Apesar da presença de algumas árvores, a grande parte da área, a montanha, está desmatada e de grande parte dos gramíneas de origem, a montanha, não restou nada. O problema também surge no morro da Formiga, do Borel e da Casa Branca, em Tijuca, nos quais o IEF — órgão ligado à Secretaria Estadual de Meio Ambiente — estudou e seu trabalho, com total de 50 hectares.

O reflorestamento no Morro do Salgueiro, onde serão plantadas 20 mil mudas de árvores, faz parte do Programa de Recuperação e Desenvolvimento de Áreas Degradadas do Estado do Rio de Janeiro, implantado há dois anos pelo IEF.

O trabalho será feito em colaboração da Superintendência de Florestas e Lavouras (SFL) e do Departamento de Estradas e Rodagem (DER), das empresas de Obras Públicas (Obras) e da Fundação Estadual de Engenharia de Meio Ambiente (FEMA). Para o reflorestamento de 43 hectares no Rio e 400 hectares no regime de plantio, os recursos, aos recursos do Estado, são de R\$ 1,5 milhão. O trabalho será feito em parceria com a Prefeitura de Tijuca, a Prefeitura de Borel e a Casa Branca, e o projeto será concluído em 12 a 18 meses, dependendo do andamento, os recursos, aos recursos do Estado, são de R\$ 1,5 milhão.

Processos migratórios aceleraram crescimento da favela nos anos 40

Substituído de bairro de classe média, a favela do Salgueiro, em Tijuca, teve seu crescimento acelerado nos anos 40 devido aos processos migratórios que ocorreram na região. Segundo o IEF, o crescimento da favela foi impulsionado por famílias que migraram de outras regiões do Estado e de outros países para o Rio de Janeiro. Essas famílias buscavam melhores condições de vida e emprego na cidade. O crescimento da favela foi impulsionado por famílias que migraram de outras regiões do Estado e de outros países para o Rio de Janeiro. Essas famílias buscavam melhores condições de vida e emprego na cidade. O crescimento da favela foi impulsionado por famílias que migraram de outras regiões do Estado e de outros países para o Rio de Janeiro. Essas famílias buscavam melhores condições de vida e emprego na cidade.

<p>Dentistas</p> <p>ODONTOLOGIA DE URGÊNCIA</p> <p>Noite e Dia</p> <p>R. São Francisco Xavier, 100 - Tijuca</p> <p>TEL.: 228-2208</p>	<p>ODONTOPEDIATRIA</p> <p>DR. CLAUDIO DERANI</p> <p>Clínica e Prática - Av. - Preparação</p> <p>22 e 24 de 2000 no Rua</p> <p>TEL.: 228-2208</p>
<p>OPORTA VOZ DO SEU BARRIO</p> <p>Journalismo</p>	<p>CIRURGIÃO DENTISTA</p> <p>Dr. Cláudio Derani</p> <p>Clínica e Prática - Av. - Preparação</p> <p>22 e 24 de 2000 no Rua</p> <p>TEL.: 228-2208</p>
<p>Psicologia</p> <p>PSICÓLOGA</p> <p>CRIANÇAS - ADOLESCENTES - ADULTOS</p> <p>TEL.: 228-2208</p>	<p>PSICOTERAPIA ADOLESCENTES E ADULTOS</p> <p>TEL.: 228-2208</p>
<p>NÚCLEO SOCIAL DE PSICANÁLISE</p> <p>ATENÇÃO: Crianças, Adolescentes e Adultos</p> <p>INF. Tel.: 228-2208</p>	<p>PSICOTERAPIA ADOLESCENTES E ADULTOS</p> <p>TEL.: 228-2208</p>

Bandidos da floresta tinham mapa das trilhas

PM enfrenta quadrilha no Parque Nacional da Tijuca durante operação contra ladrões que assaltam turistas

Gustavo Goulart

• Policiais militares do Batalhão de Policiamento de Áreas Turísticas (BPTur) fizeram ontem nova operação nas trilhas do Parque Nacional da Tijuca. Houve troca de tiros com bandidos, que conseguiram fugir. Foram apreendidos mais de 50 documentos, entre cartões de crédito, identidades e cartões de planos de saúde de estrangeiros e de brasileiros; objetos roubados; uma farda de camuflagem e um mapa indicando trilhas, estradas e rios. Também foram achados no local, entre o Sítio dos Macacos e a Lagoinha, seis morteiros, seis bôias de calibre 45, outras 25 de calibre 38 e cinco de fuzis

calibres 5,56 e 7,62.

Os quatro policiais do serviço reservado que participaram da operação disseram acreditar que os documentos encontrados na mata são roubados. Um deles, pelo menos, foi perdido por um estudante próximo ao Morro do Pavão-Pavãozinho.

Mapa pode ter sido roubado de montanhistas

Para os PMs, o mapa encontrado poderia estar sendo utilizado pelos marginais para se movimentar na floresta, para fugir, para procurar esconderijos ou mesmo para guardar objetos roubados de turistas e praticantes de caminhadas. Há outra possibilidade para

explicar o mapa: segundo os policiais e o comandante do BPTur, tenente-coronel Rodolfo Lirio, ele pode não ter sido feito por bandidos e sim roubado num dos ataques a turistas e montanhistas. Além de mostrar em detalhes a localização da Vista Chinesa, do Sítio dos Macacos, da Lagoinha e de outros pontos, o mapa traz uma legenda indicando onde há rios, estradas e trilhas. Como O GLOBO mostrou no domingo passado, o aumento do número de assaltos a turistas e montanhistas no Parque Nacional da Tijuca levou a PM a aumentar o policiamento nas trilhas da região. O tiroteio aconteceu logo depois de os PMs passarem ao la-

do do Sítio dos Macacos e ao redor da Lagoinha. Os bandidos estavam sobre rochedos e desapareceram ao ver os policiais.

— Estamos investigando essa trilha há meses. Há três semanas fizemos apreensões nas Palmeiras, junto à Mesa do Imperador, e na semana passada, outra em Santa Teresa — disse um dos policiais.

Investigações intensificadas depois de assalto

O comandante do BPTur informou que as investigações foram intensificadas após o assalto a 12 turistas próximo à Mesa do Imperador. Quatro homens renderam os estrangeiros, que não registraram queixa. ■



AS BALAS, a farda e os objetos roubados recolhidos pela PM na mata

Trabalho de quem sabe se orientar

Especialista afirma que traçado é obra de alguém que conhece a área

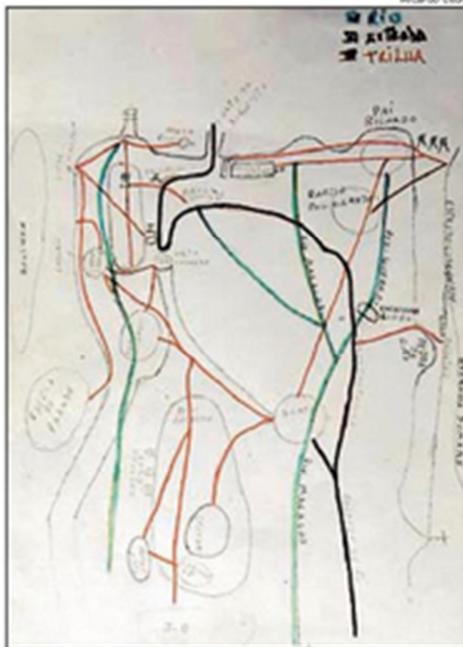
• Um especialista em caminhadas no Parque Nacional da Tijuca analisou o mapa achado pela polícia e concluiu que foi feito por alguém que tem um grande conhecimento da região. O mapa mostra um trecho da Serra da Carioca, que fica dentro dos 3.900 hectares do parque, e ainda traz uma legenda identificando com a cor verde os rios que cortam a mata; com a cor marrom, as estradas; e com a vermelha, as trilhas.

— É a representação de um trecho do parque, um trecho da Serra Carioca, onde estão inseridos a Vista Chinesa, a Mesa do Imperador, os rios, e ainda mostra acessos ao Horto, ao Jardim Botânico. E tem trilhas para a Favela da Rocinha — disse o especialista, que pediu para não ser identificado.

Mapa mostra localizações exatas de pontos turísticos

O mapa mostra à esquerda a Favela da Rocinha, separada da floresta pela localidade de Laboriaux. Apresenta como trecho final de uma das trilhas a Favela do Parque; indica o local exato da Mesa do Imperador; da Vista Chinesa; das Três Bicas; do Rancho do Pai Ricardo; do Bico do Papagaio; e, talvez, o que mais indique ter sido feito por bandidos, aponta, através de desenhos de residências, o que é chamado no mapa de Casa dos Ricos.

Traz ainda a indicação do Horto Florestal, da Pedra do Cão, das estradas do Sumaré e do Corcovado à direita; da



O MAPA tem rios (em verde), estradas (marrom) e trilhas (vermelho)

Mesa Redonda; e do Alto da Boa Vista, entre várias outras indicações.

— Não dá para dizer que tenha sido feito por bandidos. Parece obra de alguém que conhece o parque, os recantos, as estradas. Se foi de bandido, é altamente especializado. É uma coisa para ser investigada — afirma o especialista.

Ele disse ainda que o mapa

pode ser usado tanto para uma caminhada quanto para uma ação criminosa. Ele é útil tanto para um turista quanto para bandidos. Há elementos que ajudam na orientação.

Segundo ele, o parque merecia ter um policiamento bem mais intenso, tendo em vista que se trata do mais visitado do Brasil, com um milhão e meio de visitantes por ano. ■

Floresta da Tijuca ameaçada

Estudo mostra que devastação poderá acabar com a mata em cerca de 30 anos

Martha Bernardes Estrela

A floresta da Tijuca perdura, nos últimos 100 anos, uma área equivalente a 2,571 campos de futebol. Foi a descoberta, em 1962, de um novo método de medição da taxa de redução da floresta que permitiu ao pesquisador do Laboratório de Geomorfologia da UFRJ, que constatou que a mata está sendo destruída por favelas e poluição atmosférica, entre outros fatores, com uma taxa de redução de 1% por ano.

— A principal causa da perda da floresta são as favelas — afirma o coordenador do laboratório, pesquisador Ana Lúcia (Lúcia) Nery, geóloga e geomorfóloga que estuda a floresta há 25 anos.

— Logo, causada principalmente por favelas e queima de lixo, grande parte também a área próxima à queimada. — Ela também tem sido, nos últimos anos, afetada por poluição atmosférica de veículos e grandes eventos.

— Ainda a floresta tem se perdido por outros fatores — afirma Nery.

— Outros são a floresta envelhecida, mas a cidade fica substituindo sua estrutura de floresta — diz ela — há algumas partes perdidas por eventos, ocorrem deslombamentos. Tem, que tem e muito dentro com a cidade e a poluição da mata, causando incêndios. É o caso das favelas do Rio-Açu, na Jacampagui, e das das Jacua e Maricá, na Tijuca.



UM DOS ESTUDANTES que fazem estágio no Laboratório de Geo-Morfologia de UFRJ mostra uma árvore seca, fruto de um fogo que atingiu pelo fogo no bairro

Devastação já atinge Parque da Tijuca

• A área mais prejudicada é a vertente norte do Maciço da Tijuca, de Bonsucesso ao Canal do Mangue. Ali é grande a concentração de favelas e de regiões secas. A área devastada já atinge o Parque Nacional da Tijuca e a tendência é continuar avançando para o interior.

Desde julho do ano passado, o parque, administrado conjuntamente pela Prefeitura e pelo Ibama, conta com uma equipe de oito pessoas que faz a manutenção das trilhas.

— Procuramos evitar que os visitantes criem atalhos, o que prejudica a vegetação — diz o gerente do parque, Luiz Otávio Tebete Mendes.

Para preservar a mata, a Prefeitura tem o projeto Mutirão Reflorestamento. Mas esse reflorestamento, segundo Ana, torna-se inútil:

— O número de incêndios é tão grande que o trabalho se perde.

Para se igualar à floresta preservada, cada área de reflorestada precisa ser conservada e se desenvolver por, pelo menos, 20 anos.

Pelo diagnóstico do laboratório, além do trabalho de prevenção de incêndios, é necessário intensificar o reflorestamento. Só assim será possível manter a área da reserva florestal.

Saiba mais sobre a devastação da Floresta

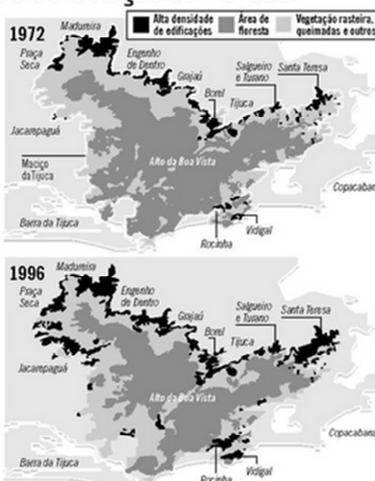
■ A taxa de redução atual na Floresta da Tijuca é de **1 quilômetro quadrado por ano**

■ Nos últimos 24 anos a floresta perdeu **2.571 campos de futebol** de área (um campo tem 70m de largura por 100m de comprimento)

■ As principais causas do desmatamento são **incêndios provocados por balões, queima de lixo e queima para ocupação, seguidas da ocupação desordenada**, não só por favelas, mas também por condomínios de classe média e alta.



Maciço da Tijuca - Área de 119 quilômetros quadrados. A área do Parque Nacional da Tijuca é de 30 quilômetros quadrados



Conheça a história do parque

• Quem passava pelo Parque Nacional da Tijuca encontra, vez por outra, um pé de café. A área de mata fechada já foi usada para plantação no século passado. E até hoje existem, no meio da mata, ruínas de antigas sedes de fazenda.

O contínuo desmatamento comprometeu o abastecimento de água da cidade no século XIX. Para preservar as nascentes dos rios, em 1881 dom Pedro II mandou fazer o reflorestamento da região, chamando para a missão o major Manoel Gomes Archer. Com a ajuda de seis escravos, durante 13 anos foram plantadas 60 mil mudas trazidas do sítio do major, em Cabuçu.

O sucesso do reflorestamento foi total e o Rio conseguiu proteger, em menos de 20 anos, as nascentes dos rios. Assim foi recriada o que hoje é a maior floresta urbana do mundo. O exemplo de reflorestamento foi um dos pontos pelos quais o Rio de Janeiro foi escolhido para sediar a Rio-92, a conferência mundial sobre meio ambiente.

IMPrensa RJ NOTÍCIAS

SEGURANÇA

TIJUCA E ESTÁCIO RECUPERAM A PAZ COM REDUÇÃO DA CRIMINALIDADE

15/09/2011 - 19:05h - Atualizado em 15/09/2011 - 19:07h
» Por Guedes de Freitas

Bairros pertencem às Aisps que tiveram melhor desempenho no cumprimento de metas estabelecidas pelo Governo do Estado

Dois regiões da Zona Norte do Rio, a Grande Tijuca e os bairros do Estácio, Rio Comprido e Santa Teresa, que, nas últimas décadas, conviveram com altos índices de criminalidade, hoje vivem dias de paz. Esta sensação é resultado do policiamento efetivo feito pelos batalhões da PM e pelas delegacias que pertencem às Áreas Integradas de Segurança Pública (Aisps) 1 e 6, e, cujos policiais foram premiados ontem (14/9) pelo governador Sérgio Cabral com um bônus de R\$ 6 mil pelo primeiro lugar no cumprimento de metas de redução dos índices estratégicos de criminalidade no primeiro semestre do ano, no Rio de Janeiro.

Moradores, empresários, trabalhadores e visitantes, todos são unânimes em afirmar que atualmente se sentem mais seguros para sair às ruas. A maioria acredita que a pacificação das comunidades carentes dessas duas áreas influenciou diretamente no combate à violência.

Na área da Aisp 1 (Catumbi, Cidade Nova, Estácio, Rio Comprido e Santa Teresa), houve queda nos registros de homicídios dolosos no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período de 2010: 18 contra 39. E foram efetuadas 61 prisões a mais este ano. O registro de roubos a transeuntes caiu de 486, em 2010, para apenas 283 este ano. Em relação a furtos de veículos, a queda foi de 81 para 39. O número mais expressivo foi o de veículos roubados: 50, contra 154, em 2010.

Segundo o então comandante do 1º BPM (Estácio) tenente-coronel Ranulfo Brandão, hoje à frente do 24º BPM (Queimados), a estratégia para o sucesso foram parcerias com as delegacias da área, 6ª e 7ª DPs, e com os comandantes das Unidades de Polícia Pacificadora dos morros dos Prazeres/Escondidinho, Coroa e Fallet/Fogueiteiro e São Carlos/Mineira, especialmente na diminuição no número de homicídios dolosos e no aumento de cumprimento de mandados de prisão.

Ele também citou a ajuda dos comandantes das UPPs da Grande Tijuca e do 6º BPM para reduzir o número de roubos de veículo, um destaque da atuação da Aisp 1. O destino dos carros quase sempre era naquela direção. Com essa informação, o 1º BPM montou operações nas vias mais usadas pelos ladrões para interceptar os roubos.

– Contamos ainda com o apoio importante do Choque de Ordem da prefeitura para diminuir o número de transeuntes. Muitos desses delitos são praticados por usuários de crack. Com a ajuda da Guarda Municipal, conseguimos acabar com todas as cracolândias da área – contou o tenente-coronel Brandão.

Na área da Aisp 6 (Maracanã, Praça da Bandeira e parte da Tijuca, Alto da Boa Vista, Andaraí, Grajaú e Vila Isabele), os destaques das ações policiais foram os registros de crimes contra o patrimônio: 177 roubos de veículos contra 431 em 2010, uma queda de 254. O roubo a transeuntes caiu de 1.455 para 945, isto é, 510 a menos. Também merecem destaques as quedas de furtos de veículos (menos 102) e de roubos de aparelho celular (menos 94).

O delegado titular da 20ª DP, Rodolfo Waldeck, credita à implantação das UPPs boa parte do sucesso pela redução desses crimes, mas também à aplicação bem-sucedida nas delegacias da área do programa Dedic (Delegacias de Dedicção Integral ao Cidadão), implantado pela Chefia da Polícia Civil.

– Isto fez com que tivéssemos mais efetivo e viaturas para fazer melhores investigações e, com a PM, empreender as ações de prevenção e repressão necessárias. A população hoje está percebendo uma grande melhoria na segurança pública e na valorização dos imóveis – constatou o delegado.

Para o superintendente de Planejamento Operacional da Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional da Secretaria de Segurança, Roberto Alzir, é inegável a ajuda extra para as duas Aisps a partir da instalação de UPPs nas comunidades locais, depois do primeiro semestre de 2010. A atuação dessas unidades favoreceu as duas Aisps na comparação dos índices dos dois semestres. Mas, em sua opinião, o desafio agora passa a ser maior para essas áreas na próxima avaliação de metas.

- Como as UPPs ajudaram a reduzir drasticamente os indicadores de criminalidade violenta dessas duas áreas no primeiro semestre de 2011, há o desafio extra quando chegar o primeiro semestre de 2012, porque a base da comparação será este semestre excepcional de 2011. A medida que se diminui o número de casos há a dificuldade extra de redução desses indicadores em patamares elevados – explicou o superintendente.

Moradores comemoram

A população se mostra satisfeita com o aumento da segurança. Os taxistas são um dos setores mais beneficiados com a pacificação das comunidades da região. Alan Nascimento Freitas, proprietário da empresa Xavier de Brito Taxi, com uma frota de 42 veículos, disse que não poderia ter acontecido coisa melhor para a Tijuca.

– Depois das UPPs, a segurança ficou 100%. Hoje só administro, mas quando rodava fui assaltado cinco vezes. Depois, nunca mais fui nem os demais motoristas. Às vezes, ainda acontece com um ou outro, mas fora da área da Tijuca – afirmou Nascimento, segundo o qual, depois das UPPs, aumentou o número de taxistas que hoje levam passageiros aos morros da região.

A dona de casa Márcia Daudt, moradora do Rio Comprido, mas que vai muito à Tijuca para fazer compras ou passear, disse que hoje em dia anda tranquilamente pelo bairro sem medo de ser assaltada. Ela disse que vê muitos policiais nas ruas e, por isso, se sente segura.

– Não tenho nenhum pinga de medo. As vezes vou andando daqui até o Rio Comprido a pé e à noite. Frequento muito também a Praça Afonso Pena, que adoro. Nunca me aconteceu nada – assegurou Márcia, de 50 anos.

Ganha também o comércio, como atesta Carlos Costa e Silva, funcionário da administração do Shopping 45, localizada na Praça Saens Peña. Ele percebeu que, nos últimos meses, a frequência nas lojas é mais demorada porque as pessoas não têm pressa de ir embora antes de escurecer.

– À noite, a praça ficava deserta. Trabalho aqui desde 1993 e, nesses últimos meses, percebi que deu uma melhorada muito grande. Também a rua onde moro, a Deputado Soares Filho, ficava vazia. Após as 20 horas não passava nem carro e hoje em dia ela anda até engarrafando. Agora, quem saiu ganhando mesmo com a melhoria da segurança foram os bares e restaurantes do bairro. Ninguém saía à noite na Tijuca e hoje está voltando aquele ar boêmio que praticamente desapareceu nos últimos 10, 15 anos – relatou o tijucano.



Encontre em um mesmo espaço serviços públicos facilitando a vida do cidadão e do empresário.

▶ VER TODOS OS SERVIÇOS

DIÁRIO OFICIAL



LUIZ FERNANDO JANOT

Hora de cobrar

Agressividade que permeou a última campanha eleitoral se alastrou de tal modo pela sociedade brasileira que ainda hoje se nota a sua presença nas discussões mais banais. Parece que exteriorizar o ódio está se tornando um comportamento natural e corriqueiro. Agridem-se os adversários como se eles fossem inimigos a serem abatidos a qualquer preço. Essa intolerância é uma velha conhecida desde os tempos sombrios da ditadura. Estou convencido de que toda espécie de radicalismo ideológico obscurece a compreensão da realidade.

No âmbito das discussões políticas, o Rio de Janeiro voltou a ser a bola da vez. Diante do recrudescimento da violência urbana, os debates se voltaram para o papel desempenhado pelas Unidades de Polícia Pacificadora. A permanência do secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, no próximo governo pressupõe ajustes e avanços para corrigir rumos e ampliar os resultados positivos alcançados ao longo dos últimos seis anos. Merece toda a atenção a sua afirmação de que a polícia, por si só, não pode assegurar, no longo prazo, a ordem institucional nos territórios pacificados.

De fato, o estado de direito nessas comunidades só será alcançado quando forem implementados programas sociais, educacionais, culturais e de saúde pública com qualidade. Estas iniciativas deverão ser acompanhadas, obrigatoriamente, da reestruturação da Polícia Militar e da trans-

formação completa do nosso sistema carcerário. Caso contrário, estaremos enxugando gelo enquanto a marginalidade continuará fazendo a festa pelas ruas desta cidade da beleza e de caos.

Mas quando se aborda a questão da urbanização de favelas surgem, de todos os lados, ranços ideológicos das mais diferentes naturezas. Infelizmente, as favelas ainda são olhadas com desprezo e preconceito. Recentemente, tem sido divulgado que a urbanização de favelas implica necessariamente a abertura de ruas com dimensões semelhantes às que existem na cidade. Trata-se de um equívoco a ser corrigido, principalmente quando essas vias se localizam em morros de solo frágil e com acentuada declividade. Essa história de abrir ruas largas em nome da necessidade de circulação de caminhões de lixo, de carros do Corpo de Bombeiros e de viaturas da polícia é uma visão reducionista do problema e que despreza, de antemão, a possibilidade de serem formuladas soluções criativas



Projetos de urbanismo em favelas exigem conhecimentos especializados das condições locais e uma apropriação minuciosa dos valores culturais e sociais

e sustentáveis para responder satisfatoriamente a tais necessidades. Basta um olhar atento para as velhas cidades medievais para perceber o leque de soluções empregadas para a mobilidade da população nas condições mais adversas.

É preciso ficar bem claro que os projetos de urbanismo em favelas exigem conhecimentos especializados das condições locais e uma apropriação minuciosa dos valores culturais e sociais existentes em cada comunidade. Não há como generalizar processos de intervenção urbana em favelas desconsiderando esses condi-

cionantes e o aproveitamento da mão de obra local. A aplicação da lei federal de 2008 que assegurou às famílias de baixa renda a assistência técnica pública e gratuita para o projeto e para o acompanhamento das obras de reforma e construção de habitações de interesse social permanece em compasso de espera, enquanto são construídas as indefectíveis casinhas populares em série e os conjuntos habitacionais financiados pelo programa Minha Casa Minha Vida. Tudo ao gosto das grandes empreiteiras e dos governantes mais interessados em divulgar números do que projetos de boa qualidade. É assim se estabelece um círculo vicioso no qual as novas construções, com o passar do tempo, acabarão se transformando em favelas semelhantes àquelas que queríamos urbanizar. ●

*Luiz Fernando Janot é arquiteto e urbanista
lfjanot@superig.com.br*

Bibliografia

Agache, A. (1930) (org.) Cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embelezamento. Rio de Janeiro, Paris: PDF/ Foyer Brésilien.

Andrade, Waldir.: Manejo de Trilhas

Borde, A. The Genesis of the favela. In: Transforming cities. Rio de Janeiro, Londres: PROURB/AAPP

Cardoso, L. : Salgueiro – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.(publicado pela primeira vez em 1935)

CENSO 2000

Cezar, P. (2002) Evolução da População de Favelas na cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão sobre os dados mais recentes. Coleção Estudos Cariocas IPP

Costa, E. F. da. (2007) Proposta de mecanismos de gestão pública voltados para a minimização de impactos ambientais aplicáveis à área de entorno do Parque Nacional da Tijuca. (Dissertação - MBA em Gestão Ambiental). Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 136f.

Cunha, N. V. (org.) (2006) História de Favelas da Grande Tijuca, Contadas por quem fez parte delas – Projeto Condutores de Memória, IBASE e Agenda Social do Rio.

Deleuze, G. e Guatari, F. (1960), Mil Platôs.

Duarte, C. Doze Décadas de Favelas: da Invisibilidade a Onipotência. Rio de Janeiro

Evolução da população de Favelas da Cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão sobre os dados mais recentes – IPP.

Francisco, A.: Mobilização Política e a Igreja Católica na década de 1950. Projeto de Pesquisa.

ICMBio icmbio.gov.br/

Jacques, P. (2003) Estética da Ginga, A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica – Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Lezy, E. Lezy-Bruno, L. (org.) (2012) Biodiverres. Paris: Libertas.

Malta, R.R.; Costa, N.M.C. Gestão do Uso Público em Unidade de Conservação: a visitação no Parque Nacional da Tijuca – RJ – Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo v.2, n.3.

Magalhães, G. (2011) Coisas do Morro Rio de Janeiro: Reproarte.

Nunes, J. Compans, R. (2009)Espaços Urbanos Seguros: A temática da Segurança no Desenho da Cidade: Revista Brasileira de Estudo Urbanos e Regionais V.11, N.1.

Oliveira, J.S. de; Marcier, M. H. (1998) A palavra é favela. In: Zaluar, A.; Alvito, M. (org.). Um século de Favela. 1980, Rio de Janeiro: FGV

Pauletti, E. 2015.Educação Ambiental em ação

Silva, Jailson; As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas.

Silva, Maria Laís Pereira da. Favelas Cariocas: 1930 1964. Rio de Janeiro, 2005.

Tomassi, Livia de e Velazco, Dafne. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. Revista Inst. Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 56, p. 15-42, jun. 2013

Valladares, L. A invenção da Favela: do mito de origem a favela.com. 2005, Rio de Janeiro: FGV.

Valladares, L. do P. Passa-se uma casa. Análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar Ed.

Vaz, P.; CAVALCANTI, M.; Carvalho, C.; Oliveira, L.: Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário do crime.

Zaluar, A. Alvito, M. (1980). Um século de favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Crime e Polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n.3, p.545-591, set/dez.2007.

Relatório da Missão da Relatoria do Direito à Cidade – Plataforma Dhesca Rio de Janeiro, 18 a 20 de maio de 2011 – Missão Copa do Mundo.

<http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start>.

[htm?infoid=38&sid=3](http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=38&sid=3) (04/07/2012 – 10:20)

<http://www.marcellio.com/rio/entijuca.html> (25/07/2012 - 16:19)

<http://www.oriodejaneiro.net/bairros/tijuca.htm> (30/07/2012 - 17:06)

[upprj.com](http://www.upprj.com) - visita 19-07 as 10:53

http://www.webtv.ufrrj.br/index.php?option=com_content&task=view&id=533&Itemid=9

<http://www2.rio.rj.gov.br/smu/educacao/pouso.html> (visita: 27/01/2013 – 16:08)

<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/#.dpuf> (visita 04/05/2014 – 14:20)